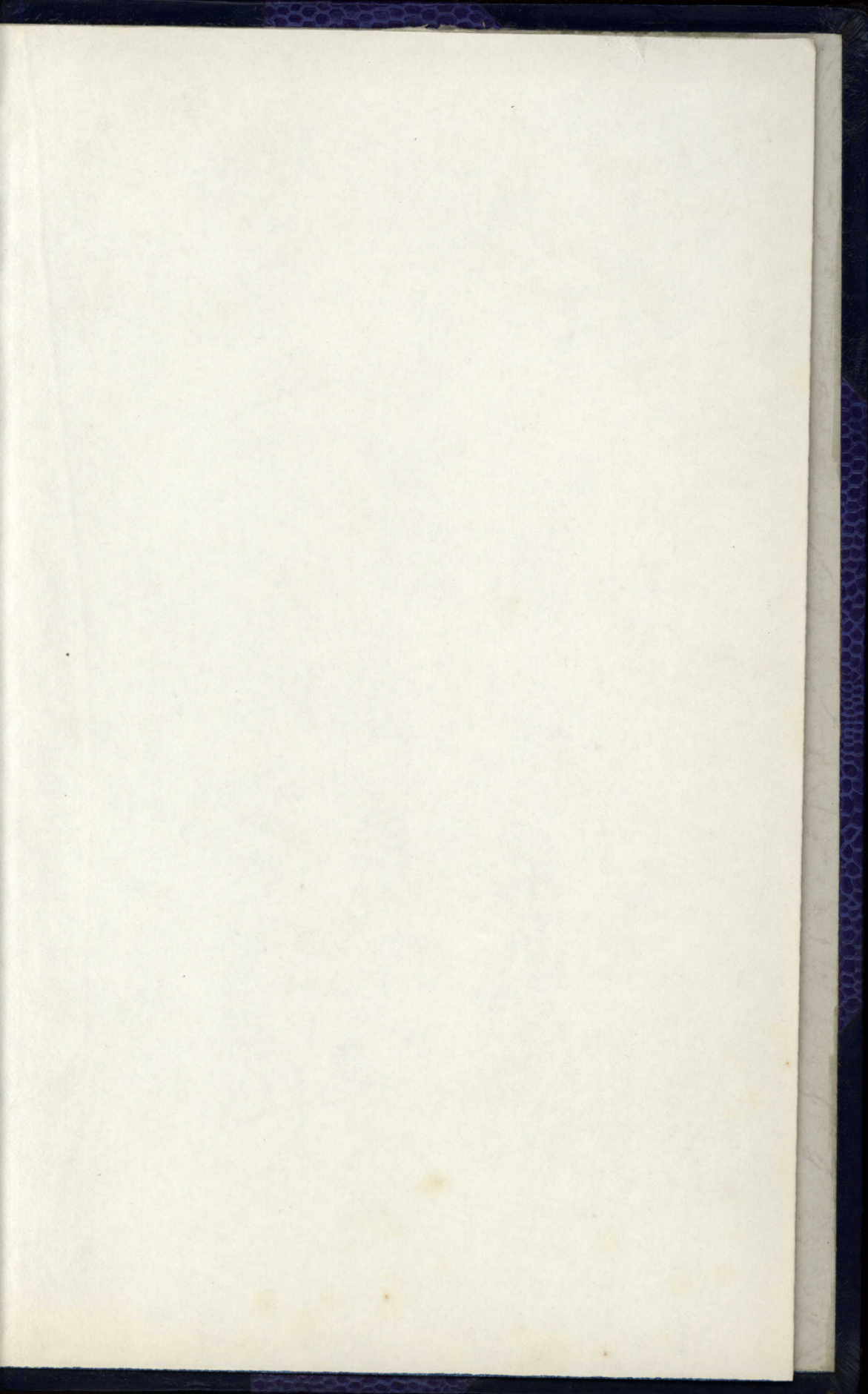




SP

Part

Ficha



7.500

EP
Pork

POR SEM PAZ

CAMILLA CASTELLO

JOSEPH S. S. S. S. S.

JOSEPH S. S. S. S. S.



7

7.00

JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO

POR BEM FAZER...

COM UMA CARTA PRELIMINAR

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E CARTAS DOS DOUTORES

JOAQUIM THEOPHILO BRAGA

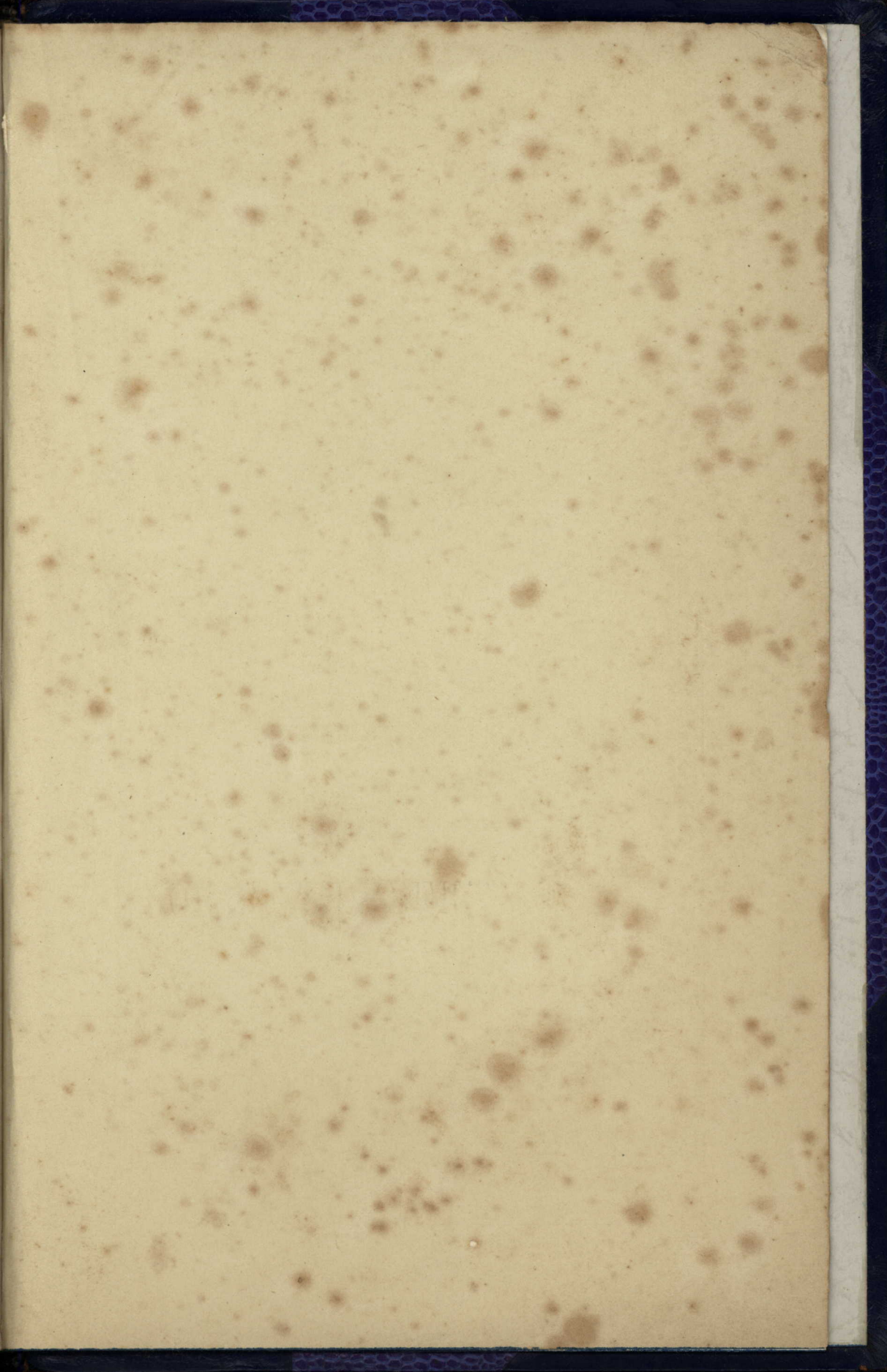
E

ANTONIO FERREIRA MOUTINHO

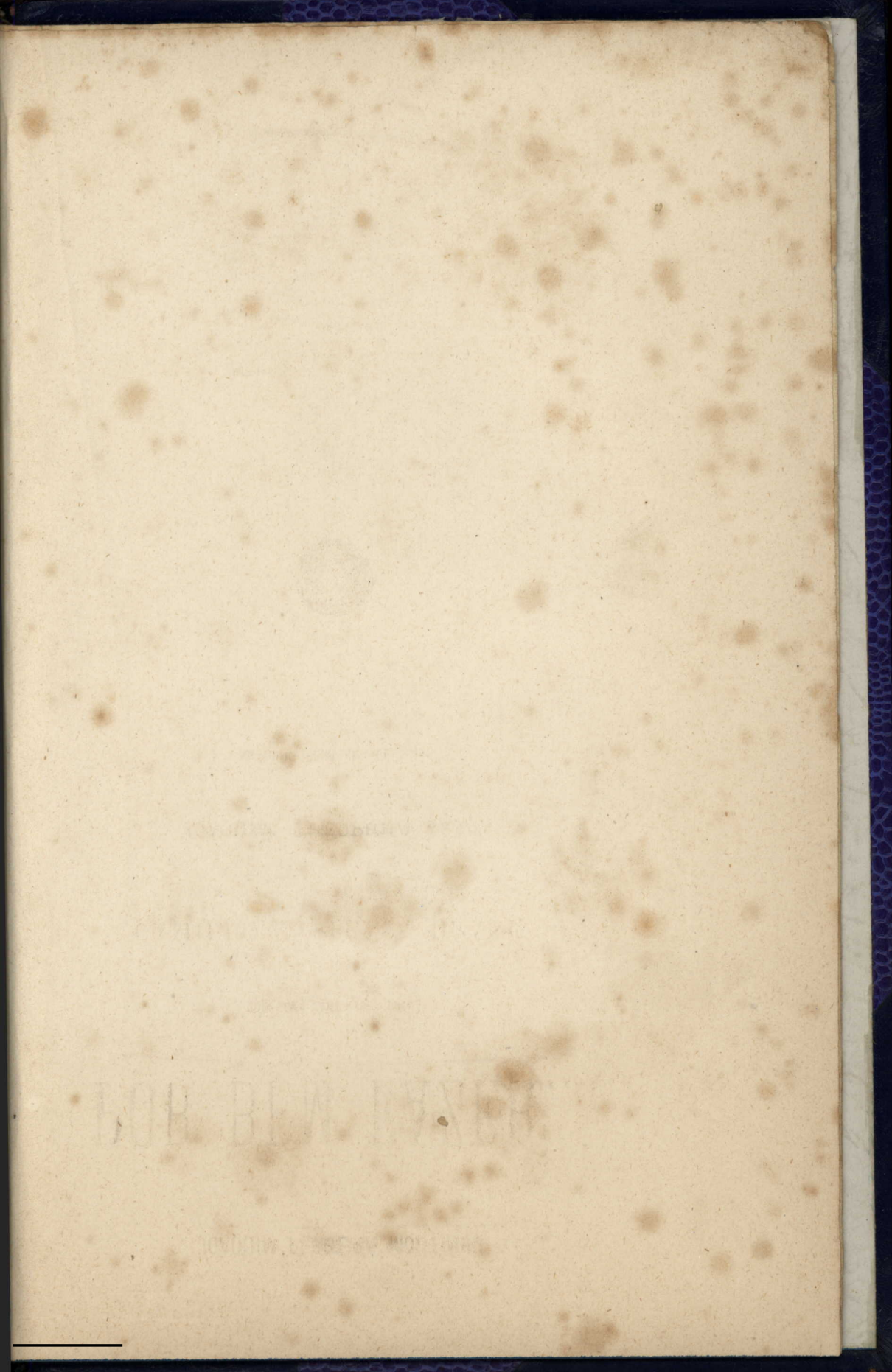


PORTO
IMPrensa PORTUGUEZA
Rua de Bomjardim, 181

1888



POR BEM FAZER...



JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO

POR BEM FAZER...

COM UMA CARTA PRELIMINAR

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E CARTAS DOS DOUTORES

JOAQUIM THEOPHILO BRAGA

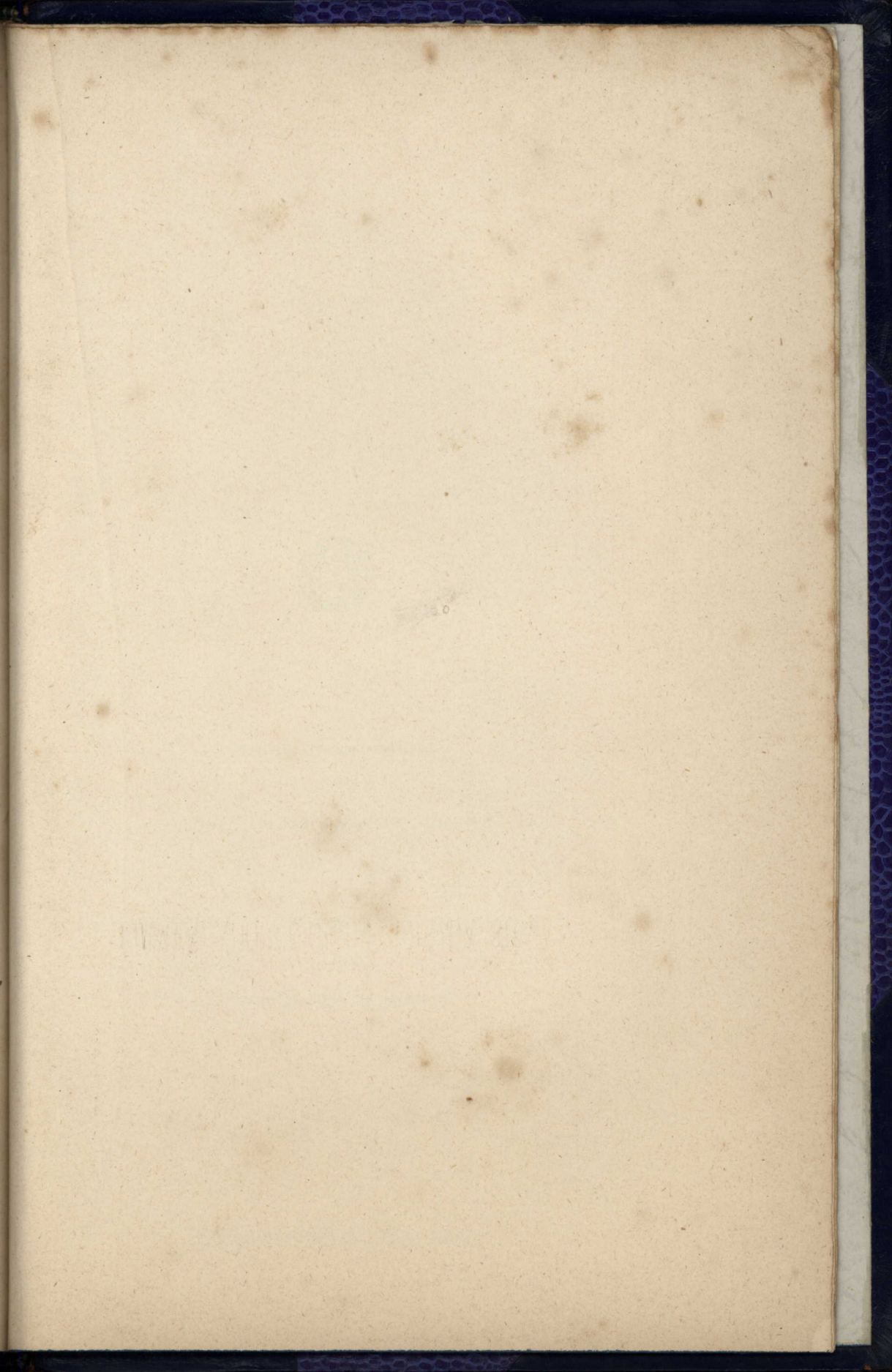
E

ANTONIO FERREIRA MOUTINHO



PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua do Bomjardim, 181

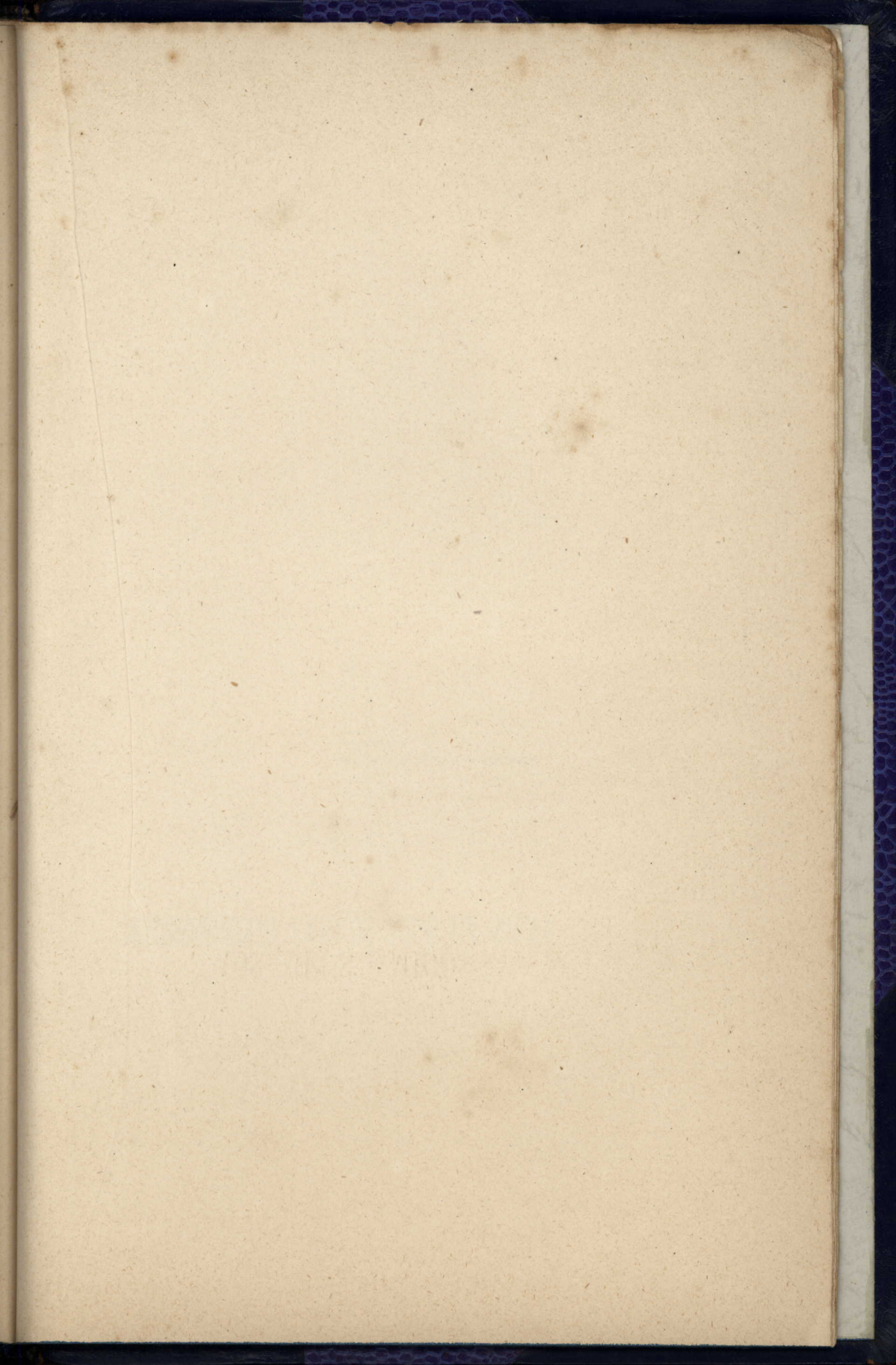
1888



AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SR.

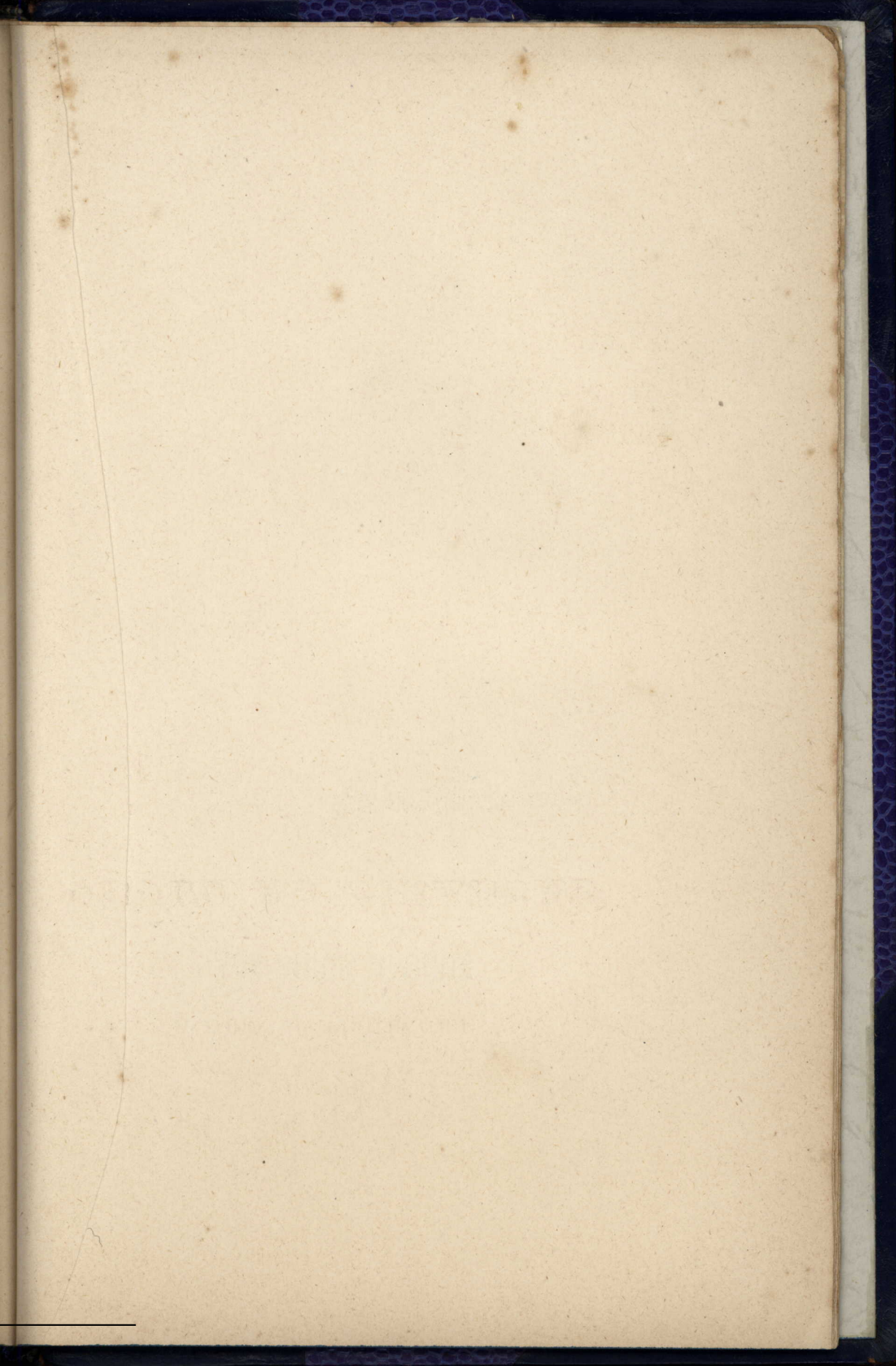
COMMENDADOR CARLOS JOSÉ DA SILVA

*Amicus certus in re incerta
cernitur.*



AOS MEUS AMIGOS

Acima de tudo a honra e a dignidade.



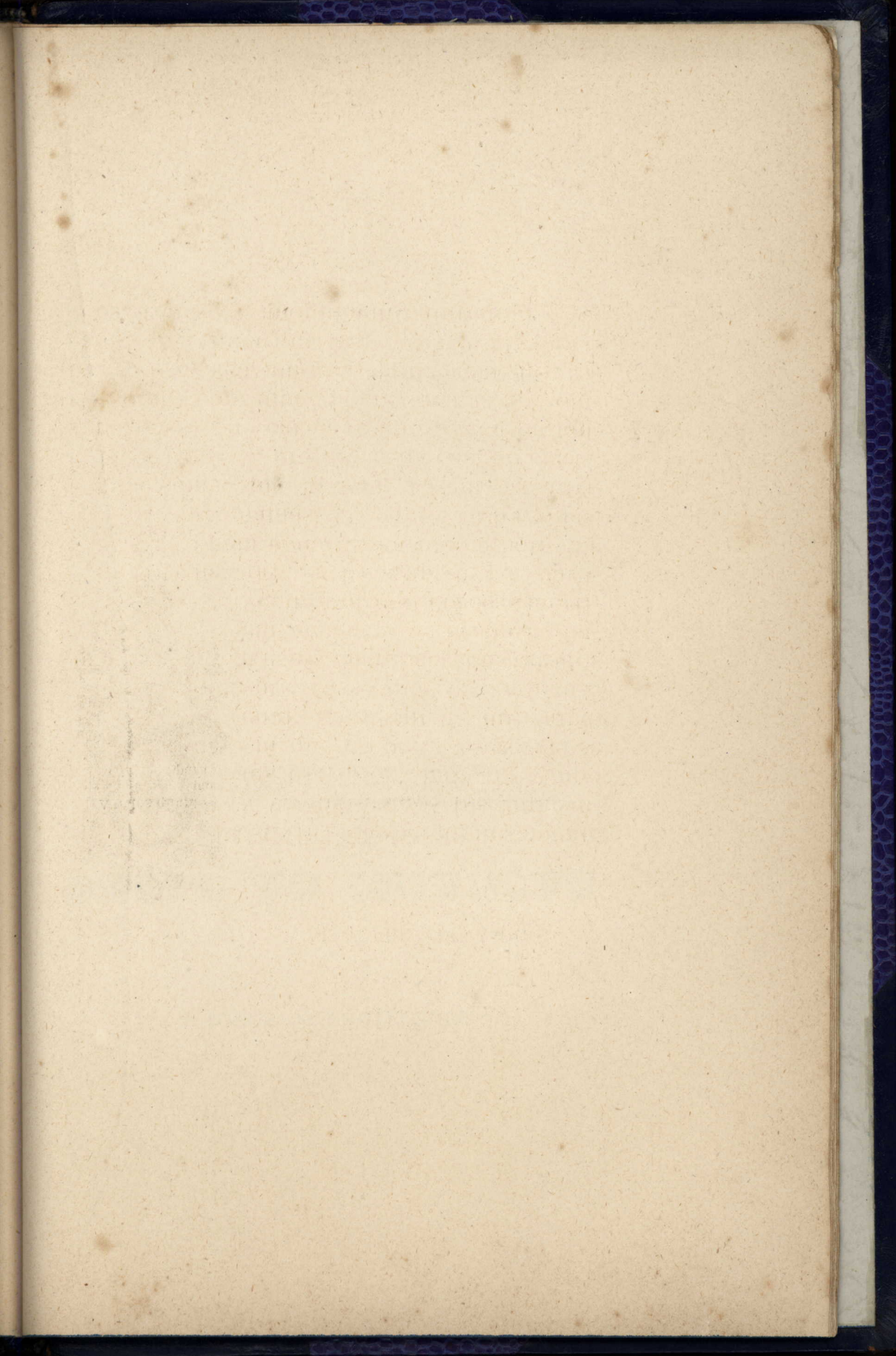
A TODOS OS PROTECTORES

DO

OBOLO ÀS CRIANÇAS

A todos quantos o traduziram e traduzirem em bemditosa esmóla
para a Creche de S. Vicente de Paulo
e para o Real Hospital de Crianças Maria Pia

Reconhecimento e gratidão.



MEU PRESADO AMIGO:



UANDO offereci jubilosamente a v. uns artigos insignificantes escriptos ainda no tempo em que eu podia escrever, se então um propheta authentico vaticinasse que v. por causa d'esses artigos, consagrados em beneficio de crianças, havia de soffrer dolorosas mortificações, eu faria apedrejar o propheta como insensato embora elle se chamasse Ezequiel ou Jeremias.

Quaesquer que fossem, porém, as attribuições que v. grangeou na sua preclarissima missão de caridade apostolada ha tantos annos com uma independencia só comparavel ao seu amor á innocencia desgraçada; quaesquer que fossem essas attribuições, repito, o monumento duradouro em

que v. inscreveu o seu nome entre o de Francisco Sarmento e o meu, tão pouco conhecido em obras benemeritas, jámais poderá ser derruido pela intriga, ou pelo odio inexplicavel. Se por desventura o precioso producto do *Obolo*, tal qual v. o planeára, não chegar como uma torrente de regalias até ás crianças desvalidas, a culpa não será sua. Que Deus não ponha a sua pezada mão sobre a consciencia de quem tentou estere-lizar um grande manancial de esmolas!

V. sabe que eu não posso escrever-lhe por meu pulso. Ha muitos dias, dias de infinito soffrimento como a eterna noite dos cegos, que o meu presado Moutinho me tem sido companhia consoladora, se ha consolação na minha incommportavel agonia. Sabe, pois, com que difficuldade eu poderei applacar as perturbações d'este pobre espirito,

esperando momentos de serenidade em que possa julgar o merito d'este seu novo trabalho cujas paginas escassamente pude ouvir em algumas das horas atormentadas a que v. tem assistido.

Uma observação tenho feito no character de v.: é que o seu affecto ás crianças que brotam na miseria estende-se até aos velhos que se estorcem e morrem na desesperação. Não pódem ir mais longe os missionarios fervorosos da caridade de Jesus, da caridade de todos os homens grandes em cuja fronte scintillou o espirito de Deus que permittiu houvesse criancinhas desamparadas a entrar na vida, e velhos com os olhos fitos, mas já quasi apagados, na sepultura esquecida que lhes vai ser o repouso de quarenta annos de lucta sem triumpho.

Entre estes eu sou por certo um dos que

se honram com a sua desinteressada dedicação e estremada benevolencia. É portanto verdade que v. tem farta messe de consolações a colher entre os abrolhos de dissabores que lhe haja causado o livro infeliz cuja publicação eu promovi. A compensação é grandiosa. Póde queixar-se; mas lamentar-se, nunca.

Porto, 4 de março de 1888.

De v.

amigo muito grato,

Camillo Castello Branco.

Por um acaso que me é infinitamente agradável, coincide a publicação d'este opusculo com o anniversario do meu dilectissimo e illuminado amigo sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho.

Que as almas infantis tão amadas pelo condoido coração do eminente escriptor, façam commigo prece pelo prolongamento de vida tão valiosa e pela minoração da angustia formidanda que ataganta o radiante espirito d'esta lidima gloria portugueza.

16 de março de 1883.

J. F. M.

Não foi um mal, foi um bem para o homem de caridade. Quando a vibora mordeu, sem a damnar, a mão de Paulo, que punha sobre o lume o mólho de vides, os barbaros reconheceram no santo um dos filhos de Deus.

A mordedura engrandeceu o apostolo.

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

A liberdade do raciocínio pôde mover-se sem offensa do respeito devido à sociedade.

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor Carlos José da Silva,
dignissimo thesoureiro da commissão editora do livro
«Obolo ás Crianças»

Depois de procelloza tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento.
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento.

CAMÕES.

DEDICANDO este humillimo trabalho a v. ex.^a,
cumpro um dever dos mais sagrados.

Andavamos para ahi absortos no afan do bem um
punhado de romeiros da fé, mar de esperanças em fóra,
por dias calmos e bonancosos, no batel da caridade, com
os corações a pulsar d'amores e compaixão, esmolando
de riba em riba, de praia em praia, de polo em polo,
luz e conforto para as pobres criancinhas d'esta terra,
auroras e columnas do seu futuro, nascidas em infor-
tunados e desamparados berços, quando, subito, o espí-
rito das trevas, qual nova Juno remoendo-se d'invejas,
a revolver rancores no imo e inflammado peito, a Eólo
se acerca e a troco de nova Deiopeia d'elle consegue,
por alta e atra noite, solta aos furacões, que em horrido
redemoinho tudo devastam, tudo assolam e desvariam
e trucidam e dissonam e matam e derribam e arrasam
e desmantelam...

Tremendo fracasso!

Eramos tres os pilotos: V. ex.^a, Antonio Julio Ma-
chado, bravo, desvelado, magnanimo e prestimoso com-

panheiro, e eu, que, mau fado, estava descuidoso, de quarto ao leme, quando inopinadamente brame medonho um temporal desfeito.

Vacilla o meu animo desprevenido ante o desencadear da horrifica tormenta contra mim alvorotada.

A vela que eu soltára, tão d'esperanças enamorado, tão de animo caricioso, até então inflada pelo brando sopro de brisa fagueira, reteza as enxarcias, entra de palpar convulsa e fremente d'encontro ao mastro e ás vergas que estalam, quebram e baqueiam, e reduzida a pedaços, perde-se no espaço açoitada do aquilão, até que alterosas serras d'agua alcancem os seus poidos restos para os submergir na insondavel voragem, fazendo-os depois surgir em pontos oppostos, dispersos já pela crista dos vagalhões que topetam as nuvens.

E o baixel prestes a sossobrar, joguete do pelago em escarcéos, erra á mercê da sorte pelo ondoso abysmo, azulado pelo relampadejar da borrasca.

Nubla-se o céu momentos antes rutilante de fulgidas estrellas; e rapido como o pensamento, negro crepusculo nos envolve a todos, cegando-nos, titubiando-nos, enquanto o vendaval nos arremessa para o dorso de crespá penedia onde as ondas se desfloram e se despedaçam n'um rebentar de furias.

Era imminente o perigo; tectrico, pavoroso o espectáculo!

— Somos trahidos, vociféra voz em grita um dos da maruja: anáthema, maldição ao piloto!...

— Morra o piloto! responde-lhe irado outro da turma — o mais impetuoso — crescendo sobre mim possesso e enfurecido, fauces abertas, punhos cerrados; hirtos os cabellos e os olhos chammejando labaredas...

Antonio Julio Machado alçando supplices as mãos, alonga as vistas pelas brumas do horisonte, invocando o auxilio da Providencia...

— Onde estás tu, Senhor Deus de clemencia e de bondade, dizia elle, irresoluto e confrangido ante tamanha crueza e desolação?!

E Deus, bem perto d'alli, sorria-se para elle, cobrindo-o, cobrindo-me, cobrindo-nos a todos com o santissimo manto da sua divina protecção:

De mistura com o raivar das vagas, com o fuzilar do raio e o cávo ribombo dos trovões, sentem-se crebros gemidos de crianças e roucas imprecações dos discolos...

Na barca iam comnosco a Creche e o Hospital de Crianças, o mesmo era dizer—ia Deus em toda a sua magestade infinita, inteiro com a sua infinita misericordia.

É que a Deus aprazem provações!

Lavrava o desanimo no seio da tripulação. Começava de desmaiar a crença e de gerar-se a duvida.

A tempestade continuava de troar; os ventos sibilavam sempre impetuosos e desencontrados e o mar erguia-se cada vez mais turbido e alteroso.

— Morra o piloto! repetem mais feras ainda as duas mesmas vozes...

E a praga perde-se nas azas do temporal, sem encontrar ecco na tripulação do lenho fragil.

N'isto

«Um barão se apresenta venerando
«Por seu amor de patria e seus serviços,
«Emmudecem, prestando attento ouvido:
«Este co'os ditos seus lhes rege as iras
«E adoça os corações: assim do pégo
«Cahiu todo o fragor, logo que o nume
«Lhe lança um volver de olhos...»

Era v. ex.^a que, calmo no meio da horrida tormenta em que o céu se desfazia, com voz branda e persuasiva, qual Neptuno, rei das aguas, clamava:

— Sus, Senhores, da discordia provirá o naufragio. Tratemos só de abonancar as alteradas ondas:

Sed motos praestat componere fluctus.

E dextro, vigoroso palinuro, segurando com firmeza a cana do leme, domina o perigo.

Calara salutar o exemplo. Pouco a pouco, vem vindo todos um por um — excepto dous que persistem contumazes — a auxiliar a ardua tarefa da salvação, até darem com o barco aportado á terra que norteavamos.

— Bemdito sejas! soluçavam gratas as criancinhas...

— Bemdito sejas! repetia no empyreo o ecco dos anjos.

— Bemdito sejas! digo eu do fundo da minha alma reconhecida; bemdito e abençoado sejas, venerando exemplar da prudencia e da caridade, que não condemnas sem provas; que té não illudes com falsos visos; que te não curvas a prepotencias; que desprezas alfim o marulhar das paixões para morreres abraçado á causa santa que esposaste, e cujos opimos fructos hão-de ser-te corôa de gloria, quando transpozeres os umbraes da eternidade e a Providencia achegando-te ao seio, te apontar como boa mercê os serviços prestados á Creche e ao Hospital.

E se na terra não encontrares por premio de tuas virtudes mais que uma corôa de espinhos, como aquella que me coube por sorte, volve os olhos pela historia dos benemeritos e verás que não ha verso sem reverso, merito sem demerito, piedade sem ciume, beneficio sem ingratidão, redemptor sem calvario.

Acceite, pois, excellentissimo amigo, n'estas toscas linhas, a singela expressão do meu profundo reconhecimento pela sua justiça.

Ao illustrissimo, e excellentissimo senhor commendador
Antonio Julio Machado

Roborar a verdade, profligando o erro...

ESTE escripto gerado na occasião mais critica e inopportuna para o espirito que o concebeu, em estado molesto, afflicto, espesinhado e acabrunhado,—uma repreza de amarguras—representa simplesmente o desempenho honrado e cabal d'um compromisso todo intimo para com a austeridade e rectitude do brioso character de v. ex.^a

No meio d'uma tempestade desfeita, quando sobre mim choviam raios e coriscos, procurando todos fulminar-me, granizavam tambem sobre v. ex.^a acerrimas imprecações, para o demoverem a dar-me o golpe fatal,—que o seria para o meu animo a condemnação de v. ex.^a

E levaram a cegueira do rancor que me votavam, até magoar tambem, e muito profundamente a v. ex.^a, só porque v. ex.^a me acompanhasse na mais santa e piedosa das romarias da fé e da caridade.

Não permittiu Deus que o estrugir dos improperios e das vociferações abalasse o espirito reflectido de v. ex.^a, tão fortemente, tão inopinadamente, tão inclementemente atacado.

É que as almas bem formadas como a de v. ex.^a, não sabem vêr pelo prisma do mal os reconditos das consciencias alheias antes de sobre ellas incidir o sol da verdade, transparentando-as á luz da razão.

O contrario acontece áquelles que se retemperam de duvidas e de refalsamentos, porque andam sempre em lucta aberta comsigo proprios; e é de lei que o fructo corresponda á planta.

Não ha colher abrunhos da magnolia, nem perfumes do plátano; mas sim veneno da belladona, espinhos da yri e da jussára (palmeiras.)

A psychologia é sciencia realmente difficil, mas a rectidão, a integridade e a inteireza opéram milagres que a suprem proficientissimamente. V. ex.^a acaba de dar um exemplo categorico d'esta grande verdade.

Chagavam-n'o, crucificavam-n'o para que v. ex.^a pronunciasse o seu verbo condemnatorio contra um filho da minha alma acolhido ao seu seio amorosissimo.

E v. ex.^a, que agazalhara o *filho* pela confiança que depositára nos sentimentos do *pai*, collocou-se no seu pedestal de justiça, entre os accusadores e o accusado, e disse do alto da sua integerrima conspiciuidade e direiteza com as palavras do mestre:

«Cada qual deve ser tido por bom, ha-de ser tido por bom, em quanto não conste com certeza, em quanto se não próve formalmente, categoricamente, explicitamente, que é mau.»

«In dubio nemo praesumitur malus.

«Quisque praesumitur justus, donec probetur injustus.

«Verosimile quod non est, praesumitur falsum.

«In dubio omne factum praesumitur recte factum.

Vou, pois, depôr e expôr na ára santa do reconhecimento a melhor e a mais candida das flôres da minha gratidão para com v. ex.^a, e no sagrado tribunal da sua justiça os fundamentos que servirão de base ao seu *verdictum*, pedindo toda a benevolencia para erros e faltas que possa commetter já por insciencia e incompetencia em assumpto de tantá gravidade, já pelo estado naturalmente doente do meu cerebro oppresso e magoado de tanta injustiça.

O escripto para que tenho a honra de chamar a attenção de v. ex.^a, não póde nem deve divertir da linha que aqui lhe traço.

Os vãos da indignação cortei-os todos, em holocausto a v. ex.^a e á causa santa que ambos propugnamos.

Nem a epigrapha escapou á razzia; e por esta eu sinto, que era linda, realmente linda e expressiva, se me não tolhêra o primeiro intento o amor das miseras criancinhas e o respeito devido a v. ex.^a e aos amigos que nos têm resolutamente seguido n'esta trabalhosa jornada.

Segredo-lh'a, porém, aqui para que v. ex.^a avalie o sacrificio que fiz, substituindo-a por outra senão mais modesta, pelo menos mais harmonisadora e conducente.

É do sr. Camillo Castello Branco, o bellissimo trecho de que fui forçado a abrir mão:

«N'este livro não ha grandes theologias, nem controversias esterilisoras, nem sentimentalidades rhetoricas: é um protesto em que esfuzilam coleras sagradas, um rasgar a pedaços a mascara dos calumniadores, um latego de agras ironias quando cumpre verberar com o escarneo, e uma lampada de luz serena quando cumpre mostrar os golpes traiçoeiros que prostraram cadaver a grande, a laboriosa e evangelica milicia de Jesus libertador das almas.»

Sem ideia, pois, de melindrar, e muito menos de molestar alguém, manietado pelo calibre das conveniências sociaes, aliás rôtas para commigo, pago assim o meu devido tributo aos impulsos do coração, asseverando a v. ex.^a que só obedeço ao sentimento da verdade.

À excellentissima commissão editora do livro
«Obolo ás Crianças»

Contraria contrariis curantur.

HYPOC.

DENTRO de animo sereno, coração lavado de paixões, consciencia limpa e convicção profunda na elucidação de um escripto meu, convicto de que obedeco a um dever pundonoroso e sacratissimo.

O silencio sobre a questão sujeita no campo da verdade, equivaleria a confissão de culpa, a relaxação de principios—a honra em almoeda, o character deploravelmente conspurcado e polluido.

Livre-me Deus de tal baixeza, de tamanha indignidade. Era caso para exclamar:—prefiro a morte á des-honra.

Esquivei-me, neguei-me por gravidade a entreter polemicas jornalisticas, que descambam as mais das vezes em retalições pessoaes,—baixissima theoria de fracos argumentadores ou defensores de más causas; e fil-o para, á altura do assumpto, discutil-o placidamente em opusculo sério e delicado.

Não fugi á questão, nem aos adversarios; fugi á vehemencia das paixões, ao azedume do instante que vae da exacerbação do espirito pelos arpoamentos ad-

versos, ao desforço immediato e irreflectido, quando a discussão acalorada, exacerbada, resfolga pelo respiradouro da evasiva affrontosa, villan.

E assim, aqui estou no meu posto de honra, firme como uma rocha, resolvido de pedra e cal a ser sobrio, prudentemente sobrio e discreto, amparado pela lucidez da razão, impulsado pela fixidez da lealdade, desvendando, illuminando um escripto meu, todo inspirado nos mais puros sentimentos de amor do proximo e principalmente da Creche e do Hospital de Crianças, os mais candidos sorrisos do christianismo, os mais beneficos e expressivos padrões da caridade portuense.

É hoje praxe vulgarissima defender accusando; emprestar defeitos, levantar calumnias, menoscar reputações, ferir conspiciuidades...

Não seguirei esta pratica; odeio-a de morte.

O assoalhamento de erros alheios não absolveria os meus; a denuncia de peccados de outrem não purificaria as minhas faltas.

Quando entendo que devo censurar vicios, ataco-os de frente, franca e desassombradamente, sem voltar a face á responsabilidade.

Tenho dado d'isto provas inconcussas.

Aqui, porém, não se trata de correctivos nem de emendas; aqui procura-se esclarecer singelamente á luz da verdade, em culto á verdade, sem refranjamentos, nem ensanefamentos de oratoria, sem acrimonias nem simulações refalsadas, os equívocos dimanentes d'uma perversão de sentido que veio entenebreecer a mais innocente das phrases, em manifesto prejuizo da mais levantada das esmolas para a Creche e para o Hospital Real de Crianças Maria Pia.

Se houve n'isto um proposito de magoar-me, como parece justificar-o o acervo d'injurias que sobre mim resvalou, mal avisados andaram, porque o tiro foi cer-

teiro áquellas duas entidades que pelo seu meritissimo fim, bem mereciam benevolentes e clementes considerações.

Pela minha parte impassivel ás settas da maledicencia, acolhendo-me á sombra da boa philosophia, sigo o exemplo do celebre dr. França, um dos mais grados brasileiros de que guardo memoria, que ao receber por presente uma bandeja de retorcidas pontas, ordena aos seus serviçaes que corram ao jardim colher as suas mais delicadas e mimosas flôres e enchendo com ellas a bandeja já vasia do affrontoso conteúdo, devolve-a acompanhada d'um cartão de visita, onde escreveu com mão firmissima: «cada um dá o que tem».

Ora eu sinto do coração não ter engenho d'onde extraia perfumado *bouquet* para offerecel-o aos meus detractores, mas á falta d'isso dir-lhes-hei como o poeta:

«... Venço as torturas

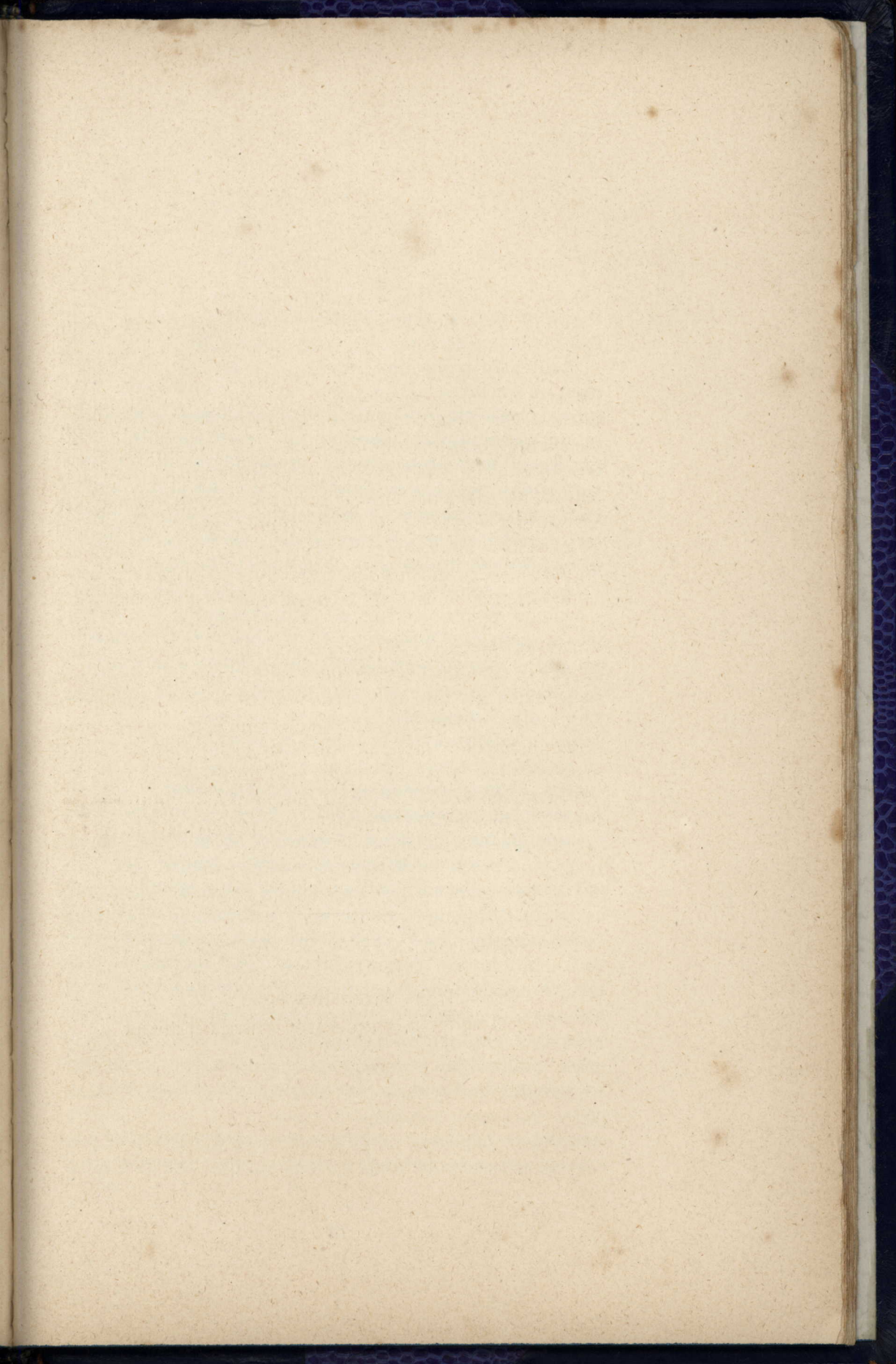
«Porque não sei remorsos o que sejam,

Ou então ainda, como Paulo, *non erubesco*, não me envergonho, pór não ter de quê — graças a Deus.

.....

.....

Á dignissima commissão editora que a despeito do ulular da tormenta formidolosa se houve firme no seu posto, á altura da sua nobreza, os cordealissimos protestos da minha eviterna gratidão e a segurança honrada de que o apparente crime, o negregado crime não passa, quando muito, de um soluço morbido, de um flebil gemido arrancado pela dôr ao peito dilacerado de um *pai* extremose.



Ao excellentissimo senhor Conde de S. Salvador
de Mattosinhos

A LEITURA d'este opusculo vae causar a v. ex.^a uma estranha surpresa, se é que as tubas da fama lhe não levaram já a noticia do triste successo preparado para aquelle livro que eu aqui tão empenhadamente tinha collocado sob a valiosa protecção de v. ex.^a, em beneficio de dois dos mais sympathicos estabelecimentos de caridade que ornamentam esta terra — a Creche de S. Vicente de Paulo e o Hospital Real de Crianças Maria Pia.

Não valeu d'escudo ao livro, sr. conde, o nome adovel e venerando de v. ex.^a estampado na sua frente, como seu benemerito protector; não lhe valeram os nomes gloriosos de Camillo Castello Branco e Francisco Martins de Moraes Sarmento — cujo auctores são; não valeu a respeitabilidade de tantos cavalheiros illustres tão distinctos todos elles, todos em commum empenhados no bom exito do livro para cuja edição tão de bom grado concorreram; não valeu o efficaç auxilio de tantas typographias e lythographias, o concurso generoso de tantos artistas notaveis; não valeu o bom acolhimento que lhe dispensou a imprensa jornalística, tanto do Porto como de Lisboa; não valeu a boa acceitação

com que o publico começou de acolhel-o e remunerar-o ; não valeu alfim a humanitaria applicação, o destino altamente caridoso que teria o seu producto ; nada d'isto valeu, nada pôde obstâr, sr. conde, á guerra encarniçada que contra o livro esfusiou, só e unicamente por que entenderam que assim poderiam desgostar o mais humilde dos seus collaboradores !

Triste, pois não é sr. conde?

Eu acho isto muito triste — desolante...

Que tinham que ver a Creche e o Hospital, sagrados ninhos de amor sobre os quaes se reflecte o enorme prejuizo, á conta de fraquezas humanas?

Aqui tem v. ex.^a explicada a razão porque, por mais de uma vez ousei dizer a v. ex.^a que estimando immensamente a sua vinda e a sua estada em Portugal tinha ardentes desejos de que v. ex.^a se recolhesse, sem longas demoras ao Brazil — a esse berço de hospitalidade, a esse seio de affectos e de carinhos, onde as auras são mais amenas, menos bravias que as de cá.

Era o amor por esta terra, amor acrysolado pela ausencia de tantos annos, que assim me obrigava a ser em apparencia incoherente. Eu temia, sr. conde, com bons fundamentos, que no coração de v. ex.^a, tão fervidamente patriotico e caritativo, se apagasse, como em geral acontece a todos que d'ahi se repatriam, o dulcissimo e nobre sentimento que faz de cada portuguez um heroe quando longe da sua patria e de seus irmãos, os quaes em vez de nos acolherem de braços abertos, nos espesinham e insultam, — *«como se os portuguezes que voltam do Brazil fossem uma especie de lazzaroni, alheios á nossa grande familia nacional, em vez de serem, como são realmente, os mais energicos filhos do nosso abençoado sólo, que o opulentam com a riqueza que grangearam, e que o honram, em quanto ausentes, com o trabalho que nobilita.»*

Não sou eu quem assim fallo, sr. conde, é um dos nossos mais robustos talentos, uma das nossas mais fulgurantes illustrações e notabilidades — é o sr. conselheiro Pinheiro Chagas, escrevendo no bello jornal *O Paiz*, de 3 de Maio de 1886. (1)

Em quanto eu por ahi percorri serras e valles, affrontando a dilaceradora hostilidade das feras, aventureado a todos os perigos e a todos os soffrimentos d'uma região onde a natureza tem até hoje existido solta, exuberante, esquivada ao dominio do homem, distanciada ainda d'essa suprema e triumphadora acção do progresso que arranca florestas, e estabelece cidades e que perfura de tunneis o ventre das montanhas e que acima do infrene galopar dos rios, do referver clamoroso das cachoeiras, acima do mysterio negro dos precipicios colloca a magestosa solidez de uma ponte; em quanto atravessei longos sertões opulentos de emmaranhadas selvas sob a constante ameaça da flecha do indio, traiçoeira e envenenada, pedindo agasalho na *tába* e na *óca*, partilhando frequentemente da vida rude, primitiva e selvagem do Guató, do Kiniquinau, do Guaná e do Guaycurú que vaga errante ainda hoje; em quanto segui por centenas de leguas sem avistar uma unica marca de civilisação, sem descobrir um só vestigio de esforço intelligente e educado; em quanto me achei na imponencia adusta mas

(1) Que grande fatalidade!

Ao momento de entrar esta folha no prelo, dá-se o monstruoso attentado que prostra esta gloria nacional n'um leito de dores e em risco de vida!

Em que mundo estamos?!

Retrocedemos a passos de gigante ao berço da barbarie; voltamos ao cyclo da rudeza!

Que deslustre para Portugal! E tanto maior deslustre, se admittirmos a doutrina de *Quetelet*: «A sociedade prepara o crime, e o criminoso é apenas o instrumento que o executa.»

Apraza a Deus que o terrivel e sinistro sacrilegio não termine por completa desgraça — uma desgraça tremenda, funesta!

sincera d'esses ermos ainda virgens, nunca vibrei nas commoções dolorosas, nas lanhantes angustias, nos abatidos esmorecimentos que me fizeram depois, em terra orgulhosamente civilisada, uma vida de agonia, uma existencia de immerecidas e violentas tribulações. *Quod non fecerunt Barbari, fecerunt Barbarini!*

Quem diria, sr. conde, que eu ainda havia de suspirar em Portugal pela lealdade do indigena americano, que offerece hospitaleira e cordialmente ao recémvindo abrigo nas suas cabanas colmadas de sapé ou de palmas; descanso nas suas rêdes ou *kiçabas* e uma partilha da sua caça, ou da sua pesca, do mel da *jaty* e da *jandyra* fabricado no tronco oloroso do *sassafras*; do assucarado leite da *massaranduba*, das amendoas da *sapucaya* elegante; do saboroso palmito, do especioso creme da *burity*, a mais airosa das palmeiras; do espumante *cauim*, que lhes produz as suas mais festivas alegrias, e, finalmente dos côcos da *uauassú*, dos innumeraveis e delicados fructos, que a terra e as arvores, generosas, lhes dão?...

Em presença d'esta corrente d'aggressão, eu desambicioso e amando a paz serena e digna, parti as azas aos meus ingenuos enthusiasmos e resolvi acolher-me desilludido, mas, sem rancores, á tranquillidade bonançosa do meu lar.

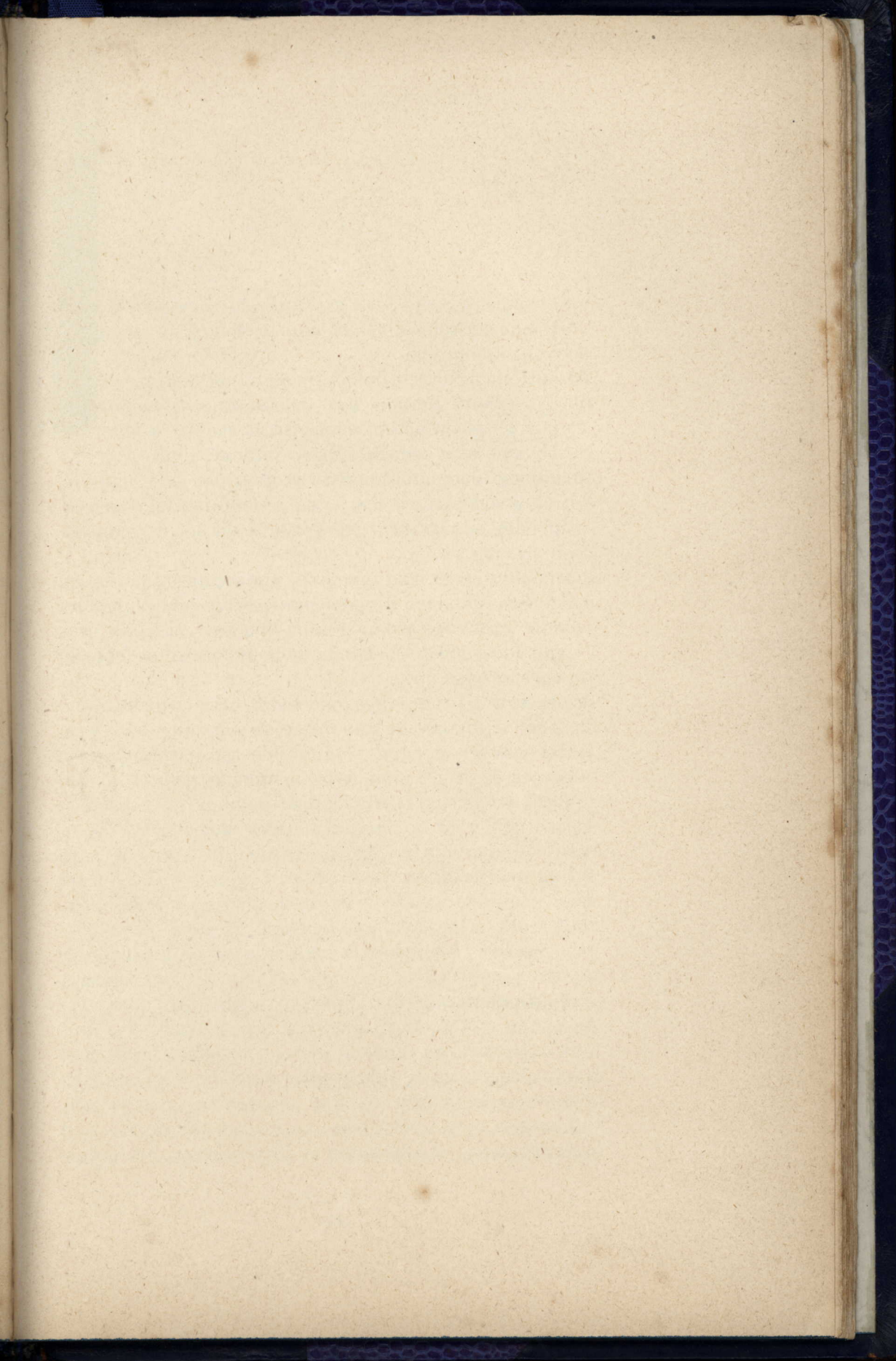
E aqui tem v. ex.^a exposta a razão por que lhe não enviei os exemplares que v. ex.^a, a pedido meu, tão bizarramente se compromettera a distribuir pelo extenso grupo dos seus consideraveis amigos.

Isto de modo algum significa, sr. conde, desejo meu de que v. ex.^a retire a sua imprescendivel cooperação na obra do nosso prezado Camillo, de quem v. ex.^a é sincero admirador.

Eu quero tão sómente indicar que v. ex.^a fará um alto beneficio á Creche e ao Hospital de Crianças, reali-

sando a passagem d'esses exemplares, mas operando por impulso proprio de benemerencia e não em assentimento a uma rogativa minha; pois presumo que o alheamento do meu nome produzir-se-ha em bem da empresa começada. Que Deus o queira!

Escuso de repetir, sr. conde, que o meu peito abriga por v. ex.^a fundos sentimentos de estima, gratidão e respeito.



PRELIMINARES

O caso sabereis mais execrando,
Que até hoje no mundo se tem visto.

O HYSOPE.

Os contaré un extraño cuento, que no
le avreis oydo tal en toda vuestra vida.

CERVANTES.



GRANDE athleta das letras portuguezas, sr. Camillo Castello Branco, em uma das suas bellas e frequentes horas de radiosa benemerencia altruista, compadecido do desconforto que atrophia as tenras vergonteas das nossas classes mais desprotegidas da fortuna, amiserou-se d'ellas e dos pais que sobre afanossas canceiras das lides diarias, teem de curtir maguas pungentes que lhes escruciam o coração, vendo debater-se em desamparado berço os mais queridos pedaços d'alma.

Para suavisar os agrôres d'estas penurias, engendrou e offereceu-me o eminente escriptor um livro collaborado por elle e pelo sr. Francisco Martins Sarmiento — outro benemerito de boa tempera — exigindo porém que esse livro fosse prefaciado por mim.

A causa estranha de tão singular quanto infeliz escolha para intermediario da condolente inspiração, só elle a póde saber. Não duvido porém jurar *in sacris* — que a ideia symbolisa uma fineza mais d'aquella alma generosissima.

Se a gloria fosse transmissível, dir-se-ia que elle tentara dispartir commigo uma parte da que lhe sobeja, como muito conscientemente nol-o affirma o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro. Mas aqui muito á puridade, nem a gloria é cousa que se transmute, nem o sr. Camillo Castello Branco póde crer em glorias, porque sabe que Deus, o proprio Deus—tem em tão pouco as gloriolas d'este mundo, que ás dá sempre aos tolos. ⁽¹⁾

Pela minha parte o que d'ella conheço é fumo, *Fumum et opis*, fumo que se esvae ao mais leve sopro da sorte—*acre fumée de la gloire*.

Martyrios, sei eu que os ha á farta, porque larga messe tenho d'elles colhido.

Ha por ahi quem queira compartilha-los? Tenho-os de todos os quilates, calibres e feitios.

Dizem que os tormentos abrem caminho do céu.

Se assim é, estou direitinho na eterna bemaventurança a par de todos os pobres de espirito.

Cá n'este mundo quem tentar redimir o mal tem certa a crucificação.

Se ha temeridade sandia, diz o sr. Camillo Castello Branco, é querer homem pôr hombros de suporte ao desabar das velhas coisas.

E é assim.

Por bem fazer mal haver. É um evangelho este rião. E não menos o é a apostrophe de Chateaubriand, apontando o *miserrimus* da campa como epithaphio do genio.

As razões d'esta amarissima ironia, sinto-as eu, experimentalmente, na minha humilde pequenez e vejo-as palpitantes nas extensas paginas da suppliciosa historia dos homens de qualquer excepção.

Cicero morre ás mãos dos sicarios do imperador

(1) Vieira de Castro.

Antonio e a sua lingua de ouro, ainda até hoje não excedida em eloquencia, é espicaçada por Fulvia — uma aspide com honras de imperatriz. Pompêo é assassinado no Egypto por ordem de Ptolomêo — que lhe devia a corôa. Caius Julius Cesar no fastigio da fama é apunhalado por seu proprio filho. Catão e Marcus Brutus selam com o suicidio o termo das suas glorias e o mesmo fazem Chatterton e Demosthenes repastando-se com veneno.

Napoleão consagra-se heroe nas asperidões de Santa Helena.

Maximiliano, o imperador do Mexico, grava o seu nome nas paginas da posteridade, morrendo martyr.

Se Maximiliano era integralmente justo, e superiormente lucido...

Camões pede esmolas pela bocca de Jau. Shakespeare mendiga o pão da subsistencia. Alexandre Herculano *vende azeite às canadas!* Camillo Castello Branco curtindo dores horriveis no seu leito de soffrimentos em Seide, contempla o indifferentismo dos governos do seu paiz, que o fazem visconde, mas não poderam ainda dispensar qualquer somma para a reimpressão das suas obras, verdadeiros thesouros da melhor vernaculidade.

Do Capitolio á rocha Tarpeia não vae mais que um passo.

Os hymnos da gloria dos genios são sempre mesclados dos gemidos da dôr produzida pela mordedura da hydra, que lhes é inseparavel.

Aspire pois quem quizer ao renome do futuro. Eu só quero que me deixem, em paz pelo amor de Deus, viver ignorado no recanto do meu lar.

E que espiritos rellhos não tomem como vaidade os poucos mas sinceros impulsos de caridade, que tenho manifestado em proveito d'aquelles que a desgraça flagella.

Que eu tinha previsto distincta e claramente os resultados funestos da obstinada e honrosa consideração do sr. Camillo Castello Branco, provam-n'o, a minha reluctancia em obedecer ao seu imperioso mandato e as significativas palavras que exarei no malfadado escripto, classificando de *escorregadias* e *compromettedoras* *aquellas culminações*.

Para commettimento de tanta monta urgiam aptidões que nunca tive.

Depois era certo que as condições da vida actuariam profundamente no espirito da obra; e estas eram então, como são hoje, desgraçadamente attribulativas, mortificantes, oppressoras, remordentes.

Imagine-se um horisonte obumbrado de nuvens negras, ou frigido tumulto aberto em cáva escura de deserta e aspera penedia, açoutada pela furia das borrascas, e ter-se-ha a imagem fiel do meu espirito, quando aceitei a ardua tarefa que não podia de fôrma alguma rejeitar, porque prézo até á veneração o sr. Camillo Castello Branco e porque o fim do seu intento se harmonisava perfeitamente com o meu animo, proporcionando-me optima occasião de pagar bizarramente uma divida sacratissima ao sr. Antonio Julio Machado ⁽¹⁾

(1) E' publico e notorio que a repetidos e instantes rogos meus se deve o ter o sr. Antonio Julio Machado com um grupo de distinctos amadores seus amigos realiado no salão Gil Vicente, em beneficio do Hospital de Crianças Maria Pia e da Creche de S. Vicente de Paulo, uma *soirée* musical, com a formosa opera — *O Barbeiro de Sevilha*.

O sr. Antonio Julio Machado era de muito tempo extrenuo protector do Real Hospital de Crianças; s. ex.^{ma} esposa pertencia até á commissão das senhoras zeladoras d'aquelle pio estabelecimento, e pois é evidente que preferisse applicar o producto da sua bellissima diversão artistica em puro beneficio do Hospital.

A divisão com a Creche, pelo que esta auferiu a importante somma de duzentas libras ou novecentos mil réis, importaria um prejuizo grande por mim causado ao Hospital, se eu não procurasse retribuil-a.

Seria pouco cavalheiroso prejudicar o Hospital que tanto precisa da publica protecção e tão digno d'ella é.

Animado dos melhores desejos, fiz quanto em mim coube por bem corresponder á singularidade da fineza.

Enverguei a minha casaca, calcei luva branca e dei toda a expansibilidade ao mais elevado dos meus sentimentos. Abri o coração de meio a meio deixando filtrar pelos bicos da penna a essencia do mais entranhado reconhecimento e de cordialissimo e devotado affecto pelas criancinhas desventuradas.

Pedi, pedi instante e affincadamente.

Sabe o leitor o que é pedir?

Sabe bem a força desoladora d'esta palavra horrenda?

Pedir é rasgar brecha larga a todos os insultos e a todas as vilanias. É abrir, é escancarar portas ás injurias e ás affrontas a pezo e a troco dos maiores dos sacrificios. Pedir é trocar a independencia pela escravidão, a soberania pela baixeza.

Que ha ahi que mais custe do que estender a mão supplicante e descer a um rogo qualquer sempre importuno?

Com este intuito tinha deliberado promover um festival no Palacio de Crystal, em benefício dos dous estabelecimentos e para isso conseguira a cooperação muito valiosa do sr. Delphin de Lima. Apresentando-se troços á realisação d'este empenho, cahia-me do céu o livro do sr. Camillo Castello Branco para o qual obtive poderosos auxiliares — optimos incentivos para uma esmola importantissima, se de permeio se não interpozessem as sabidas contrariedades.

A estensa série de desgostos que o sr. Antonio Julio Machado colheu d'esse acto benemeritissimo, tem immediata relação com aquelles que eu vou provando...

Medita s. ex.^a n'estes factos.

E' o caso: por bem fazer...

Como presidente da Creche, foi meu ultimo acto n'aquella direcção fazer a s. ex.^a a devida justiça, na seguinte proposta que dá o molde do reconhecimento que sempre lhe votei.

—Considerando que o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Antonio Julio Machado, um dos vultos proeminentes da sociedade portuense, tem prestado a esta Creche os mais valiosos e relevantes serviços;

Considerando que ao seu amor e caridade deve esta Creche muito do seu esplendor, não só pela concorrência de avultadas quantias, como pela

Pois eu pedi—mendiguei de porta em porta, de ricos e de pobres, pelas typographias e lythographias, por casa dos brochadores e impressores; pedi ao artista e ao capitalista—até obter gratis para a Creche e para o Hospital de Crianças 5:000 exemplares do formoso presente de Camillo Castello Branco e de Francisco Martins de Moraes Sarmento.

O publico em geral appreciou bem os meus esforços e a imprensa elogiou os meus trabalhos; alguém porém e muito impiedosamente, só quiz ver negruras onde eu despontava apenas claridades.

É manifesta a má vontade, embora a obra não attingisse o *desideratum*.

É evidente que sob influencias tão deleterias e dissolventes como aquellas que me pesavam no espirito, eu não podia de fórma alguma produzir cousa de geito. Seria tirar oleo de um seixo, já não digo agradar, mas merecer ao menos o beneplacito geral.

cooperação e serviços pessoaes muito acima de todo e qualquer apreço, pelo que muito bem mereceu o diploma de socio honorario, que lhe foi conferido em sessão de 4 de dezembro de 1886;

Considerando que depois d'isto promoveu s. ex.^a, a expensas suas, uma festa de caridade em beneficio d'esta Creche e do Real Hospital de Crianças Maria Pia, effectuando-a com inextinguível brilhantismo no salão Gil Vicente do Palacio de Crystal em a noute de 14 de abril corrente;

Considerando que o valor de 900\$000 réis, por s. ex.^a enviado a esta Creche como producto do referido beneficio, é muito superior áquelle que realmente foi apurado;

Considerando que o benemerito protector d'esta Creche, além de immensos sacrificios e contrariedades, abalisou sua enorme philantropia despendendo-se ainda de somma muito aproximada a cem libras—despezas inherentes á representação do «Barbeiro de Sevilha» por amadore;

Considerando que esmolos d'este quilate formam realmente uma excepção muito singular;

Tenho a honra de propor:

Que na acta d'esta sessão se lavre um voto de profundo reconhecimento e gratidão por, tão assignalados serviços, enviando-se a s. ex.^a uma copia da parte que lhe fôr relativa, como signal da mais subida consideração; e outro sim, que se mande immediatamente tirar o retrato do conspícuo bemfeitor para ser collocado na galeria dos inclitos protectores d'esta Creche.

A critica tem por certo razões de sobra para largas censuras, mas da critica leal e sincera á opposição cega e accintosa, vae distancia enorme.

A minha obra não desmente o principio: obedeceu á lei.

Se Augusto e Mecenas houvessem sido Neros, em vez de bajulatorias, seriam mordentes as allusões de Virgilio e de Horacio.

Se os annos não pezassem, a Odysséa seria como a Illiada uma aurora risonha e doirada dos frescores da mocidade, explosindo sorrisos gentilissimos do vigor em acção; e não o occaso do genio a tocar o limite da sua estensa jornada.

Faustino Xavier de Novaes, cujo estro diamantino e fulgurante medrou na grande inspiração da satyra jocosa e faceta, não saturaria de tanta algidez as suas — *Poesias posthumas*, se o crepusculo da eterna noite se lhe não desdobrasse intensissimamente negro e des-sesperador, se o coração atenazado lhe não transudasse amarissimo fel.

A vastidão e magestade dos mares como a imponencia dos palmares do Oriente espelham-se, christallisam-se nas soberbas estrophes do poema de Camões. (1)

O verbo da saudade sublimado por Garrett refrange ao vivo as agonias do exilio.

O sentimento e a suavidade da celebre novella *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, synthetisam a paz e a ventura d'um amor tranquillo e feliz.

O meu pobre e despretencioso escripto resumbrá sómente confrangimentos e azedumes; ais lacerados entre labios frementes...

É que os desgostos premiam n'alma!!

(1) Que horrendo pesadume lhe trucidaria a alma para elle verberar o anjo de seus sonhos chamando-lhe cadella?!

Pretende alguém que elle seja um ninho d'explosões e de vinganças; germen de protestos e de recontros e desafios; de maldições e de vilezas; o diabo em figura de escripto com as chammas ardentes do inferno.

Porque?

Que artes teria Satan para assim me combater a consciencia e torcer os bicos á penna?

E é certo que não houve *candura* que se não enrubescesse; *innocencia* que não fremissem; *pudor* que não desmaiasse ante o condemnado escripto — julgado muito antes de ser lido!!...

Todas as *castidades*, todas as *virgindades* e *probidades* — as *probidades* principalmente — se deram por maculadas, vilipendiadas e conspurcadas sómente com a noticia de que o livro tinha um gripho...

Um gripho! santo Deus!...

E não arrebutaram os prélos do sr. Teixeira com o pezo enorme, descommunal do fabuloso monstro?

Assombrosissimo!

Um gripho no livro da caridade?!

Que horror!!...

E ha desoito annos em Portugal, conservava eu o raro phenomeno occulto a todas as vistas, ignorado de todo o mundo, para o soltar assim d'improviso no *Obolo ás Crianças* em risco de que o bicharoco engulisse a população do Porto!

Pois é verdade, o gripho lá está, mas manso como um cordeiro, pacifico como um borrêgo, pasmado de ver tantos arrufos, tanta cambalhota no Olympo; á ponto de se desboroarem os proprios templos! de se declararem «grêves» por toda a parte...

E nem houve meios de conter os raios aos céos; trovejou no espaço; houve tourada em plena praça — Vingou a urdidura da intriga!...

A Jequiri da America, da familia das sensitivas,

retrahe-se a um levíssimo tóque, para mais intensificar o corrosivo e lethal veneno que esconde no seu amago!

Chegou até ao silencio das campas o explosir de susceptibilidades.

Phaedro, de ha tantos seculos reduzido a subtilissimo pó, treme receioso de que lhe vão perturbar o eterno somno á conta d'aquelles vèrsos,

«Utinam.
«Pinus bipenni concidisset Thessala»

— Oxalá que nunca os pinheiros da Thessalia houvessem cahido a golpes de *machado* no cume do monte Pelio!

E o mesmo acontece a Virgilio, por haver na sua Eneida incendiado o palacio de Priamo com os *fachos* arrojados pela sciria juventude, deslocando-lhe dos quicios as bronzeadas couçoeriras, á força de herculeos golpes do famoso *machado* de Pyrrho, que até bronzes rompia.

«una omnis Scyria pubes
«Succedunt tecto, et flammæ ad culmina jactant,
«Ipse inter primos correpta dura bipenni, etc., etc.»

Almeida Garrett, frême de medo pelo seu Camões:

«Pesados lutos e arrastados fummos
«Cobriam, perto, amigos e parentes
«Funebre silenciosos. Arde em torno
«Renque de *brandões* pallidos; e affumam
«Do imbalado thuribulo os vapores
«Da resina saben»

Heraclito volve a lamentar e chorar a impudencia e as loucuras dos adais da attrabilação.

Democrito, finalmente, accorda para rir-se ainda das fraquezas humanas.

Não faltou, pois, gaudio aos escarninhos nem faltaram lagrimas aos compassivos.

E eu choro com estes e rio-me d'aquelles.

—Quem te deu uma philosophia tão alegre? Perguntava o conde de Almaviva a Figaro. Foi o habito da desgraça — respondeu o barbeiro andaluz; — com receio de chorar, principio por me rir de tudo.

..

Em uma época tristemente celebre como aquella que vamos atravessando, quando nos comicios se descarnam as más hediondas mazellas e o jornalismo denuncia diariamente os maximos desmandos e prevaricações, dirigindo a individuos e collectividades — sem o minimo protesto por parte dos accusados — as mais ignominiosas affrontas e os epithetos mais descaroaveis e injuriosos, é notavel que um escripto meu, todo consagrado á caridade, sem intenção ou premeditação de offensa, levantasse tanta poeira e promovesse tanta cizania.

Prova este excesso de puritanismo, ainda aos mais desprevenidos até, que n'esta tropelia extraordinaria ha um fim occulto, truculento; muito outro d'aquelle que se pretende aparentar sob o manto d'uma cordura delicadissimamente exquisita.

Podesse eu ter condensado no meu escripto a summa de toda a eloquência, o epitome de toda a rethorica, engolphado sempre no mais puro e affectuoso amor; fallasse eu ali pelos labios do proprio Christo, era certa a opposição tenaz e acintosa que contra mim se manifesta e desencadeia. Estava d'antemão lavrada a sentença; era plano combinado — fatal.

Vem de longe esta animadversão rancorosa, este odio mesquinho e inveterado, mas impotente — porque

esbarra na firmeza da minha consciencia e na inflexibilidade da minha independencia.

Ha pois uma causa secreta, incognita, que move todos estes tramas mesquinhos e malevolos?

Parece evidente que sim.

Não se precisam grandes atilamentos, nem agudezas de perspicacia para bem o perceber.

Está no ar.

É o caso de Baudelaire :

*C'est le Diable que tient les fils qui nous remuent !
Aux objets répugnants nous troucons des appas ;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent.*

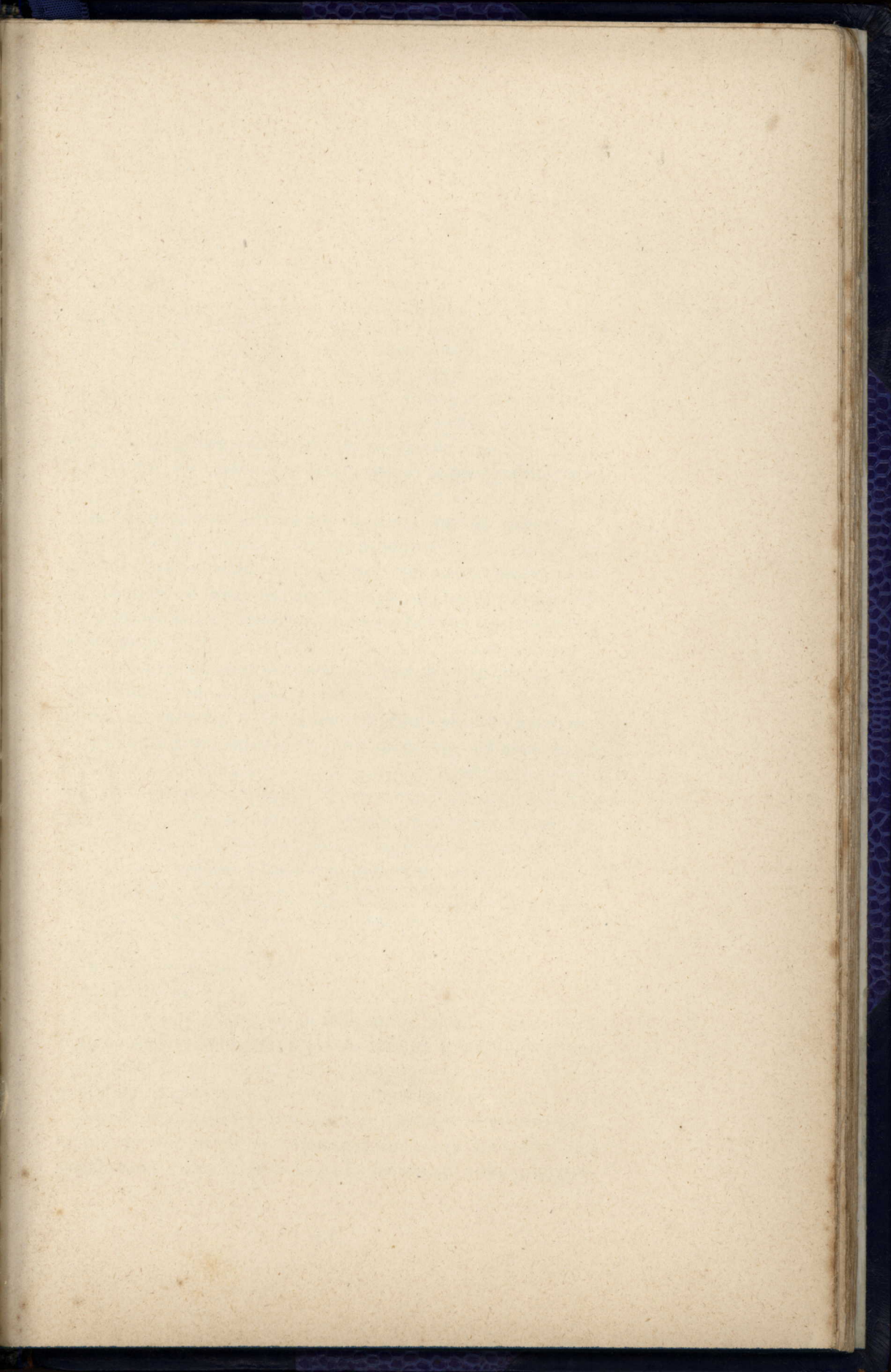
.....
.....
.....
Eu suprimo aqui uma boa duzia de paginas escritas com energia e exactidão, paginas que penetrariam fundamentalmente no espirito do leitor !

Deixei-as de remissa para o caso de ultra justificação reclamada.

Retirando-as, obedeci á observação de amigos e sobre tudo ao amor que tenho pelos estabelecimentos de caridade pelos quaes venho ainda uma vez mais pugnar com o coração limpo de resentimentos.

Felizes os que sabem lèr pela cartilha de Balzac :

*Allons, de l'égoïsme, de l'esprit, et de l'impudence,
et tu seras bientôt dans les grandeurs.*



ACCUSAÇÃO E DEFESA

Houve quem visse n'aquelle gesto um
sarcasmo intencional.
Ha gente que nasceu para vêr tudo.

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

DEFRONTEMOS a questão, estabelecendo as bases do processo sujeito ao *veredictum* do leitor.

Versam os pontos da accusação firmada em apreciações accomodaticias a bel prazer e capricho de censores cujo criticismo pecca pela insciencia e pela incongruencia:

1.º Em eu ter deslealmente compromettido a boa fé de um amigo, associando-o, inconscientemente, a um insulto directo a seu irmão.

2.º Em ter alastrado toda a minha bilis rancorosa n'um livro destinado á caridade, insultando satyricamente dois individuos.

E, como prova de tudo isto, apresentam a Lenda estampada no proemio do *Obolo às Crianças*, onde se vêem sublinhadas, gryphadas, as palavras — *machado* e *brandão*!!

Esta a summula das accusações que ouço por ahi propaladas pelos defensores do libello accusatorio.

Eu impetro do leitor o sacrificio de lêr o referido proemio despidido de paixões ou prevenções.

Seja elle o auto de corpo de delicto.

Por longo o não transcrevo aqui, nem mesmo devia fazê-lo, porque aquelle escripto deixou de ser propriedade minha, passando a sê-lo do Real Hospital de Crianças Maria Pia e da Creche de S. Vicente de Paulo, em cujo beneficio o elaborei.

Se nada vale, queimem-n'o, mas, por Deus, não o deturpem, não o envenenem com a baba peçonhenta da intriga miseranda.

Diz o réo em sua legitima defesa :

Que a Lenda incriminada não tem que vêr com as pessoas indigitadas como offendidas.

Que nunca levou em mira offender directamente pessoa alguma e muito menos comprometter o amigo em questão, a quem no mesmo livro dá franca, convicta, leal e sinceramente exuberantissimas provas da mais subida consideração e da mais affectuosa estima.

Que se quizesse bisturisar alguém, outro e muito outro seria o processo; accrescendo que boas razões tinha para o fazer.

Convém notar-se, que nunca o auctor da Lenda foi convidado a explicar o sentido com que a escrevera.

* *

Acima de todas as considerações n'esta mesquinha pendencia, estava para mim a pessoa do sr. Antonio Julio Machado, cavalheiro a quem, — á parte a intima devotação que lhe consagro, — deve a ideia do livro o mais decidido e valioso apoio.

O sr. Antonio Julio Machado é o amigo que os *puristas* consideram por mim illudido.

Logo que a dissidencia se accentuou, entendi do meu dever e muito espontaneamente, dirigir-lhe a se-

guinte carta, cujo texto confirmo em todo o seu vigor e plenitude:

«Meu ex.^{mo} e prezadissimo amigo sr. Antonio Julio Machado:

Vim hontem de sua casa acerbamente magoado, a sentir no fundo d'alma as attribulações do seu espirito recto e são.

Por mais santa e justa que se me afigure uma ideia que tente objectivar na pratica, encontra sempre asperzas e acarreta-me mortificações. N'este ponto o destino é-nos por vezes semelhante. Mas embora! que quando a consciencia está limpa, mais cedo ou mais tarde, triumpha de todos os obstaculos e a verdade surge com todos os seus resplendores.

É o que ha de acontecer, creia v. ex.^a—e creia isto bem!—com a *Lenda* que escrevi no livro de Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmento, livro de que v. ex.^a tem sido o mais fervido apostolo e o mais desvelado protector. E não se arrependa v. ex.^a de quanto tem feito, porque tem cooperado n'uma obra excelsamente caridosa e macissamente civilisadora.

Só um espirito muito meticoloso póde ver n'essa *Lenda*—aliás intencionada—uma allusão injuriosa. Sou d'isso inculpavel, absolutamente inculpavel; e nada respondendo, nem posso responder por interpretações mais ou menos phantasiosas, mais ou menos pessoas, que outrem queira fazer do meu escripto. O que posso attestar, o que devo attestar a v. ex.^a, sob a minha palavra de cavalheiro, é que esse lanço do livro não ressumbra a minima offensa, nem por allusão, a qualquer membro da sua ex.^{ma} familia.

Faça-me a justiça de crer que, fossem quaes fossem os sentimentos que condensei e intentei velar sob a fôrma de uma parabola, todos elles eram irreprehensi-

veis e nem de leve vão d'encontro ao nome respeitavel e por mim adorado de v. ex.^a

Abro francamente a v. ex.^a a minha alma. Devo fazê-lo porque v. ex.^a, sobre provas irrefragaveis de um bom amigo, tem-se affirmado incomparavel collaborador d'esta grande cruzada do bem.

Mas se, a despeito de todas estas explicações—agora particulares e intimas e opportunamente mais solemnes e publicas—v. ex.^a se não der por satisfeito, por qualquer consideração que seja, exoro-lhe que sujeite a referida passagem ao seu esclarecido criterio ou ao criterio de competentes, e se alvitarem que ella deva ser modificada ou expungida curvo-me resignado diante d'isso, porque este livro tão beneficemente protegido por v. ex.^a não é de discordia, mas é todo de *Caridade*.

Use amplamente v. ex.^a d'esta carta como entender e aceite os firmes protestos da minha mais alta estima e indelevel gratidão; pois deveras sou

Porto, 5 de novembro de 1887.

De v. ex.^a
amigo e admirador

Joaquim Ferreira Moutinho.»

O sr. Antonio Julio Machado que nada tem de insciente, e muitissimo de cavalheiroso, pesando bem a sinceridade e lhaneza com que o tratava, bem certo de que eu era incapaz de o illudir, respondeu-me:

«Accusando a recepção da carta de v. com data de 5 do corrente, devo declarar-lhe que me dou por satis-

feito com a asserção feita por v. sob sua palavra de cavalheiro, da qual me não é permittido duvidar.

Tenho a honra de subscrever-me

Porto, 7 de novembro de 1887.

De v. etc.

Antonio Julio Machado.»

Parecia natural que, depois d'estas solemníssimas declarações, se fizesse profundo silencio na questão, passando-se a proteger e amplificar a grande obra de caridade.

Não aconteceu porém assim; queria-se escandalo, queria-se a todo o transe derribar a *arvore do bem*, e para isto multiplicaram-se os aggressores, disputando-se entre si as honras de levar a cabo um pseudo-desforço.

É o caso de Tolentino:

•Apostolo impertinente,
•Para que has de tu suar,
•Se não sua o padecente?

São ferrenhos estes *moralistas*, mais papistas que o proprio Papa!...

Como é que se ousa penetrar no fóro intimo de um auctor que tão ingenua e delicadamente vela a sua ideia?

E como, depois d'esse auctor explicar o ponto enigmatico, se pretende ainda negar e contraverter a sua exposição, impôr decifrações de mera phantasia, dar-lhes um sentido completamente inverso do que elle affirmava, criar allusões, inventar aggravos, semear enfim rixas e desavenças no proprio seio da caridade?

E como é que, amigos do sr. Antonio Julio Machado, zeladores dos seus brios, que apontavam como offendidos, sendo elle um dos mais acerrimos protectores do livro, por muita consideração aos dous auctores d'este e por amor aos estabelecimentos beneficiados, em vez de particularmente, em consistorio secreto, procurarem fazer luz no ponto obscuro e atalharem o mal, ao contrario fazem alardo de censura, assoalham a imaginaria torpeza, rompem em hostilidades, sem o ouvirem, sem o consultarem, como que accusando-o mesmo de connivente no *insulto* adrede inventado para estabelecer incompatibilidades e discordias?

Não parece andar por aqui intencionalidade de mais, e sinceridade de menos?

O problema resolve-se sem que sejam mister grandes atilezas, nem escudrinhamentos.

A pudica ingenuidade tão severamente comprimida na ferrea vestidura de Marte, traz-nos claros signaes de conculcada, flagellada...

Equivoca maneira de perceber a amisade!

Bom ensejo teria Antonio Prestes para repetir :

«E se amor tal amor tór,
«eu de tal amor renego.

Estudemos a Lenda:

«Em tempos que já lá vão, quando os apostolos de Christo se disseminaram pelo mundo na propagação da religião do amor, passando por uma aldeia, notaram um velho pegureiro a tratar com esmero e afan de uma arvore de sombra, á beira d'um caminho.

— Abençoado sejas, disseram Pedro e Paulo. Hemos de recommendar-te ao *Senhor*.

E seguiram seu destino.

Ouviram-n'os dois Cains, irmãos do pegureiro, e foram-se — que alarvaria! — com bruta sanha á arvore do bem, ao

..... tenro e novo ramo florecente
De uma arvore de Christo mais amada,

e com rigido *machado*, um *machado* boto e cego, reduzem a arvore a lenha e lançam-lhe alfim por cima dos destroços um *brandão*, — funebre *brandão*! — que algum gato-pingado, em noite escura, ao voltar do enterro ali deixára ardendo ainda, e reduzem a cinzas tudo quanto gôtta a gôtta o orvalho do céu benefico creára.

O pobre do pegureiro, ao vêr o desolamento, lastimava a selvageria dos irmãos, quando passa uma companhia de bardaristas em procura de dois pastores para guardar os rebanhos do imperador byzantino. Que honraria n'aquelle tempo, se ainda hoje quanto pitosga ha bebe os ares por empreguinho, gratis que seja, contanto que o levante uma polegada ao menos acima do raso nivel que a natureza lhe traçou!

— Vem-te tu d'ahi, homem, disseram ao lastimoso pegureiro os bardaristas. Chove-te em casa a felicidade.

— Levai meus irmãos, respondeu elle; e por feliz me tenho se felizes os puder vêr longe de mim.

E os Cains, pasmados, accitaram a gallardia do irmão bizarro, e lá se foram caminho das illusões e das grandezas...

E mal voltaram costas ao lar, a arvore, que elles haviam destruido, renasce das suas raizes louçã e vigorosa, como a Phenix da fabula, cobrindo-se de fructos dulcissimos.»

Quem são os protagonistas d'esta Lenda?

Para que estão sublinhadas as palavras *Senhor, machado e brandão*?

Se o leitor m'o permite para melhor o esclarecer, vou remontar-me aos fundamentos da irritante legenda.

Em 1882, por ocasião da estada da familia real no Porto, dirigem-se Suas Magestades e Altezas a visitar a Creche de S. Vicente de Paulo, da qual eu era director.

Estava pessimamente alojada a Creche, n'aquella época.

Fiz quanto pude para esconder sob damascos, tapetes, cortinas e flôres os escalavramentos da casa.

Suas Magestades e Altezas mostram muito interesse pelo estabelecimento, animando-me a proseguir no seu desenvolvimento. Eu protesto a Sua Magestade a Rainha que no seu regresso ao Porto, havia de encontrar aquella dóce colmeia de amor em casa mais condigna de receber a sua augusta visita. (1)

Sua Magestade acolhe muito benevolamente esta promessa, manifestando-me o seu real agrado com um sorriso de rainha e mãe carinhosa.

E beijei as mãos de Suas Magestades, penhoradissimo da maneira delicada porque encomiavam aquelle thesouro do futuro, então tão pobrinho ainda.

Fui eu o unico membro da direcção a receber a real familia.

E releve-se-me aqui uma confidencia:

Por motivo d'esta visita tive a subida honra de ser convidado para o jantar official no paço, distincção que entendi dever declinar.

Prestei sempre á Creche e aos demais estabelecimentos que tenho administrado o fraco contingente dos

(1) Ainda ultimamente, no Bom Jesus em Braga, tive occasião de recordar a Sua Magestade as minhas palavras, dignando-se a augusta senhora affirmar-me que as guardára de memoria.

meus serviços, mas nunca lhes frui as honras nem as glorias, nunca a caridade me foi paraizo de vaidades.

Comecei desde aquella época a matutar, mais attentamente, no meio de objectivar o grande commettimento, velho sonho tanto meu como do finado benemérito Rodrigo Antonio Machado Guimarães; até que em 1884 planejei escrever um livro para n'elle pedir uma esmola.

Este livro foi — *A Creche*.

Communicado o pensamento aos meus collegas, approvaram-n'o com alvoroço. O dr. Francisco José Rodrigues de Oliveira e Rodrigo Antonio Machado Guimarães, presidente e secretario da direcção—dois fanaticos da Creche, cada qual mais por ella empenhado e estremecido,—offereceram-se logo para occorrer ás despesas da publicação; e tomaram fervor no caso. Tinham elles imaginado um opusculo á imitação d'aquelle que Marbeau com notavel successo dera á estampa em Paris, para diffundir e propugnar a excellencia de tão util instituição.

N'aquella época a direcção da Creche, composta de entidades muito diversas, assumia ainda assim um só pensamento quando se tratava de engrandecer a filha commum.

Tudo ali era paz e concordia. O livro seria publicado a expensas da direcção, que nunca se negava a cotisar-se, até com quantias avultadas, em pró do estabelecimento, sempre que a isso era chamada.

Constou cá fóra, n'um mundo estranho á Creche que no meu livro havia um capitulo com ideias que desagradavam... na occasião!

Esse capitulo formava a modesta consagração das eminentes qualidades d'uma pessoa altissimamente collocada, a quem se supplicava tambem uma esmola.

Não se imagina os episodios tristes que se produ-

ziram. Nem eu devo relatal-os — *Sunt quædam que honeste non possum dicere* — (Cicero.) (1)

Em resumo chegaram a propôr-me que: — ou eu supprimia o capitulo, ou o livro seria *à outrance* guerreado.

Resposta: — não retiro uma virgula. E não retirei.

Dois homens alheios á direcção da Creche taes intrigas urdiram, que eu resolvi publicar o meu livro completamente independente da entidade administrativa da Creche, isto depois de profundos desgostos e contrariedades. (2)

Rodrigues de Oliveira segredou-me os nomes d'esses dois homens vasioes de coração; Pereira Cardoso confirmou-m'os, e eu mais tarde verifiquei o facto, sem a menor duvida. Estes — os dois Cains da Lenda! E ambos vivem, e ambos lêram o *Obolo* que eu lhes remetti, mas nenhum quiz vêr uma carapuça talhada de molde pela sua cabeça! nenhum veio dizer ao publico que tinha sido elle o espirito do mal, o algoz da Creche!

Contado o acontecido ao meu nobre e saudoso amigo conde da Silva Monteiro, poz elle immediatamente á minha disposição todo o papel preciso para a impressão.

O finado dr. José Pereira da Costa Cardoso, alma

(1) Nem sempre constitue boa prudencia sêr-se prudente; entretanto creio convicto que aqui o seja reservar o capitulo condemnado.

A publicação d'elle provocaria tristissimos e quiçá inconvenientissimos commentarios.

Corre impresso o meu livro *A Creche*, e eu desafio a que n'elle se encontre um pensamento unico, que não esteja abalisado pelos mais severos principios de cordura, de decencia e de moralidade.

Posto porém em duvida o ponto controverso, desvendarei o mysterio; e vá a responsabilidade a quem tocar. Eu pela minha parte, respondo pelos meus actos.

(2) Darão testemunho do facto todos os meus ex-collegas da direcção d'aquella época; dal-o-ha o sr. conselheiro Arnaldo Braga a quem ouvi sobre o assumpto; dal-o-ha meu irmão, o sr. dr. Antonio Ferreira Moutinho que tanto estranhou a impertinencia; e finalmente dal-o-hão ainda o sr. Antonio José da Silva Teixeira proprietario da typographia, onde o livro foi impresso e o sr. João Diniz, revisor da obra.

Já depois de composta uma parte do livro, eu quiz retirall-o do prelo. Chegou até ahi!

generosíssima e da mais fina tempera, offereceu-se-me incontinente para occorrer a todas as despezas do livro e o mesmo fez o meu distincto e prezado amigo visconde de Alvés Machado.

Animado com estas valiosas protecções, tendo já obtido o poderoso concurso de Alves Mendes na parte litteraria, dirigi-me ao eminente escriptor Camillo Castello Branco, pedindo-lhe a esmola da sua collaboraçao no meu pobre livro. Promptoriamente defferido; criei alma nova.

Ávante pela caridade!

É publico e notorio o successo do livro *A Creche*. A caridade publica levantou-lhe o anathema, transformando-o em veio de ouro para a Creche—instituto. (1)

Aqui tem o leitor o facto que deu assumpto á Lenda malfadada.

Agora a sua explicação:

O proprio começo prova evidentemente que ella se refere a épocas passadas e não á presente.

«Em tempos que já lá vão, quando os apostolos de

(1) O meu chorado e nobilissimo amigo dr. José Pereira da Costa Cardoso, tocado da leitura do livro, tinha resolvido fundar e dotar uma Creche no bairro occidental para perpetuar a memoria do anjo adorado que Deus lhe levava; destinando para este monumento a quantia de quinze contos de réis.

Entrava tambem no seu plano dar uma esmola á Creche de S. Vicente de Paulo pela propriedade do meu livro e tirar uma 2.^a edição de luxo com a formosa e muito eloquente apreciação que d'elle fez o elegante escriptor dr. Trindade Coelho, no *Commercio Portuguez* de 8 de junho de 1884;—áparte tudo quanto ali se diz com amavel mas excessivo enaltecimento a meu respeito, hyperboles da sua generosissima bemquerença.

Fiz para isto alguns estudos, a pedido de Pereira Cardoso, a quem os offereci. O plano a seguir seria o da Creche de Santa Maria, exposta no grande certamen de Paris.

O caracter accentuadamente politico impresso á direcção da Creche de S. Vicente de Paulo na eleição de 1885, demoveu o inclito protector do seu famoso proposito, resolvendo substitui-lo pela enfermaria de phthisicas que fundou no hospital real de Santo Antonio. Sempre a politica nefasta para a Creche!

Christo se disseminaram pelo mundo na propagação da religião do amor, passando por uma aldeia, notaram um velho pegureiro a tratar com esmero e afan de uma arvore de sombra, á beira d'um caminho.

— «Abençoado sejas, disseram Pedro e Paulo. He-mos de recommendar-te ao *Senhor*.»

— Quem é o pegureiro?

— Sou eu.

— Qual é a arvore de sombra — a arvore do bem — que o pegureiro zelava?

Era o meu livro *A Creche*, onde a paginas 183 se lê:

«*É, pois, eloquente a demonstração de que fructifica a arvore do bem.*»

— Quem são os dois apostolos Pedro e Paulo?

— São Alves Mendes e Camillo Castello Branco — a fé e o valor; a pomba do altar e a aguia do combate; a alma e a vida do meu livro: amorosa lembrança que deixo aos vindouros, desejando-lhes mais venturas do que as que me vão cabendo n'este valle de lagrimas e de miserias.

— Porque está sublinhada a palavra *Senhor*?

— Para fazer notar que não me refiro ao auctor do mundo, á providencia do céu, mas sim á caridade que é a providencia da terra; e para fazer sentir tambem que não foi com orações a Deus que Camillo Castello Branco e Alves Mendes me protegeram e auxiliaram, mas sim com a sua eloquencia e merecimentos predispondo á esmola os bemfeitores da Creche.

E note-se: ninguem, absolutamente ninguem reclamou contra o *gryphamento* da palavra *Senhor*.

Ou os meus antagonistas se esqueceram de me intrigar com Christo, ou Christo tem infinitos ingratos n'este mundo terreno.

— Quem são os Cains?

— Já os deixei prefixos e contornados.

—E porque sublinho as palavras *machado* e *brandão*?

—Pelo mesmo motivo porque sublinhei a palavra *Senhor*. Para demonstrar que não foi com ferro nem com fogo que se pretendia aniquilar a minha *Creche*, a obra de caridade, mas sim com o gume da intriga e com o ardor da insidia, as armas favoritas dos malevolentes; com a bajulação vil e nojenta que é a arma predilecta dos sabujos e dos sycophantas.

Se em vez de plagiar Alves Mendes (1) comparando o livro a uma arvore, o tivesse considerado uma columna, teriamos no camartelo derruidor a salvação do *Obolo ás Crianças*?

Não. O peccado do Obolo está na origem. A esmola visava affronta por ir coada pelas preces d'um precito.

O *Index* tinha pronunciado a condemnação, confirmadora do axioma de Camillo Castello Branco:—*o machado é modo sabido de afugentar almas das arvores*.

Na época a que se refere a minha Lenda, 1884, eu não conhecia nem o sr. Eduardo Machado, nem o sr. Marçal Brandão.

Appello para o proprio testemunho d'estes senhores.

Do primeiro tinha apenas informações, sem ligar o nome á pessoa que defrontei pela primeira vez no escriptorio dos srs. Carlos José Paes, Filho & C.^a, depois que o nomearam director da Creche, em 1885.

Do segundo sabia que existia pessoa d'esse nome, se bem me recorde, como administrador da Caixa Filial do

(1) «Tal é, nos ultimos cincoenta annos, a historia da grande arvore das temporalidades do priorado de Cedofeita, do gigante dos priorados portuguezes.

«O lenhador afiou um dia o seu *machado*, e, chegando-se-lhe ao pé, olhou e mediu bem o roble secular, desde as raizes até ás ramas. Depois começou o seu trabalho nefando, vibrando golpes sobre golpes com o ferro implacavel e cortante.»

Priorado de Cedofeita.

Banco Commercial de Braga, syndicada pelo sr. padre Goja; vindo a conhecê-lo directamente na primeira reunião da direcção da Creche á qual presidi no citado anno de 1885!

Continuemos :

Os bardaristas e o imperador byzantino são puras ficções ali incrustadas para fazer resaltar bem clara a ideia de que o pegureiro não queria benesses pelos seus serviços; isto é, que eu nunca jámais acceitei nem acceitarei honras ou titulos a troco de serviços prestados á caridade publica.

Os fructos dulcissimos pelo renascimento da arvore são os 5:000 exemplares do livro *Obolo ás Crianças*, que eu calculei sempre uma copiosissima esmola, uma esmola enorme.

Ahi fica transparente e fidelissimamente explicada a Lenda.

Ahi fica provada á evidencia a intenção com que a escrevi — honrar a memoria e os nomes de quantos me auxiliaram, esmagando com a generosidade do silencio aquelles que se me vieram atravessar no caminho da beneficencia, empedrando-o e ouriçando-o de abrolhos. (1)

(1) E não se diga que eu estive incubando theorias durante mezes para explicar a Lenda por esta fórma.

A definição que aqui lhe dou é a mesma que dei aos srs. Carlos Lopes, João Evangelista da Silva Mattos, Cogorno de Oliveira e outros muitos, logo que rompeu a accusação contra ella.

É essencial que isto fique registrado.

E vem de molde consignar aqui tambem alguns topicos d'uma carta que recebi de meu prezado irmão dr. Antonio Ferreira Montinho, com data de 8 de novembro, e que mostrei n'essa occasião aos meus respeitaveis amigos srs. Carlos José da Silva e Augusto Pinto Moreira da Costa, testemunha presencial do brusco successo que veio dar origem a esta triste contenda.

«Recebi a sua carta e muito me contristaram as suas magoadas e sentidas expressões.

«Confesso-lhe que me surpreendeu devéras a narração do caso!

«Pois é possível que qualquer se julgue com direito a tomar satisfação ao escriptor moralista das fabulas ou lendas que possa escrever para

Onde está aqui, pois, a minima offensa a alguém?
Onde a deslealdade?

Concordemos:

Tomaram a nuvem por Juno.

bem da sociedade, attribuindo a si a allusão, e tomando a moralidade do caso como uma offensa e injuria directa, pessoal?

«Isto não se commenta.

«*Ridendo dicere verum quid vetat?* disse-o o grande Horacio, na sua *Arte Poetica*, e se nos é permittido dizer a verdade, rindo e fazendo rir, deve-nos ser concedida igual prerogativa, chorando ou fazendo chorar: exemplo a tragedia, etc. E entre o riso e o choro quantos graus intermedios? E por todos estes variados modos, o escriptor deleita, instrue, castiga e moralisa.

«Não acho pois motivo para tanta celeuma por causa d'uma Lenda que nos adverte e ensina a sermos reflectidos e a não praticarmos o mal, devendo praticar o bem.

«Foi assim que eu visei o intuito da sua Lenda.

«Será assim que os homens sensatos a comprehenderão.

«Não se afflija por tanto; o seu prefacio está escripto com muito sentimento e mesmo, correcção, embora pequenos senões de linguagem, em que pouco reparo se fará.

«Para mim uma das suas bellezas está em ter mirado bem o alvo que lhe cumpria. É uma bella apothéose a Camillo, e uma excellente propaganda para a esmola em beneficio da Creche e Hospital.

«E que diz a isto o meu collega Arnaldo? Elle que se póde dizer o principal beneficiado, porque é o primeiro protector do Hospital de Crianças, e que sabe tambem como eu sei, que o *machado* da sua Lenda, não é nem podia ser o irmão de Antonio Julio!

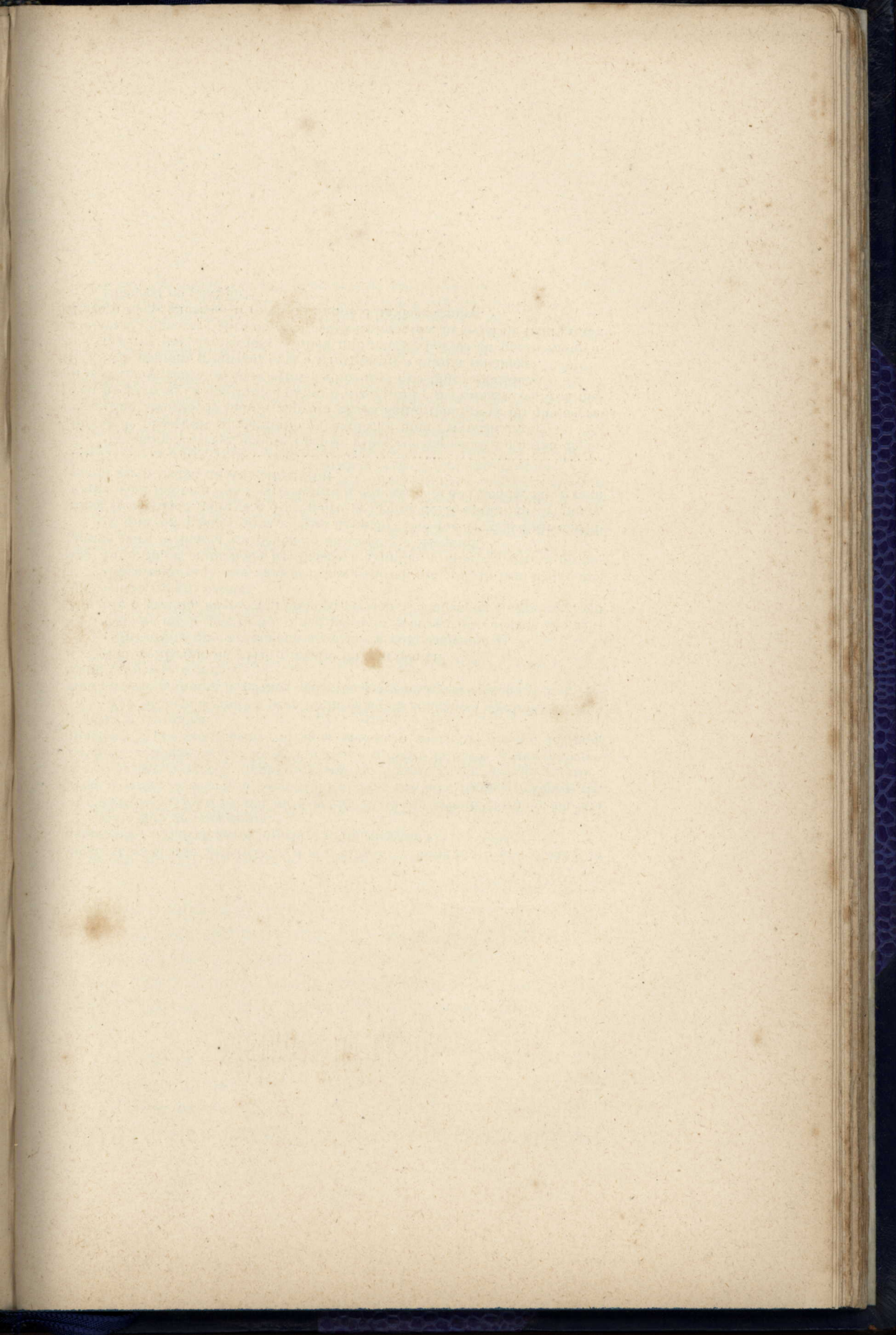
.....
«Foi lamentavel o acontecimento pelas consequencias e a sua desistencia de proseguir no caminho encetado foi uma fraqueza.

«Não levante de todo a mão da causa santa (lembre-se do que escreveu no prefacio) e continue sempre a dizer bem e a proteger, embora me nos rasgadamente os dous estabelecimentos que tanto exaltou.»

Seja embora fraqueza, mas é irrevogavel a minha resolução.

Sempre que dentro das minhas minguadas posses eu possa monetariamente concorrer para os dois estabelecimentos, fal-o-hei de bom grado. Para o mais, morri... á força de annos e de desenganos.

Obedeço ao destino!



HISTORIA DA LENDA

Escrevendo assim, cuidamos não as-
ganhar, nem arripiar, e muito menos
doestar ninguém. Não ha n'isto explosão
offensiva, ha expansão ingenua. Não é
isto affronta a pessoas, é testemunho á
verdade. E a verdade nem é o que nos
convem sêr, nem é o que nós queremos
que seja: é o que é. E porque é o que
é, não pôde avincular-se aos labios de
um só homem, nem pôde cancellar-se com
os bicos de uma penna. É toda de to-
dos.

ALVES MENDES — *O Priorado de Ce-
dofeita.*

UA verdades de uma intuição tal, que dispensam
todas as demonstrações; e a que venho d'ex-
pôr, com a maxima singeleza, está evidentemente n'essa
categoria.

Quem lêr o que ahi fica dito, percebe á primeira vista
a intencionalidade que deu origem á Lenda: desafogar
uma dôr reprimida e expandir um voto de gratidão.

Houve quem qualificasse a pobre parabola um amon-
toado de phrases rancidas, simples verbo de encher sem
outro ideal ou significação que não fosse o insulto. E
pelo contrario é pagina de muito sentimento; é, com a
devida permissão de Alfredo Ansur—a encarnação de
uma ideia sacrosanta e respeitavel.

Nem eu soube nunca escrever banalidades, serzir e
agrupar palavras frivolas e ôcas. Os meus escriptos in-

genuos e inhabeis traduzem sempre as impressões do meu espirito. Quando abendição com a penna é porque o coração e a alma estão de joelhos diante do abendiçoado; quando censuro é porque sinto confrangimentos de revolta ou repulsões de animo pelo prevaricador.

Judas nunca fui; nem mesmo Aretino. Não sei mentir á consciencia, nem vêr com olhos de estatua meritos ou defeitos.

Conheço que desagrado. Se teço encomios, irritado, asanho invejas; se castigo vicios, crio despeitos, desperto resentimentos, excito aversões até.

E as rancuras da inveja sobrepujam todos os odios.

Eu juro á fé de christão que o mais condemnado dos defeitos no proemio do *Obolo ás Crianças* foi tecer elogios a alguém!

Tenho d'isto convicção e certeza, como a tenho de que fui integralmente justo.

Ha tempos escrevi com a penna mergulhada nos mais caros affectos as impressões d'uma digressão que fiz a Seide, parte das quaes corre mundo em folhetins de diversos jornaes, deixando de as colligir em livro, como tencionara, porque um amigo intimo e sincero me declarou francamente que entre ellas havia paginas com demasias de coração, incentivo para engrifamentos da critica inexoravel e malevolente.

Escrevi *A Esmola*, para a qual tinha obtido as mais honrosas e distinctas cooperações e adhesões. O producto da *Esmola* seria applicado pelos illustrados e benemeritos proprietarios do *Commercio do Porto*, a quem era dedicada, consoante os impulsos da sua piedade.

A primeira parte do livro, *O Apostolado da Esmola*, sahiu-me a historia a traços rapidos do conceituado jornal, escripta com a cordeal expansibilidade da mais entranhada convicção e independencia.

Uma pagina ao acaso:

«Apaga-se a fé, fenece a esperança d'encontro ás lagéas frias do sepulchro; desluzem-se, escurentam-se todos os brillantismos que ornamentam o homem á face da terra, mas a caridade caminha sempre gloriosa e triumphante atravez de rios caudalosos, mares encapellados, por entre feras bravias, paúes empestados, epidemias mortíferas, gelos continuos, temporaes medonhos, amparando, aureolando os seus proselytos, surgindo-lhes radiante no portico da eternidade a abrir-lhes caminho largo e florido para a bemaventurança infinita, illuminando-os, como sol que é, como luz do Universo, a quem um dia disse Jesus:

«Não pares flôr das tormentas,
«Tu és a filha da aurora,
«Se parasses uma hora,
«Ficava o mundo sem luz.

«Supremo dom do céu, supremo bem, suprema uncção, a caridade é a ténuissima pennugem que reveste o corpo debil e delicado da avesinha implume, preservando-a das neves perpetuas que cobrem as cumiadas das montanhas; é a resignação, o sorriso da condolencia que acompanha o condemnado até á attribuição do patibulo; é o desprendimento evangelico do sacerdote da sciencia e do amor, que penetra nas enfermarias dos cholicos, aspirando a densa e morbifera atmosphaera para levar o remedio e o consolo de leito em leito aos feridos do contagio; é o cenobita do S. Bernardo educando o cão amigo para salvar o caminheiro perdido á custa da propria vida; é... é o *Commercio do Porto* representado por um punhado de benemeritos, cerrados os ouvidos ás imprecações, olhos fitos na imagem da consciencia e o espirito despreoccupado do proprio ser,

caminhando de dôr em dôr, de miséria em miséria, de soffrimento em soffrimento, de amargura em amargura, de martyrio em martyrio, aqui, ali, além, dia e noite, por soes e chuvas, invios caminhos eriçados de abro-
lhos, sendas escabrosas, onde quer que as privações rebentem, que os tormentos flagellem, que as injustiças e as iniquidades pollulem e refervam; apagando, exting-
uindo tristezas, aquietando alvoroços, adoçando peza-
res, prevenindo vinganças, evitando disturbios, enxu-
gando lagrimas; alimentando, vestindo e educando or-
phãos; iniciando, criando, dotando e sustentando asy-
los, escólas, creches, hospitaes; consolando afflições,
amparando crianças, viúvas, velhos, cegos, mudos, la-
zaros, invalidos; transformando vicios em virtudes; ins-
pirando fé, valor e heroismo aos fustigados pelas des-
graças; escudando purezas, fortalecendo pudores, soc-
correndo penurias, provendo auxilios aos doentes, aos
descridos, aos necessitados...

«Abramos ao acaso as paginas do *Commercio do Porto*; percorramos dia a dia, folha a folha, esse codigo eterno de luz e de amor e teremos justificada a epigra-
phe que do fundo da minha admiração consagrei a este humillimo e imperfeitissimo trabalho—*O Apostolado da Esmola.*» (1)

Austeros principios de modestia condemnaram ao limbo este pobre trabalho. Tanto n'elle como na *Seide*, faltava o cunho indispensavel do egoismo e do machia-
velismo, para poderem merecer as honras da acceitação.

Por não offender susceptibilidades, devia ter estran-
gulado no espirito os dictames da razão, não esquecer
que a *sensatez* «é saber aproveitar bem e por todos os
modos as conjuncturas propicias, as gratas convenien-
cias da vida.»

(1) *Jornal do Porto* de 13 de novembro de 1885.

D'ora ávante hei-de delir um pouco de gelo na tinta do meu tinteiro, pôr compressas de agua fria na cabeça e arrefecer-me propositadamente no abuso de sorvetes — sempre que tenha de escrever.

Os meus escriptos peccam porque são a photographia do meu coração, provas concludentes da grande verdade de Montaigne ou de Buffon:—o estylo é o homem.

O *Apostolado da Esmola* representa a fatalidade da sorte a despetalear flôres, e queimar perfumes no pelourinho onde tinha de ser immerecida e crudelissimamente azorragado!...

Voltemos á historia da Lenda, que ia ficando esquecida no relembrar de puerilidades parvoinhas.

Nem no sentido litteral, nem no translato, se encontra na minha Lenda o minimo resaibo de injuria; entretanto querem osmeticulosos imprimir-lhe malicia e dobrez pela coincidencia dos nomes sublinhados se identificarem a pessoas que a si proprias vieram denunciar-se ao publico, havendo-me gratuitamente provocado e offendido.

Julgaram assim criar proselytos para a sua cauza iniqua e malefica.

Aliste-se quem quizer nas suas fileiras, acompanhe-os na mystificação, admitta-lhes todas as infundadas supposições; a verdade é uma só e unica: nem o sr. Eduardo Machado, nem o sr. José Marçal Brandão podem ser considerados protagonistas da minha Lenda.

Se n'ella existe por acaso uma palavra qualquer que lhes intensifique o espicaçar do remorso, abençoado seja esse acaso que se tornou providencial.

É que Deus não dorme, Deus não falta.

A coincidencia é naturalissima.

No original que conservo em meu poder lia-se em vez de *brandão* — facho; mas a palavra facho não me precisava bem o pensamento. Facho, regularmente se em-

prega como symbolo de luz, facho celeste, facho do hymeneo, facho da esperanza, facho da civilisação e facho da vida... e ali a ideia era exactamente o inverso, era apagar, substituir a luz pela escuridão, pela treva.

Pensando assim, lembrei-me do archote untado de breu, mas o archote seria prosaico: tição, peor; um molho de carqueija ou de palha...

Palha!...era chulo.

Ha uns trinta annos, — posso exhibir documento impresso, — fazendo a necrologia de um amigo, principiei assim:

«Crepes! brandões funerarios! e um veu negro! negro como o profundo scismar do infeliz oppresso pelo pezo da desgraça...»

D'aqui a retentiva do funebre brandão e a historia dos «gatos pingados» com que embirro solemneamente.

Eu tenho declarado muitas vezes a minha familia, que não quero taes estafermos no meu enterro.

São ogerizas.

Já vêem que nem ao menos houve novidade no caso.

Fui arrancar o pensamento á beira d'uma campa.

Decidido pelo brandão, *Kypos*, *Kéros*, *Cereus*, de onde os latinos fizeram cêra, comecei de matutar no rigorismo da critica.

Quando Jesus Christo andava pelo mundo, machados não eram machados, brandões não eram brandões. Christo fallava hebraico, não fallava portuguez.

Que suadouros que eu tive então!

A Lenda referia-se a Pedro e Paulo, e estes fallavam naturalmente a lingua syro-caldaica, de mais a mais lingua já perdida na noite dos tempos, lingua morta. Que elles conheciam mal o grego e mal arranhavam o latim, tinha-m'o dito em tempos um theologo, meu amigo, muito lido e versado n'estas antigualhas. Mas

aqui o caso era saber eu como S. Pedro e S. Paulo di-
riam n'aquelle tempo machado e brandão.

Imaginem-se os meus apuros, para não fazer com-
pleto fiasco.

— Ai sr. Camillo, sr. Camillo, dizia eu cá com os meus
botões, em que assados me mettei!

E depois, descoroçoado de descobrir a incognita...

— Lá se avenham. A responsabilidade do proemio é
toda de quem me impoz tão arriscado encargo. Pois não
sabia o sr. visconde de Correia Botelho a que porta vi-
nha bater?

Tirar d'um seixo o brilho d'um diamante, é coisa
impossivel.

Pensava assim, como se vê muito correntemente,
dando tratos á memoria, com o demo do capricho ás
voltas, quando me sopra a ideia de basculhar os ve-
lhos calepinhos.

Novo desapontamento!

S. Pagnino Lucensi, collaborado por Joannes Mer-
ceri, *Lexicon Hebraicum*; D. Marco Marino Brixiano,
Thezaurus lingue sanctæ; David Kirnehi, *Livro dos*
fundamentos das grammaticas, tudo isto e muitos mais
alfarrabios que compulsei, tudo é intraduzivel, inintelli-
givel, indecifavel para espirito boto e cego como o meu.

Aqui o boto e o cego vae sem gripho, porque é
real...

Pude perceber, se frei Francisco da Paz não erra,
que machado em hebraico se escrevia, com quatro le-
tras — letras ou hieroglyphicos?... , sendo a primeira a
ultima. Anda-se n'aquillo de traz para diante, como o
caranguejo; principia-se sempre pelo fim, — uma exqui-
sitice!

A tal letra, como dizia, primeira para mim e derra-
deira para os hebreus, tem assim suas parecenças
com um parenthesis quadrado. A segunda que occupa

o logar de terceira, assemelha-se a tres colcheias. A terceira que é a segunda, tem a configuração de uma virgula. A quarta que sendo para elles a primeira é, a meu ver, a ultima, lembra um 5 em algarismo, sem rabo (5.); um *ſ* de pernas para o ar, ou um foicinho. Tudo ás avessas; tal qual este mundo!

O meu prezadissimo e respeitabilissimo amigo sr. dr. Eduardo Allen, um chavão em coisas de sapiencia, que teve a bondade de me acompanhar n'estas ingratas e impertinentes indagações, mestre do grego e do latim, interrogado por mim, se a decifração da palavra seria *lesk*, que se leria *ksel*, aconselhou-me a abandonar o campo, tanto mais que no Porto, disse o illustre sabedor, não ha typo hebraico nem typographo que o entenda.

—Vá pelo grego, opina o prudente e erudito amigo; o grego é fonte limpa; *πτελέως* *pelecus*, *ἄξιν* *axine*, *securis* em latim, *bippennis*, sendo de dous gumes; *Art*, em alemão; *Axe*, em inglez; *Ascia* em italiano; *Hache*, em francez; *Hacha*, em hespanhol...

E ia por ahi além de vento em pôpa, deixando-me taboa rasa, no mar da minha ignorancia, quando eu, mettido em brios, basculhando cá no bestunto:

—Sim, senhor doutor, é o *gy* dos tupis, o *pohoti* dos guanás, o *cramman* ou *gamarang* dos coroados; o *bo-dzó* dos cayriris; o *mané* dos caripunás; o *hó-hé* dos palmellas; o *ouy* dos galibis; o *hatxi* dos baures...

—Este *hatxi* tem suas parecenças com o *axine* grego, pois não tem?

Vão estudando no caso os philologos, que me tenham pacientemente acompanhado n'esta *burundanga* e que julguem conveniente profundar até que ponto teem razão alguns escriptores ingenuos, pretendendo encontrar analogia entre o grego e o tupi-guarany.

O sr. dr. Eduardo Allen, por bem fazer, por ser ex-

cessivamente obsequioso aguentou toda esta estopada com paciência benedictina, e mais aguentaria se eu me não remetteste ao silencio. Acabados estes recursos devidos a Won-Martius e um pouco á pratica, podia ainda desenrolar uma certa reserva que tinha da lingua hindú por exemplo, na qual machado se diz *curaddy*, da hambundo, *ondia vite*; da ganguela, *gimbo*; da cafrial, *bazo*.

D'isto e de mais alguma cousa sabia eu quando escrevia a minha Lenda, mas sabia tambem que Christo e os apostolos, se não fallavam portuguez, menos fallavam lingua bundã; e para que o meu pobre escripto não soffresse a grave censura de tolo, asparia por isso o machado e o brandão, se já o não tivesse feito pela razão expendida, ficando assim perfeitamente entendido que o machado da Lenda, se machado fosse, seria de ferro e aço, de pedra ou bronze, e não de carne. (1)

E aqui fica ao sr. Antonio Julio Machado a realissima prova de que andou correctamente, despresando, como despresou, incitamentos malignos contra um animo inoffensivo e aliás devotadissimo a s. ex.^a

(1) Por mais inverosimil que a verdade pareça é incontrastavel.

Não vem aqui inventado este incidente para illudir conceitos ou desvanecer impressões. Vem por que é real.

Eu obedeco em todo este escripto a um impulso de dignidade. Não viso a reatar sympathias, que a fatalidade despedaçou irremediavelmente.

No fóro intimo resta um culto eviterno; no mundo social porém abriu-se um abysmo que lhes véda toda a luz.

Quando o sr. visconde de Correia Botelho, me impôz o arduo desempenho do proemio do «Obolo ás Crianças», dáva eu a ultima demão a um livro que intitulei «Lendas e Crenças».

Ha bons tres annos que eu offereci uma parte d'este livro «A Lenda de Mani» ao meu estremecido amigo dr. Trindade Coelho.

Oh! que nunca eu houverá levantado mão d'elle!...

E' um estudo sobre usos, costumes, dialectos e religiões dos aborígenes da America.

Respondendo a s. ex.^a que obedecia ao seu mandato, lembra-me de lhe ter dito que levantáva mão das amenidades dos selvagens e dos esplendores da natureza, para me consagrar ao serviço da sua caridade, que já antevia penoso.

Presciências!...

* * *

Ao griphar as palavras machado e brandão não me passou despercebida a notada coincidência. Negal-o fôra idiotismo e hoje covardia até.

Mais d'uma vez pensei demoradamente no assumpto.

— Que casualidade! repetia eu comigo proprio.

E depois cogitava, considerava...

— Que illações se poderão deduzir d'esta phrase, se n'ella attentarem?

Uma queixa sentida e uma nota plangente — nada mais, nada mais, positivamente.

Pungiam então os golpes que me tinham adrede preparado no intuito de criar incompatibilidades que me desgostassem, obrigando-me a abandonar a Creche, a filha querida da minha alma...

— E eu vingo-me á força de generosidade beneficiando altamente o estabelecimento que abandonei aos cuidados dos meus martyrisadores.

— Hão-de conhecer a differença que vae de mim para elles. A troco de um acervo de espinhos, envio-lhes uma chuva d'oiro!...

E no fundo do coração embalava a ideia de um acto nobre, levantado, liberal...

E por isso dei a maxima amplitude ao livro...

Uma esmola enorme por pagamento d'um repellão!

O esmagamento do mal pelo derramamento do bem!

Termino a minha missão na Creche com chave d'oiro!

Que risonha e fascinante ideia!...

Nunca tanta alegria me luzio n'alma.

Que dôce que é o sonho do bem fazer!

«Je fais le bien, par ce qu'il est un grand seigneur qui me paye cela — et ce grand seigneur, c'est le plaisir de bien faire». (Gavarni, citado pelos Goncourt).

Comprehende-se assim que a vingança seja o nectar dos deuses! Vingança inspirada em amor, vingança temperada com a essencia da caridade!

— Mas, que presintam o suspiro d'alma; que sintam o arfar do seio entristecido, para que o remorso os punja tambem...

— É uma lição de moral... uma lição condensada n'uma gotta de balsamo..., ou n'uma lagrima!

— E caberá bem no livro das crianças a expansão d'este sentimento d'entranhado affecto?

— Porque não?!

— O evangelho incomparavel em ensinios apresenta-os frisantissimos a este respeito.

— E se te apontarem no gemido uma allusão?

— Cahirão per si, em face da pureza do intento. Por vezes o galopar das nuvens vem empanar o brilhantismo do sol, mas afinal elle vence as brumas e continua de irradiar formoso e triumphante...

Depois a lenda, como a parabola, vem-nos do christianismo. Por parabolas ensinava Jesus-Christo e d'ellas se servia para as mais acerbas allusões.

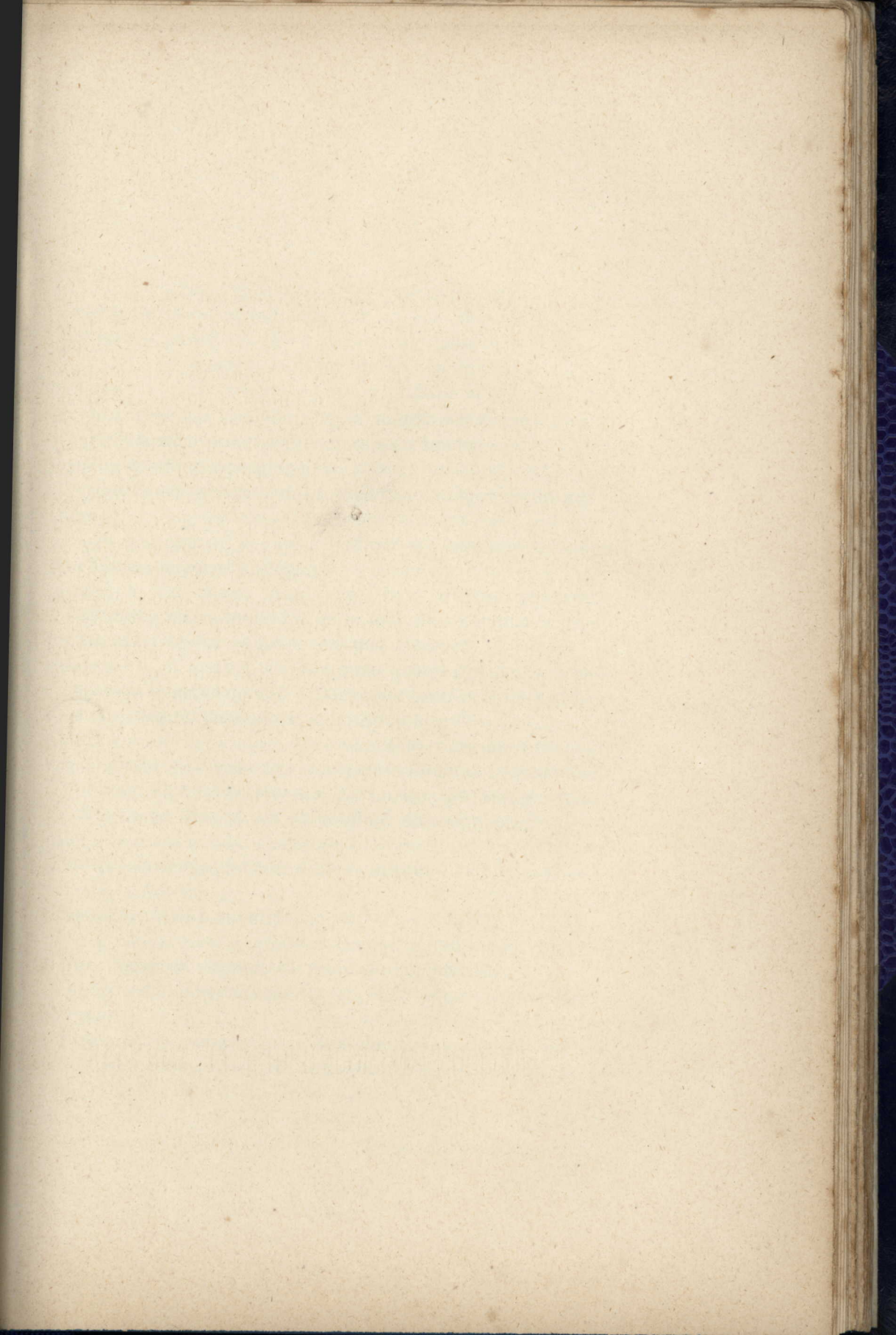
E agora me lembra que uma das mais celebres e fulminantes era assim terminada pelo divino Mestre: *Qui potest capere, capiat!*

Ahi fica aberto, a toda a pagina, o evangelho do coração.

Nem uma unica sombra de malverção; nem um levissimo signal de offensa...

Ha portanto quem tenha illusões opticas...

Quizeram vêr transparencias onde eu collocára opacidades!



REPAROS, CONSIDERAÇÕES E INDUCCÕES

O Senhor está observando os caminhos do homem e notando todos os seus passos.

PROVERBIOS.

Não ha trevas, nem sombras que possam esconder os que commettem a iniquidade.

JOB.

CONDENSEMOS a essencia da questão, admittindo por hypothese que a metaphora em vez de ser, como é, um queixume sentido, foi um aguilhoamento, uma fisgadella de vindicta.

Admittamos por instantes que houve realmente uma allusão positiva e formal n'aquillo que escrevi. Supponha-se mesmo que eu em vez de ter escripto *machado* e *brandão* com lettras minusculas, escrevi ostensivamente com lettras maiusculas, dando a estes substantivos o character proprio e não appellativo; e que além d'isso sustentei *urbi et orbi* que me dirigia ás pessoas indicadas.

Onde estava ainda assim o aggravo ou a injuria?

Dizer-se que um homem é bôto e cego importa por ventura um gravame á sua honra ou á sua dignidade?

Pois não digo eu de mim proprio no mesmo escripto: «cada vez mais bronco, mais rude, mais casmurro?»

Não principio eu o malfadado proemio considerando-me *cego*?

E quão cego que sou no tocante a intellecto, repito-o aqui e sempre e em toda a parte, porque me conheço, porque tenho consciencia de mim.

Que quer dizer bôto?

Bôto, embotado, rombo, diz-se da arma ou instrumento cujo gume ou ponta está amolgado e não pôde cortar ou perfurar.

Obtuso, da falta de penetração ou de agudeza, se tratarmos das faculdades intellectuaes. O mesmo que cego no sentido figurado.

E funebre?

Funebre em sentido identico, é igual a lugubre, sombrio, melancolico, lutuoso, triste...

Por consequencia: Machado e Brandão, ambos obtusos, ambos cegos, ambos tristes, serviram de instrumento a dois outros homens, maus, perversos: Abeis ou Cains; anjos ou demonios, o que fôr, para contrariar uma ideia boa, santa, luminosa, salvadora, a melhor ideia do mundo!

Ha n'isto a mais leve injuria ou affronta?

Mas se por Deus, nem, isto houve?! Se não foi esta a intenção do auctor?

Porque pois o «crucifige»?

É a questão do — *voa pilão*.

Pilão é um cepo, um tóro de madeira, ocado como um gral, onde se sóca e reduz a farinha, o milho, o arroz, a mandioca.

Voára o pilão? Jurava por todos os deuses que sim, que voára, uma população inteira.

— Eu vi, dizia um...

— Nós vimos, affirmavam todos.

Facto positivo, resolvido, averiguado... voára o pilão.

Observa e aponta o idiotismo um espirito mais lucido ou menos credulo:

—O pilão não póde voar...

—Impio! atheu!—vociféra indignada a multidão...

E n'um abrir e fechar de olhos, era uma vez um homem! Laceram-n'o, postejam-n'o, espatifam-n'o...

Afinal fôra uma preta que, cançada de socar o fubá, atirara com o cepo pela janella fôra, como fizera o jogador do gamão, contrariado pela teimosia dos dados!

Mas, ainda mesmo admittindo por supposição que a simples coincidência possa ser tomada como intencionalidade, pergunta-se mais:

O facto do abuso de um terceiro póde influir na essencia do beneficio?

Estava sujeito o espirito do livro a determinados moldes?

Fica corrigido o erro, fica vingada a prevaricação, prejudicando os estabelecimentos?

Pois o livro não ha-de correr mundo, ainda que seja vendido ao desbarate?

É o meio de castigar o mal, aniquilar o principio do bem?

Repudiado, queimado o livro, ficaria lavada a affronta?

Quem são os auctores do livro?

Que culpa cabe a estes benemeritos pelos meus delictos?

Quem offerece a esmola?

Que tem os bemfeitores, que tem a esmola em si, com os meus deslizes?

Que tem que vêr os estabelecimentos beneficiados com questiunculas pessoaes de qualquer dos seus directores?

Onde se viu já condemnar-se uma religião pelas faltas d'um sacerdote?

Que teem que vêr Christo com o Alcorão?

Por Deus, não atropellemos direitos; não confundamos o sagrado com o profano.

A sociedade tem meios legaes de punir todos os desacertos: puna-os; mas lembremo-nos que a Creche e o Hospital são entidades n'este caso muito privilegiadas; e que não podem admittir um sacrificio enorme á conta de uma banalidade, de uma frivolidade, de uma futilidade puerilissima; mero capricho ao sabor de paixões odientas e pequeninas; falsos preconceitos sem fundamento nem principio; pura ficção, mera phantasia d'espiritos simples e irreflectidos.

Que se não despreze ao todo a moralidade de Th. Buckle—«A sociedade que persegue um crime dura e inexoravelmente andaria melhor se puzesse a mão na consciencia e cuidasse de averiguar por quaes circumstancias e culpas é causadora do crime contra ella perpetrado.»

Se eu tentasse offender ou mesmo beliscar de leve que fosse as pessoas que se indigitam como satyrisadas, não velaria tão subtilmente o meu proposito,—assevero-o.

Havia de carregar um pouco mais na paleta para dar vida e realce ao quadro, sem procurar allianças, sem recorrer tambem á panoplia das calumnias e das indignidades.

Ausencia absoluta de pontos vulneraveis não é de crêr que se dê nos individuos que, tanto e por tão pouco se melindraram, parecendo arrogar-se direitos á palma e á capella das virgens immaculadas.

Nem ao menos se lembraram do velho adagio—«os illibados não se doem do insulto.»

Entre mim e o sr. Eduardo Machado erguia-se sobre a distancia que nos separava, por elle criada, uma barreira formidavel—a respeitosa consideração que devo a

toda a sua familia illustre e particularmente a seu irmão com quem contrahira relações que o tornavam para mim sagrado. Isto até ao ponto que a honra delimita.

A digna esposa do sr. Eduardo Machado presidia nobilissimamente á commissão das senhoras zeladoras da Creche de que minha esposa fazia parte. O ultimo acto d'esta senhora, junto áquella commissão, já depois dos acontecimentos que me levaram a renunciar a presidencia da direcção d'aquella casa, foi officiar muito attentosamente á dignissima presidente, depondo nas suas mãos o mandato que recebera e significando-lhe o seu respeito e consideração pelas attenções que s. ex.^a se tinha dignado dispensar-lhe.

Não será isto um indicio insuspeito de cordialidade?

Com o sr. Marçal Brandão não se davam contemplos de qualidade alguma; mas, francamente, não seria com elle que eu iria terçar epigrammas.

Anda adstricta ao epigramma a urbanidade e eu não sei que o sr. Marçal Brandão me mereça a mais leve defferencia, porque só lhe devo indelicadezas.

A ter de me defrontar com elle não seria para despedir-lhe satyras amenas e benignas; mas confesso que não me lembro do sr. Marçal Brandão para coisa alguma d'esta vida. (1)

(1) No dia 5 do novembro, se bem me recordo, procurou-me o sr. Alberto Marçal Brandão, acompanhado do sr. Antonio Patricio, e com maneiras bastante delicadas, lamentando as imprudencias que se tinham dado comigo, sem razão no seu modo de ver, pediu-me, que lhe dissesse se fôra animo meu offendêr seu pai na Lenda que escrevera no livro *Obolo às Crianças*.

Procurei saber do sr. Alberto Brandão se a sua pergunta importava uma satisfação.

— Que não; que não imaginasse tal.

Apreciando a cordura do homem e a dedicação do filho (eu não conhecia o sr. Alberto Brandão), respondi-lhe muito urbanamente:

— Que a minha Lenda nada tinha de referencia a seu pai. E tendo casualmente em mão a carta que dirigia ao sr. Antonio Julio Machado, sobre o incidente, li-lh'a, e accresci:

Perdõe-se-me a rude franqueza; prosigamos:

A coincidência dos nomes sentiu-se sómente depois da charra barafusta.

A não ser isto, de mil leitores que o livro lograsse ter, aqui, na cidade do Porto, não haveria meia dúzia que reparasse no incidente, e fóra d'aqui ninguem absolutamente pensaria em tal.

E tambem não duvido asseverar que, em mil casos que se déssem como este, não haveriam dois homens que viessem a publico disputar tão soffrega e encarniçadamente a propriedade de uma satyra.

Medite o sr. Eduardo Machado no passo que deu, e apure e lavre no eculeo da propria consciencia o seu devido julgamento.

O sr. Eduardo Machado não tinha ainda recebido o livro. O exemplar que lhe era destinado ficou, com o seu nome, sem ser entregue, como ainda se conservam muitos outros.

Houve por tanto um *amigo zeloso e officioso*, espirito santo de orelha, que teve a *dedicação* e a *caridade*, a grande *caridade*, de ir á sorella e reptilmente infernal-o, azoinar-lhe a cabeça e assanhar-lhe os figados, tufosos de bilis, aguilhoando-o, fustigando-o, incitando-o e impellindo-o a um conflicto arriscado, desagradavel, desastroso afinal.

— Se o sr. Antonio Julio Machado a quem devo todas as attensões, entender que a Lenda deva ser retirada ou modificada, fique certo que o será; e n'este caso expungir-lhe-hei a palavra que dá logar á suspeita que o incommoda.

O sr. Alberto Brandão mostrou-se muito satisfeito e demorou-se conversando muito amavelmente comigo até retirar-se, deixando-me captivo do seu trato delicado e prudencial.

Um mez depois d'isto quando começou de badalejar o escandalo pela imprensa, volta já d'outra catadura o sr. Alberto Brandão, deturpando a verdade e fazendo-me perguntas indiscretas e petulantes, n'uma carta que publicou.

Não lhe respondi; nem respondò.

Se houvesse de tomar mestre não seria por certo o sr. Alberto Brandão.

Não teria sido mais justo que o sr. Eduardo Machado começasse os esbravejamentos da sua impetuosidade, por sacudir ou afastar dos penetraes da sua casa o *amigo* refalsado e traíçoero?

Se assim procedesse ter-se-hia poupado a innumeros desgostos, evitando uma situação desgraçada.

E o signal evidente e insuspeito de que procedeu le-vianamente é o seguinte estendal de verdades.

As provas do meu proemio foram vistas por pessoas do mais severo escrupulo e em quem depositava a mais plena confiança.

Nenhuma d'ellas encontrou a minima offensa nas palavras sublinhadas.

Convém saber-se que, entre estas pessoas se conta-vam amigos do sr. Eduardo Machado.

Meu irmão o sr. dr. Antonio Ferreira Moutinho, es-tando comigo em Leça quando recebi as provas da Lenda, lêu-as e perguntou-me:

— Ha aqui allusão pessoal?

Disse-lhe que não. E elle que conhecia perfeitamente a origem da *Lenda*, elle que sabia que a sua inspiração vinha de longe, não teve observações a fazer.

Pois creio na amizade d'este meu irmão, como creio no Evangelho!

O mesmo se deu com o proprio apostolo, o Pedro da Lenda, o sr. dr. Alves Mendes que era incapaz de deixar passar o facto, se lhe presentisse a minima intui-ção gravosa.

O sr. dr. Alves Mendes sabia também muito a fundo a lidima significação da parabolá.

O sr. Camillo Castello Branco, o outro apostolo, o Paulo, a quem, como era rigoroso dever, foi o escripto remettido, antes de vir a lume, deu-lhe a sua plena approvação em duas singelissimas palavras — «muito bem».

Não vislumbra por tanto o auctorizado mestre o notado defeito. Mais tarde rumorisando-lhe lá pela sua thebaida as atoardas que se erguiam contra o proemio do monumento da sua caridade, sem saber ainda do ponto questionado, voltando a lê-lo, quiz frisar a causa do dissentimento em pagina muito differente d'aquella que o produzira.

— Parece incrível! concluia então s. ex.^a, lamentando o succedido.

E depois quando eu mesmo lhe apontei o alvo das queixas:

«Contristam-me fundamente os pezares que está colhendo de uma boa acção.»

Ha palavras que cahem como góttas de balsamo consolador nos corações alanceados. Estas produziram em mim esse benefico effeito.

O sr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento, talento primorosissimo, ainda de momento provado á luz da sciencia n'um livro immortal, *Os Argonautas*, e a quem remetti o *Obolo ás Crianças*, antes de começar a ser distribuido, pedindo assim a sua permissão para que o meu escripto corresse de par com o seu nome glorioso, diz-me sobre elle n'uma carta, que guardo como um thesouro, palavras muito lisongeiras e desvanecedoras.

Não vira tambem este cultor das lettras e da historia a arguida contumelia, como a não viu o erudito archeologo, sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, que igualmente me honrou com uma carta sua, dulcissimo conforto e terno alivio ao pungir dos agudos espinhos que me cruciavam.

Dos primeiros livros que me foram entregues pelo brochador, passei dois ás mãos dos srs. Carlos José da Silva e Antonio Augusto Cogorno de Oliveira.

O sr. Carlos José da Silva fez entrega do seu exem-

plar a seu cunhado, o meu prezadissimo amigo e con-discipulo, Alexandre de Castro Pereira, então hospedado em casa do sr. conselheiro Arnaldo Braga.

Castro Pereira dá-me sempre a subida honra de lêr com interesse os meus pobres escriptos.

Leu o proemio do *Obolo às Crianças*, onde o seu nome figura como protector, membro da commissão editora, e não fez o minimo reparo nas phantasticas allusões...

Pois Castro Pereira sabe lêr! É sério, e é meu amigo.

O sr. Cogorno de Oliveira, intimo, inseparavel do sr. Antonio Julio Machado, dedicadissimo por toda a sua familia, leu e elogiou o proemio, onde não encontrou gôtta de fel que podesse acidular o mar de leite em que todos navegavamos tão estranhos á ideia do mal.

Pois eu tenho o sr. Cogorno de Oliveira, como um character muito sincero e como cavalheiro muito illustrado.

O sr. dr. Ricardo d'Almeida Jorge, um altissimo espirito vibrante e genial, simultaneamente um sabio e um artista, alma radiosa que se emociona a toda a sensação e entendimento que vê com olho d'aguia, o sr. dr. Ricardo Jorge, a quem no Bom Jesus foi offerecido um exemplar, por occasião da entrega do livro a Suas Magestades, ainda ha dias me asseverou pela segunda vez na presença do sr. Camillo Castello Branco, que tinha lido attentamente o proemio e que não lhe causara má impressão o italico das palavras da Lenda, nem o attribua a remoque pessoal.

O sr. dr. José Manoel Cerqueira Gomes, distinctissimo advogado, dando-me parabens pelo escripto, confirmou-me que o lera sem lhe encontrar allusão offensiva.

O sr. Anthero Ferreira de Araujo e Silva, membro da commissão editora, meu ex-collega na direcção da

Creche, e por consequencia ao corrente de todos os acontecimentos, que ali se deram, leu e releu o tragico proemio e garantiu-me que não vira em todo elle motivo nenhum que justificasse despeitos pessoaes.

O sr. dr. Alves da Hora, um cathedratico abalisado e seguro, que estimo sempre ouvir no seu avisado conselho, consultado por mim em Leça, não logrou descobrir a famosissima allusão.

O sr. Antonio José da Silva Teixeira em cuja typographia foi impresso todo o proemio, e por cujo cadinho acendradissimo passou a ultima revisão e que estava perfeitamente ao facto de todas as tristes peripecias que comigo se deram; o sr. Teixeira que fora meu collega na Creche não percebeu as injurias.

A imprensa não lhe notou o defeito e pelo contrario levantou o trabalho.

Mais de duzentos exemplares foram aqui distribuidos por pessoas de subida consideração; mais de 15 dias se passaram sem que ninguem suspeitasse ou denunciasse malicia no malfadado preambulo. As esmolos começavam de acudir muito generosa e espontaneamente, tudo presagiava um futuro risonho para a Creche e para o Hospital, quando d'improviso...

Mas que magicos crimes que ninguem ainda lobrigou!

Onde está o crime?

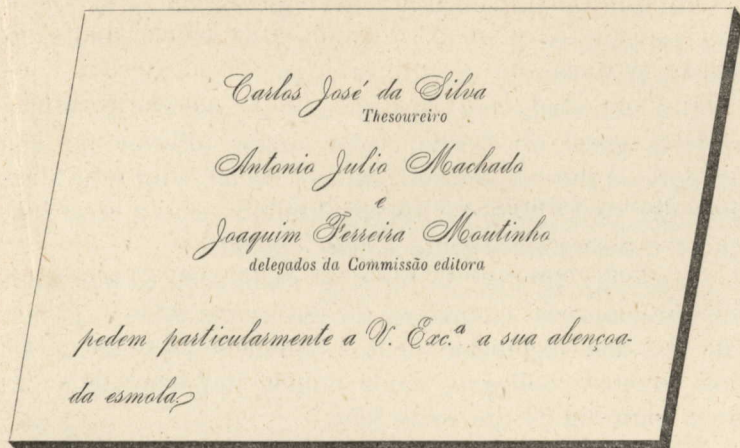
Exhiba-se o crime.

O crime, meus leitores, era uma ficção, sombra que passou...

*C'était l'ombre d'un cacher
Avec l'ombre d'une brosse,
Brossant l'ombre d'un carrosse...*

Sombra de sombra... Visão d'um sonho!...

Os exemplares que se iam expedindo, eram acompanhados de um cartão assim concebido:



Assentara esta sub-commissão por devotamento particular de ir pessoalmente a Lisboa, a Coimbra, a Braga, a Guimarães, a Vianna, a Caminha, Valença, etc., pedir o auxilio de amigos em beneficio do humanitario pensamento.

Começára esta missão indo ao Bom Jesus entregar os primeiros exemplares á familia real e a toda a sua comitiva.

Quanto não valeria em Guimarães a devotação consagrada a Francisco Martins de Moraes Sarmento — gloria d'aquella terra? (1)

(1) A sub-commissão resolvera mais ir igualmente a Seide e a Guimarães agradecer a singular esmola aos magnanimos bemfeitores.

Para com o sr. visconde de Correia Botelho foi cumprido o gratissimo dever, por occasião da estada de s. ex.^a n'esta cidade.

Perante o sr. Moraes Sarmento, obistou o triste incidente ao agradável desempenho da honrosa missão. Eu pela minha parte aproveito o en-

E o que diremos do Rio de Janeiro, onde o sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos se declarára apostolo do livro!...

Tinham-se empenhado altos valimentos para angariar protectores á ideia na Bahia, em Pernambuco, S. Paulo, Rio Grande do Sul, etc., etc.

Era calculada em dezoito a vinte contos de réis a collecta geral do *Obolo*, valor ainda inferior ao que proporcionalmente dera a minha *Creche*, com uma tiragem dez vezes menor e apenas limitada a sua distribuição a um estreito circulo n'esta cidade.

E não ha duvidar da possível realisação d'esta nobilissima empreza, considerando nas sympathias e no merito dos dous estabelecimentos beneficiados e dos meus dois illustres collegas, cujos nomes importavam a segura garantia de um exito feliz.

Estavam lançados portanto os fundamentos a uma esmola importante.

Aniquilou-se tudo isto á conta d'um capricho! (1)

E não houve um unico homem que meditasse na fatal consequencia do dislate e que com a sua prudencia soltasse a flecha da luz, no extenso mar de cegueiras!!

Simplesmente lamentavel!

Vá pois a responsabilidade do fatal desmoronamento a quem competir. Carregue e responda cada um pela sua obra.

Eu respondo por mim.

sejo para protestar a s. ex.^a o meu eviterno reconhecimento pela sua altissima benemerencia; pedindo-lhe desculpa se por ventura não soube satisfazer á expectação de s. ex.^a

(1) O livro tem sido immensamente procurado; dispertaram-lhe a curiosidade da leitura, com o escandalo. Sustei a sua circulação declarando-me inhabilitado para ella, cumprindo á dignissima commissão editora pronunciar sobre o assumpto o seu esclarecido veto.

SUAVIDADES

«...âncora desce;
•E aos ingratos inhospitos balaços
•Do longo velejar, succede o brando
•Meneio da suavissima corrente,
•Que no remanso de seguro porto
•Tão dóce é de sentir ao nauta exausto
•Dos repellões irados de Neptuno.

ALMEIDA GARRETT.

ALÉM das cartas que ahi deixo consignadas como grata compensação aos dissabores resultantes da respeitosa obediencia ao mandato do grande apostolo das lettras e da caridade, sr. Camillo Castello Branco, semeando rudes giestas de arida gandra pelos floridos vergeis das suas excelsas virtudes, tenho recebido outras muitas de pessoas altamente illustradas que reservo no recondito da minha eviterna gratidão, deixando de cital-as em abono d'esta causa santa e humanitaria, para não estadeiar desvanecimento e immodestia.

Entre estas, porém, ha uma na qual se me commette missão tão nobre e distincta, tão de interesse para a historia, ensinamento e progresso do seculo, tão honrosa para os amantes das lettras patrias, que deixar de publical-a fôra delicto imperdoavel.

Esta carta é uma lição sublime de sentimentabilidade e altruismo.

Meditem-n'a os escalfurnios que se refocillam em vinganças torpes e inchas depravadas.

N'estê valle de lagrimas e de miserias, por entre os immensos escolhos d'esta vida negra e asperrima, aavez dos mais torridos e estereis areaes, de broncos e escalavrados alcantis e de fundas e escalvadas grotas ou ravinhas, sob um céu de ferro candente, ou no cimo de geladas e mortiferas avalanches, collocou Deus a suavidade da fé, da esperança e da caridade, oasis refrigerantes, auras criadoras, boninas de celestial flagrancia, peitos amorosos, almas compadecidas, vivos reflexos do amor universal que une todos os membros da especie humana e lhes adoça todas as maguas e agruras.

Divergem por vezes as opiniões dos homens, succedem-se pugnas e gladiamentos ferozes, ferem-se combates terriveis, incruentos, mas não menos crús—os da palavra ou da penna. É a lei da contradicção, da antinomia.

Entre Camillo Castello Branco e Theophilo Braga, travou-se uma d'essas luctas do entendimento, renhida, gigantesca, cyclopica, homerica; lucta famigerada que tomou supernas proporções pela maestria e pujança dos esgrimistas.

A clava era a penna diamantina manejada por guantes de rijeza descommunal.

Cada golpe arrancava lascas enormes de seio a seio.

E quanto mais fundos eram os botes, mais crescia a impetuosidade da accommettida.

Na peleja não se destrinçavam, vencedor e vencido. Ambos de terso valor e de igual coragem.

Camillo com todo o poder do seu espirito penetrante, com toda a calma da sua experiencia segura, vibrava e aparava os golpes com a galhardia do mestre d'armas que esgrime. Theophilo com a fogosidade da sua idade juvenil, com a ousadia da sua convicção acerada, não parava na arremettida, nem desfallecia ao estrepitar da pugna...

Subito faz-se tregua.

Os adversarios baixam as armas. Cessa a lucta fulminante para começarem os heroismos fraternaes.

Uma terceira mão, altipotente, ferira de morte um dos campeões.

O outro respeitou-o no instante da desgraça. Fez mais; chorou com elle.

Theophilo capitula esta inopinada intervenção da desdita, de lei bruta da natureza... É certo que ella foi horrificamente trucidativa e agoniosa: entretanto, altos mysterios de Deus, que tinha mais direito aos seus anjos dilectos, de que Theophilo a seus filhos queridos, dôces e ternos fructos de seus amôres e sorridentes auroras de todas as suas esperanças.

Ai, a perda rapida, a perda seguida de dois filhos que representam a nitida expressão dos extremos affectivos de seus pais, todo o encanto dos seus anhelos, todo o seu enlevo e ambição e alegrias...

Não ortiguemos, não apunhalemos corações macerados, dilacerados pelos cilícios dos mais acerbos desgostos.

Não é dado a todos o mago condão de produzir consolações em tristes endeixas ou em melancolicos epicédios.

Sabe-o fazer Camillo Castello Branco, o ungido das lagrimas, o estyllista das lagrimas, o genio que fez a apothese das lagrimas, e em cujo coração condolentissimo, abriram os anjos a magica fonte das *Abençoadas Lagrimas* e das *Lagrimas Abençoadas*; Camillo que sente com os seus proprios adversarios quando a fatalidade préme sobre elles; Camillo que balsamisa as chagas dos seus proprios emulos, quando a dôr os excrucia; Camillo que satura de amôr, que purifica as hervadas settas da guerra na urna sagrada dos dulcissimos effluvios do conforto, do alivio e da consola-

ção, para assim suavissimas e dulcificantes as desferir certas aos seus rivaes, quando a desventura lhes dilacera os seios d'alma...

Basta! estou a desluzir brilhos á mais candida e pulchra gemma das fulgentes aureolas da condolencia.

Irradie a propria luz em todo o seu esplendor e seja esta doirada pagina do meu pobre opusculo a fonte pura onde os condemnadores do *Obolo ás Crianças* venham beber, em santos e bellos exemplos de cordura dos genios, sublimes inspirações de verdadeiro affecto, em favor do Hospital Real de Crianças Maria Pia e da Creche de S. Vicente de Paulo.

«Meu amigo Joaquim Ferreira Moutinho.

Tarde venho cumprir o dever de imprescriptivel reconhecimento pelo seu generoso brinde do livro *Obolo ás Crianças*, com que tanto me honra, e commove, e ao mesmo tempo me deixa na impossibilidade de exprimir uma gratidão condigna de distincção tão especial. Como justificar a demora? Confessando a verdade. O livro veio encontrar-me doente e em uma prostração moral, que nem mesmo umas simples palavras de agradecimento accusando a recepção de tão extremada prova de bondade, eu me achava com energia para coordenar-as. Queria, sem poder.

Incorri na indelicadeza do silencio por este desfalecimento em que me vi cahido, e em que a memoria d'aquelles filhos perdidos me conserva, todas as vezes que considero que eu e minha mulher estamos diante um do outro como se escapassemos sósinhos de um naufragio onde se afundaram dezaseis annos de esperanças accumuladas nos dois entes que nos enchiam a vida e eram o objectivo de todos os planos que a felicidade inventa. Perdemos tudo! e a dôr das primeiras horas é nada comparada á dos dias que vêm com o

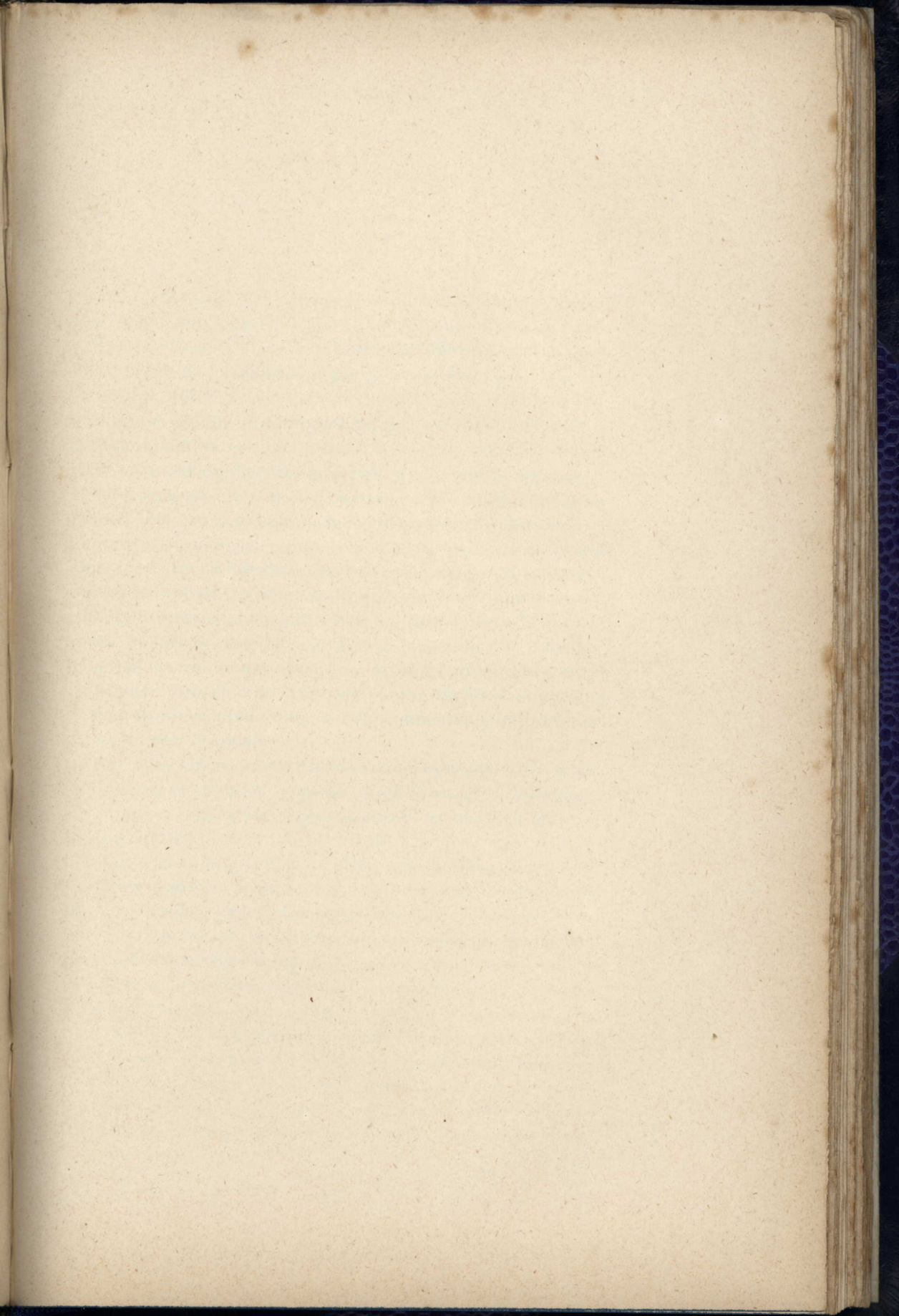
mesmo sol, com os mesmos acontecimentos ordinarios, mas sem o alento d'aquelles sêres em quem mais do que em nós viviam as nossas almas. Esta paixão está, como tão sublimemente disse Calderon, sanctificada pela morte, e assim foi tambem comprehendida por Camillo Castello Branco no quadro assombroso — *A maior dôr humana*. O grande mestre esqueceu-se das dissidencias doutrinarias de outr'ora, e veiu derramar o balsamo do mais ideal sentimento sobre a ferida que nunca cicatriza. Eu repasso-me d'essa expressão profunda do eximio poeta, e se alguma cousa pôde consolar-me é a lembrança de que, em quanto se fallar a lingua portugueza e se admirar o bello, esse soneto inexcédível — *A maior dôr humana*, hade prolongar a existencia subjectiva d'esses entes queridos, cuja belleza e distincção moral poucô irradiou além do fóco da affectividade domestica.

Bem haja a arte que eternisa o nosso sêr moral, corrigindo a imperfeição das leis brutas, cegas, ou inconscientes da natureza que tudo arrasta na mesma corrente de transformação. O quadro traçado por Camillo Castello Branco fica eterno pela emoção que exprime, e no futuro deporá a favor da individualidade mal conhecida, por que se dispendeu na obra negativa de uma época de transição, tendo o poder de construcção dos genios eleitos. Não me atrevo a agradecer directamente essa maravilha, porque as palavras não me dizem tudo. Creia o meu amigo que me tem vinculado a um eterno reconhecimento.

Lisboa, 11 de dezembro de 1887.

Sempre obrig.^{mo} e antigo admirador,

Theophilo Braga.»



AZEDUMES

Faze o que manda o Senhor, assentar-te-
has com elle ao sol.

ADAGIO POPULAR.

Brotem lirios os campos que atégora
De cardos espinhosos se cobriam.

CORTE REAL.

Tout est bien pour qui veut servir l'humanité.

BONNEFOI.

UM mez depois que o sr. Eduardo Machado, impensadamente, inopinadamente, e o sr. Marçal Brandão, com estudada diplomacia, protestaram cada um a seu modo contra invectivadas offensas, e quando todos os desabrimentos e negações propendiam a esca-becear na modorra da paz e do socego, surge em scena, com geral surpresa, o sr. Henrique Carlos de Meirelles Kendall soprando os ôdres da discordia e jorrando ondas de petroleo á solapada fogueira da desordem.

Não hade ser este feito o matiz que laureie de futuro o renome do sr. Kendall.

Nem sempre a censura envolve ensinamento; nem sempre o castigo attinge os beneficios d'uma lição.

Profligamentos ha que só representam pruridos de amor proprio.

Parecia naturalissimo que tendo occorrido o escandalo em tão pleno dia, chegasse immediatamente ao conhecimento do sr. Kendall, e que este senhor pro-

curasse orientar-se da causa que lhe dera origem, protestando então.

Não aconteceu porém assim. A officina de encadernação demorando extremamente o trabalho que lhe fôra commettido, só ao cabo de vinte e tantos dias sobre o acontecimento é que permittiu poderem-se distribuir os exemplares do *Obolo*, destinados aos membros da commissão editora, da qual fazia parte o sr. Henrique Kendall, por indicação, ou melhor, a pedido do sr. Antonio Julio Machado; e foi então e só então que aquelle sr. *thesoureiro da Creche de S. Vicente de Paulo*, á qual pertencia metade do producto do livro, conseguiu lêr as satyras e as allusões, que lhe irritaram os nervos a ponto de vir para os prelos com igual intuito ao dos gregos com as Hesperides,—expectorar a sua indignação contra mim e contra o meu escripto, que s. ex.^a no empenho de desvirtuar, alcunhou até de narcótico, não se lembrando que a sua propria irritabilidade protestava a berros contra o qualificativo!

Soubera eu produzir um narcotico!

O sr. Kendall esqueceu-se, naturalmente, que o sr. Camillo Castello Branco era o auctor dos *Narcoticos*!

Vae *ipsis verbis* a sentenciosidade auctoritaria do sr. Kendall com todos os seus *ss* e *rr*, pontos e virgulas e até com todas as suas *excellencias*.

As *excellencias* vão sem resaihos de empafias ou embofias. Salve-se assim ao menos o decòro da modestia; mesmo porque, segundo a abalisada opinião do meu caro mestre—a *excellencia* póde até significar ausencia de posição social. (1)

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Joaquim Ferreira Moutinho.

Foi-me, ha dias, entregue uma carta impressa, de

(1) Camillo C. Branco—*Livro de Consolação*.

v. ex.^a, acompanhando um livro, intitulado *Obulo às Crianças*, que, por causa das minhas occupaões, só hontem consegui lêr.

Na primeira parte d'esse livro ha um escripto assignado por v. ex.^a, no qual se lêem allusões satyricas a respeito de entidades que eu muito considero, allusões que v. ex.^a, na sua carta, confirma terem sido escriptas intencionalmente, mostrando, assim, que teve em vista um desforço pessoal qualquer, que me não interessa investigar.

Diz v. ex.^a, na referida carta, que esse livro é um exemplar da obra, para cuja publicação foi ha tempo solicitada a minha contribuição.

É certo que me prestei, de boa vontade, a coadjuvar essa publicação, que deveria ter por fim beneficiar, com o seu producto, a Creche de S. Vicente de Paulo e o Real Hospital de Crianças Maria Pia. Mas o que eu nunca poderia suppôr é que n'uma obra destinada a um fim de caridade, fosse aproveitado o ensejo de melindrar amigos, que muito prézo, e entidades que tãem prestado á Creche assignalados favores.

Portanto, permitta-me v. ex.^a que lhe devolva o livro, que teve o incommodo de enviar-me, declarando, ao mesmo tempo, a v. ex.^a, que mantenho o meu compromisso de concorrer para a publicação do *Obulo às Crianças*, quando elle se apresentar, apenas, com os eloquentes e interessantissimos opusculos dos preclarissimos escriptores, os ex.^{mos} srs. visconde de Correia Botelho e Francisco Martins Sarmiento, ou collaborado á altura dos benemeritos intuitos, que me haviam sido préviamente declarados.

Como é de uso submeter-se, préviamente, á approvação dos contribuintes, o texto de qualquer obra, para cuja publicação sejam convidados a concorrer; e como eu não tive conhecimento algum do que v. ex.^a tencio-

nava escrever, julgo do meu dever publicar esta carta como explicação e satisfação aos que tinham direito de estranhar que eu contribuisse, com conhecimento de causa, para a exhibição de despeitos, tão fóra de proposito, n'uma publicação que se offerece como *Obulo ás Crianças*.

Tenho a honra de subscrever-me, com a devida consideração.

Porto, 1 de dezembro de 1887.

De v. ex.^a

Constante admirador,

Henrique Carlos de Meirelles Kendall.»

Convidado por mim o sr. Kendall a evidenciar as passagens infamantes, porque quem accusa prova, retrucou s. ex.^a:

«*Sr. redactor*:—A *convenientissima* intimação, dirigida a mim e ao ex.^{mo} sr. Alexandre Carneiro de Vasconcellos, pelo sr. Joaquim Ferreira Moutinho, no *Commercio do Porto*, de hontem, veio revelar ao mundo, assombrado, mais uma feição característica do portentoso intimador, mostrando que o sr. Moutinho diz e escreve, sem saber o que diz nem o que escreve.

O sr. Moutinho é unico e ha-de morrer unico, no seu genero: a não ser que se reproduza n'elle um phenomeno como o da Phoenix, que renascé das suas proprias cinzas.

S. ex.^a até nasceu baptisado, conforme o declara no seu *prologo que não é prologo*, com que precedeu os brilhantes escriptos que ornarn o *Obulo ás Crianças*!

Ora, eu tenho mais que fazer do que entrar em longas cavaqueiras com phenomenos da natureza, e não

sou mestre-eschola para ensinar hermeneutica ao sr. Moutinho.

Se não acha bastantes as demonstrações da grande maioria dos que se prestaram a contribuir para a publicação de um escripto destinado a um fim de caridade, convoque uma reunião d'esses cavalheiros, e saberá d'aquelles que tiverem a coragem de resistir, até ao fim, á leitura do seu narcotico escripto, onde está *o gato*.

É certo que muitosmeticulosos têm horror á imprensa: e não varrem, publicamente, a sua testada como o sr. Carneiro de Vasconcellos e eu fizemos. O meu systema é outro. Prefiro recorrer á imprensa, entregando ao publico o julgamento dos meus actos; porque é ahí que não póde vir morder-me a calumnia e a intriga perfida e insidiosa, sem que eu, com todo o pezo de uma consciencia tranquilla e forte, a esmague e pulverise.

Com a publicação d'estas linhas no seu conceituado jornal, obsequiará v. immensamente, sr. redactor, o
Porto, 7 de dezembro de 1887.

De v. etc.,

Henrique Carlos de Meirelles Kendall.»

Como quer o sr. Kendall que eu responda a este seu insueto amontoado de desacertos, de equívocos e de provocações?

Volte o sr. Kendall a lêr a sua obra, mude as settas em grelhas, colloque-se no meu logar, escarpellise o seu escripto e seja juiz imparcial ao menos d'esta vez.

Teria coragem o sr. Kendall de despir a sua casaca, descalçar a sua luva, arregaçar fraldas e mangas e vir, plena praça, entreter as galerias avidas de escandalos, trocando chufas desbragadas, dichotes, piparotes e re-

moques picarescos, retaliações e pugilatos de regateira, com quem lhe atirasse á face doestos que o sr. Kendall não merecesse, ridiculos que lhe não fossem cabidos nem ajustados?

O sr. Kendall deve saber que os espectadores de um circo applaudem promiscuamente o toureador que golpeia o touro e o touro que vinga o golpe escornando o toureador. As ovações ruidosas e entusiasticas que victoriam o barbarismo, não distinguem triumphos de racionaes ou irracionaes. O que se quer é vêr a arena alastrada de victimas, empapada, espadanada de sangue. O que se palmeia frementemente é a carniceria bruta, canibalesca.

Ora eu sinto-me velho e destoante para me dar em espectaculos d'esta ordem e como tenho a responsabilidade muito séria da educação de meus filhos, cidadãos do futuro, poupo-me e poupo-os a deslustres e vexames, porque n'estas lidas irritantes, n'estas escaramuças tredas, ha sempre demasias e vergonhas; e eu não sei que seja de bom exemplo nem proveito para os filhos andarem os pais á compita a revolver miserias, a remexer podridões fetidas e asquerosas, que infectem e pesteiem o ambiente que elles têm de respirar.

É pouco edificante acirrar o animo das crianças!...

Os pais devem sempre desbravar, arrotear os maninhos em que os filhos tenham de colher as messes do futuro e nunca esbraveal-os, nunca ouriçal-os de urzes.

Depois, como nunca servi de coveiro, não me apraz tambem errar pelas valas dos mortos a exhumar cadaveres. Quero dizer: que aguas passadas não moem moinho; — ou por outra: que não me esqueço da biblica passagem da mulher adultera; e nem da bella parodia de Schiller:

«Desejas conhecer o que és? repara nos outros: tal tu és.

«Desejas conhecer os outros? olha para dentro de ti, que em ti os vês.»

Ha homens, que, como as arvores, precisam do latego dos vendavaes para medrarem, procurando por effeito das grandes oscillações abrir fendas por onde as raizes se lhes possam embeber e alastrar. Esses homens aspiram á celebridade; e tantos templos de Minerva arderiam incendiados por quantos elles são, se Minerva não desistisse de templos depois que um desvanecido entendeu de immortalisar-se, reduzindo a cinzas o primeiro que ella teve.

A estes ajusta-se bem a phrase do apostolo: — symbols resplendentes mas vãos de caridade.

Eu sempre tive medo ás grandes culminações.

Acho-as perigosas, muito expostas aos rigores dos elementos, propicias á attração da fиска electrica, que não traz subscripto e que onde bate, reduz tudo a fragmentos, põe tudo em fânicos.

Tenho visto cahir muito colosso.

«O dia de amanhã não vos pertence;
 «Amanhã... amanhã... porvir... futuro...
 «Problema d'esperança, ou tudo ou nada.

 «E no meio de tantas ironias,
 «De sonhos, d'illusões, d'engano e nada
 «Cuida-se o homem rei... vaidade humana!» (1)

Por isso amo a humildade, humildade sem baixeza, —entenda-se—honesta mediania que não cause ciúmes.

Desgraçadamente, porém, cá mesmo n'este obscurecimento me vem a iniquicia confranger e inquietar.

Não ha fugir n'este mundo de Christo aos vaivens da sorte. O que agrada a uns, desagrada a outros.

«Nunca céu sem nuvens sobre alegrias humanas»,

(1) Dr. D. J. G. de Magalhães.

dizia o nosso saudoso Castilho, e é assim; tudo se conjura contra a fragil humanidade.

Que serie de contraditas não soffreria o pobre do Christovão Falcão para d'este modo se exprimir em verso confuso:

«Vi o começo no cabo,
«Vi o cabo no começo
«De feição que não conheço
«Se começo nem se acabo.

Não, que ha coisas que nos transtornam de veras a cachimonia. Tem aqui bom cabimento o trocadilho popular:

«Não sei se vá ou se fique,
«Não sei se fique ou se vá;
«Indo lá, não fico aqui,
«Ficando aqui não vou lá.

A que condição me reduziram!

Sabe o sr. Kendall o que me acontece?

Depois das suas iracundas objurgatorias ou catilina-rias, recebi pelo correio e por baixo da porta, varias cartas anonymas. — (Anonymo é o sujeito que tem vergonha de si proprio; anonymo é o desconhecido que não falta nunca, nas horas minguadas, com o lethal veneno para augmentar a afflicção ao afflicto).

Em algumas d'essas cartas levava eu descompostura bravia, descabellada, nojenta por vezes; n'outras levava-a o sr. Kendall. E com estas ultimas vinham folhetos cobertos de annotações, communicados de jornaes com apimentados reparos, confidencias crespas, apreciações duras, lamentações doridas, pragas tyrannas, incitamentos desalmados, o diabo a quatro...

Eu sei que tenho inimigos, gratuitos é certo, mas

assevero ao sr. Kendall que n'este ponto me leva a palma.

S. ex.^a tem bem mais inimigos do que eu.

A razão é clara. É, é..., deve ser, porque s. ex.^a me excede muito em merecimentos...

Por isso lhe cêdo as grandezas da victoria. Diga de si o sr. Kendall que é puro como a candida açucena, puro como o céu azul, limpido como um crystal, diaphano como o ether; correcto, irreprehensivel, impeccavel... Diga que é incorruptivel como D. João II, que é integro, rigido e immaculado como Catão. Diga que eu ao inverso de s. ex.^a sou um poço de vicios, um fóco de podridões e de mazellas; diga que me venceu, que me aniquilou; que eu não tive um desforço contra o pézo da sua logica de ferro, contra os argumentos da sua facundia candente. Diga o sr. Kendall o quê quizer, que eu continuo a ser o que sou, e não o que desejo ser, nem o que o sr. Kendall pretende que eu seja.

Desengane-se o sr. Kendall: nem eu consigo alterar no animo publico o conceito que s. ex.^a merecidamente goza, e que eu nunca nem por de leve desluzi, nem s. ex.^a conseguirá mudar ou transtornar o bom ou mau juizo que o mesmo publico faz a meu respeito.

O credito conquista-se, não se impõe.

S. ex.^a, mesmo já me teceu elogios e eu nunca lhe escasseei ou neguei encarecimentos e encomios. A que proposito vem pois estes rasgamentos de pelle, sem motivo nem cauza que os justifiquem?

Quando, como e onde offendi eu o sr. Kendall?

Digo-lhe com Fléchier: *Pour accomplir votre volonté, Seigneur, et pour faire craindre vos jugements, votre puissance renverse ceux que votre puissance avait élevés!*

Deliberára s. ex.^a retirar-se da direcção da Creche, que eu tinha a honra de presidir.

N'este interim s. ex.^a á conta de um estudo meu sobre as cauzas que actuavam na alta ou baixa do cambio do Brazil, joga-me pela imprensa ácre baldões, bastante abaixo da sua propria gravidade.

Tratando-se de eger nova meza, eu fazendo uma breve resenha dos relevantes serviços prestados por s. ex.^a ao estabelecimento que administravamos, pedi e pedi instantemente a s. ex.^a que continuasse a dispensar áquella caza as suas luzes e o seu operoso curso. E s. ex.^a tanto accreditou na sinceridade das minhas palavras, que se dignou continuar a exercer o seu honroso cargo.

Isto prova evidentemente que não sei guardar rancuras, nem amesquinhar meritos, e que sentia e professava a doutrina ali por mim sempre seguida e defendida: a pessoa a quem é confiada a guarda d'aquella colmeia de beneficios, ao penetrar-lhe os umbraes, sacode cá fóra o pó das terrenas paixões, para ali entrar sómente envolto no manto da verdadeira caridade, com o espirito afinado pelo amor, pela abnegação e pela fé. E seja-me licito declarar aqui que durante o tempo que servi com o sr. Henrique Kendall, nunca tive o mais pequeno motivo de desgosto que me proviesse de s. ex.^a

No proemio do *Obolo ás Crianças*, pretendi dar um bom exemplo de cordura.

Quiz traduzir em uma esmola notavel a affirmação viva do meu affecto á Creche, que tanto do coração estremeci sempre. Contra este pensamento amorosissimo ergueram-me barreiras que me afastam por completo de continuar a cooperar no piedoso tentamen.

Sinto profundamente que o sr. Kendall auxiliasse esta magna injustiça, mas guardo fé que s. ex.^a remediará o mal, reconstruindo o derribado edificio, com os recursos do seu valimento.

Passadas as impressões que actuaram para o desa-

brido rompimento, ha-de vir a reflexão sensata provar-lhe o erro.

E então conhecerá o sr. Kendall que andou precipitada e incongruentemente enviando-me o exemplar do *Obolo às Crianças* n.º 78, que legalmente lhe pertencia e que lhe foi remettido por deliberação da sub-commissão representante da commissão editora, em virtude da apresentação do seu nome feita pelo sr. Antonio Julio Machado.

Que se no facto da devolução do livro havia intencionalidade de censura ou peor ainda de agravo, qualquer que fosse a ideia que lhe presidiu, tinha necessariamente de magoar: primeiro o sr. Antonio Julio Machado, apresentante de s. ex.^a, e que nada tem que ver com os meus actos, nem como justo devia pagar pelo peccador, se realmente peccado houvera; depois a commissão editora, sobre a qual de modo algum se póde lançar a responsabilidade da lettra exarada no livro; e por ultimo os dous auctores do *Obolo*, a quem não ha ensinar preceitos de brio e de hombridade.

Que a minha pessoa com relação ao livro valia tanto quanto o sr. Kendall e os outros membros da commissão; pois embora elle me houvesse sido offerecido, eu delegára todos os poderes da offerta na commissão editora da qual fazia parte.

Que finalmente, tudo quanto de mal podesse resultar da renuncia de s. ex.^a, incidia nos dous estabelecimentos beneficiados e nunca em mim, que do livro não podia auferir proveito nem gloria.

A Creche e o Hospital nada perderam com a devolução do exemplar do sr. Kendall, porque a verba que lhe competia foi integralmente satisfeita; mas perderão realmente muito, se s. ex.^a e outros cavalheiros, por um injustificado e mal comprehendido escrupulo, lhes retirarem a sua valiosa protecção deixando de auxiliar a re-

messa de tão grato documento traçado pelos srs. Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmiento, em prol dos dois thesouros que representam um orgulho nacional e um marco imorredouro nos fastos da caridade.

!

Por tal ordem fabricou Deus ho mundo,
e assi dispóz as suas cousas d'elle...

DUARTE N. DE LEÃO—*Leis extra-
vagantes.*

Deus organisou
O homem que vemos...

ANTONIO PRESTES—*Auto da Ave-
Maria.*

NO *Commercio do Porto*, de n.ºs 301 e 307, lêem-se dois communicados com referencia ao assumpto, assignados pelo sr. Alexandre Carneiro de Vasconcellos, actual presidente da Creche de S. Vicente de Paulo. Um, o primeiro, é do theor que segue:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Joaquim Ferreira Moutinho:

Com a carta de v. ex.^a, de 17 de novembro, recebi o exemplar n.º 53 do *Obulo ás Crianças*, escripto pelos dous eminentes litteratos os ex.^{mos} srs. Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmiento.

Quando, por solicitação do ex.^{mo} sr. Antonio Julio Machado, associei o meu nome ao de outros cavalheiros para custear a despesa com aquella publicação, não podia imaginar que v. ex.^a iria **sujar** obra de tanta valia, com o insulto a cavalheiros que faziam parte de uma corporação, a que hoje me honro de pertencer, e

com cuja camaradagem me ufano. Os dous cavalheiros que com v. ex.^a, e inconscientemente, foram depôr nas mãos da familia real os exemplares d'aquelle livro, que lhe agradeçam a lealdade com que v. ex.^a os tratou. Pela minha parte devolvo o exemplar, e vou reclamar a minha assignatura, porque nunca contribui para insultar pessoa alguma. Subcrevo-me,

Porto, 1 de dezembro de 1887.

De v. ex.^a
attento venerador e criado,

Alexandre Carneiro de Vasconcellos.

O exemplar do livro *Obolo ás Crianças* a que se refere esta carta e que havia sido expedido perfeito, foi entregue em minha casa com as primeiras paginas rôtas e amorfanhadas.

Estava presente o meu respeitavel amigo sr. dr. Alves Mendes, quando o recebi.

No segundo communicado, que occupa tres columnas do jornal, de par com as mais arrojadas diatribes, insultos soezes, conclusões malevolas, pullulam avançamentos d'esta ordem:

«Na carta do sr. Moutinho ao ex.^{mo} sr. Antonio Julio, nega e afirma o escriptor ao mesmo tempo as suas ruins intenções. Na carta de 7, do ex.^{mo} sr. Antonio Julio ao sr. Moutinho, mostra este cavalheiro o seu enfado, e o desejo que tem em se vêr livre de tal sujeito.» (1)

«O sr. Moutinho diz que resignou a honra da direcção da Creche.

(1) ?!!!!...

«É certo que resignou, como a raposa da fabula as uvas por lhe não chegar.

«Os factos occorridos na sessão de 18 de marco, que estão aliás benignamente descriptos pelo digno secretario da direcção deram precisamente este resultado: por outra, resignou para lhe não intimarem mandado de despejo.»

Em signal de respeito e consideração ao publico e á gravidade d'este opusculo, limito-me a asseverar que a direcção da Creche de S. Vicente de Paulo não auctorisou estas proposições.

*
* *

A mesma illustre e conspicua redacção que acceitou no seu conceituado jornal o specimen a que acabo de me referir, talvez sem rival nas suas paginas respeitadas e respeitaveis, tem por muitas vezes honrado benevolentissimamente o nome que assim deixou conspurcar e denegrir por fôrma tão estranha e nova nas suas egregias columnas.

É certo que a abalizada e integra direcção do jornal não tem que vêr com a doutrina de taes communicados; (1) mas é certo tambem que até áquella época tinha sido lei e norma no seu jornal a apresentação decente e cortez.

E tanto assim era que no *Apostolado da Esmola*, escripto a que cada vez quero mais, disse eu compenetrado d'uma grande verdade:

«O *Commercio do Porto*, orgão e espelho da justiça

(1) Ha jornaes — o *Paiz* por exemplo, uma excellente publicação do Rio de Janeiro,—que professam ideias muito em contrario; e a meu vêr, com nobilissima distincção.

e como ella incorruptivel; reflector da consciencia humana e como ella severo e sereno; fonte da Historia e como ella transparente e nitido; comprehendendo e bem que a imprensa é o alicerce da probidade, o fanal da honra, o escudo, a protecção e a defensão da innocencia; compressora das demasias, correctivo das licenças, dos vicios e dos desmandos; espectro solar que amedronta e contém os impetos á tyrannia; visão medonha, terrifica do arbitrio; paz da consciencia e consciencia do dever...» (1)

Coube-me de sorte abrir-se para mim o tristissimo exemplo!!

É fado!...

Ando em maré de enguiço!

(1) *Commercio Portuguez*, de 28 de dezembro de 1884.

CONFRONTOS E ORIENTAÇÕES

As comparações são a desgraça do talento.

C. C. BRANCO.

AS paginas que se seguem não entravam de fôrma alguma no plano d'este escripto, ao qual as conveniencias sociaes e o decorrer dos factos acarretaram profundas modificações.

Por amor aos estabelecimentos soffreu restricção; por amor á dignidade houve latitude, amplitude.

Afinal sahe para ahi um aleijadinho.

Assim deveria ser, porque a sua origem foi tambem um aleijão.

O leitor desculpar-me-ha por tudo; mas especialmente pelo forçado assoalhamento de louvaminhas que eu mesmo condemnára a perpetuo degredo no fundo de recondito escriptorio.

O pullular das insidias contra mim machinadas lembrará ao leitor aquellas considerações do sr. Camillo Castello Branco, no prefacio do livro de Silva Pinto, — *Combates e criticas*:

«Ora, como os deuses nem sempre defendem os innocentes, elle foi obrigado a defender-se de inimigos possantes que tinham na sua hoste *Basilios* varios,

uns para a intriga engenhosa, outros para a calúnia clandestina e alguns para a diffamação descarada.»

E ainda do mesmo auctor e no mesmo livro:

«Do Pudor e da Justiça já dizia Juvenal que ambos se tinham safado fraternalmente.

«Atque duæ pariter fugere sorores.

*
* *

Em fins de julho de 1884 tive a subida honra de receber em minha casa os meus respeitaveis collegas na direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, os ex.^{mos} srs. commendador Domingos do Espirito-Santo Magalhães, Domingos de Almeida Ribeiro, commendador Antonio Alves da Silveira e José Carlos Marinho, constituídos em commissão para me surprehenderem e confundirem com este captivante e delicadissimo obsequio:

Associação da Creche de S. Vicente de Paulo, do Porto—Extracto da acta da sessão de direcção, que teve logar aos 18 de julho de 1884.

Aos 18 de julho de 1884, pelas seis horas da tarde, achando-se reunida a direcção em numero legal, foi aberta a sessão pelo presidente, o sr. dr. Francisco José Rodrigues d'Oliveira.

Além do sr. presidente, e do 1.^o secretario Rodrigo Guimarães, achavam-se presentes: o thesoureiro, o sr. Duarte Lopes da Silva, e os directores: os srs. Antonio Alves da Silveira, Domingos d'Almeida Ribeiro, Domingos do Espirito Santo Magalhães e José Carlos Marinho.

Leu-se a acta da sessão anterior, e foi approvada unanimemente, sem reclamação.

.....
 Um officio do director, o sr. Joaquim Ferreira Moutinho, com data de 26 de maio proximo passado, acompanhando um exemplar impresso do seu livro—*A Creche*—, cuja propriedade offerece para as obras do edificio d'esta Creche de S. Vicente de Paulo. O sr. presidente fez um levantado elogio do sr. director Joaquim Ferreira Moutinho, pondo bem em relevo as suas brilhantes qualidades, e a sua muito acrisolada e nunca interrompida dedicação por esta Creche, e o interesse que toma pela prosperidade d'ella, como o provavam não só os muitos e repetidos serviços, que á mesma Creche tem prestado, como de todos nós é sabido, e como ainda agora mais uma vez o confirmava com a offerta da propriedade do seu formoso livro—*A Creche*,—escripto com o unico fim de sollicitar donativos para auxiliar a construcção do edificio para a Creche, tendo sido regularmente entregues todos os donativos, offerecidos em troca dos exemplares da primeira edição, que está sendo distribuida por s. ex.^a entre os seus amigos. Por todos estes motivos podia o nosso collega o sr. Joaquim Moutinho ser considerado um dos mais insignes protectores d'esta Creche, e por isso propunha, que n'esta acta fosse consignado um voto de indelevel reconhecimento por parte da direcção pelo assignalado serviço, que o nosso collega acabava de praticar em favor d'esta Creche, e como demonstração d'esse reconhecimento, a direcção, a expensas suas, mandasse tirar o retrato a oleo do seu prestimoso collega para ser collocado na sala da Creche, devendo além d'isso ser enviado ao nosso collega um extracto d'esta acta para seu conhecimento e satisfação. Esta proposta foi recebida com extremo agrado por todos os presentes,

sendo vivamente apoiada, e unanimemente approvada. O sr. presidente disse mais, que o exemplar impresso do livro do nosso collega o sr. Joaquim Moutinho, e que representava o authographo da propriedade do mesmo livro, fosse devidamente archivado, para em tempo opportuno, e quando a primeira edição estivesse esgotada, se resolver o que mais conveniente fosse para se obter o resultado, que o seu illustrado author teve em vista ao escrever o seu livro. Foi unanimemente approvada esta lembrança.

.....
E não havendo mais de que tratar o sr. presidente encerrou a sessão.

Está conforme com o original, que se acha exarado no livro competente. Porto e secretaria da Associação da Creche de S. Vicente de Paulo, aos 25 de julho de 1884.

Rodrigo Antonio Machado Guimarães.

1.º Secretario.

Não se pôde ser indifferente a gentilezas taes.

Agradei como pude e soube, extremamente penhorado, o excessivo favor de todos os meus dignos collegas; mas pedi instante e encarecidamente que me fizessem a grande mercê de applicar em beneficio da Creche a quantia destinada para o meu retrato, que de fôrma alguma podia admittir que se tirasse.

E convenci-os de que, assim procedendo, obedecia sómente á observancia de um dever, conseguindo, depois de varias considerações, a promessa de que attenderiam á minha supplica.

No dia seguinte lia eu com espanto no noticiario do *Commercio do Porto* n.º 186 a seguinte local:

«*Creche de S. Vicente de Paulo*—A direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, resolveu mandar pintar o retrato a oleo do seu distincto collega o sr. Joaquim Ferreira Montinho, afim de o collocar na sala da Creche, como demonstração de reconhecimento pelos importantes serviços prestados a tão formosa instituição por aquelle cavalheiro, especialmente com a publicação e generosa cedencia do seu bello livro *A Creche*. É uma homenagem justa.»

Firme e coherente com os meus principios, dirigi-me á illustre redacção expondo o acontecido e as razões que me levaram a declinar a honra que se me dispensava, as quaes sahiram publicadas no mesmo jornal, no seu n.º 191, precedidas de delicadissimas phrases, que aqui ainda de novo e muito cordialmente agradeço, pedindo a devida venia para a sua reproducção:

«*Distincção merecida*—Como noticiamos no nosso numero de domingo, os collegas do sr. Joaquim Ferreira Moutinho na direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, deliberaram mandar tirar o retrato a oleo d'aquelle incansavel e benemerito protector, que pelo trabalho constante e por uma propaganda brilhantissima tem conseguido sublimar no espirito publico a formosa instituição a que tão justamente soube ligar o seu nome.

O sr. Moutinho, porém, com a modestia propria dos corações verdadeiramente caritativos, quer declinar de si a distincção proposta, julgando-se apenas um dos muitos protectores da Creche. Nós, que applaudimos aquella homenagem, não devemos deixar passar esta recusa sem que lhe digamos duas palavras dictadas por uma franca sinceridade: são muitos os benemeritos, mas ha um benemerito entre esses benemeritos da Creche; esse

benemerito é o sr. Moutinho; a elle se deve consagrar, pois, em especial um testemunho de apreço.

Apesar de ser esta a nossa opinião, publicamos em seguida a carta que nos dirigiu o sr. Moutinho, communicando-nos a sua resolução, e publicamol-a muito especialmente para que ahi fique em publico mais um testemunho da devoção que acalenta aquelle benemerito protector da Creche portuense. Eis essa carta:

Sr. redactor. — Consinta-me agradecer-lhe tão cor-deal quanto fervorosamente as palavras sobremodo lisonjeiras com que se dignou honrar-me, ao fechar, em o n.º 186 do seu excellente jornal, a noticia da deliberação tomada pelos meus dignos collegas na direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, exaltando e distinguindo os insignificantes serviços por mim prestados ao sympathico e humanitario instituto que tão egregiamente administram.

O pouco que hei feito em favor da Creche, como de outros estabelecimentos a que tenho ligado o meu modesto nome, não representa para mim mais que o religioso e austero cumprimento de um dever sacratissimo.

Todos nós temos restricta obrigação, cada qual a seu modo, e na medida das suas forças, de cooperar para o bem social,—que é promiscuamente compartilhado por todos, grandes e pequenos, pòbres e ricos. Se eu auxilio o pobre, còlho immediatamente o fructo da minha esmola, não só na satisfação da propria consciencia, como no gôzo da harmonia social, effeito directo do bem estar da classe productora, sólida garantia de remediados, ricos e poderosos.

Assim, no intento sincero de prestar um minguado contingente a este interesse commum, sem meios de por mim só independentemente de estranhos honorarios realisar o levantamento de um edificio indispensavel para a Creche de S. Vicente de Paulo, (estabelecimento pri-

mordial nas cidades populosas, porque d'elle deriva o sustentaculo do trabalho, da familia, da sociedade—do futuro),—imaginei a publicação de um livro que, pon-do em relêvo a importância da Creche, fizesse convergir para ella a concorrência das esmolos com que a caridade publica realisa sempre os seus altos beneficios.

A este empenho alliam-se generosissimamente dous vultos proeminentes das lettras patrias, collabo-rando em favor da ideia com a pujança do seu muito saber; e objectivam os seus escriptos o unico mereci-mento litterario do livro.

Assim, pois, qualquer distincção em tal sentido ca-beria de direito e de preferencia aos dous festejados es-criptores, os meus distinctissimos e muito presados amigos os srs. conego dr. Alves Mendes e Camillo Cas-tello Branco. A estes sim, são devidos e ajustados todos os encomios e louvores.

O livro, porém, não encerra unicamente em si pri-mazias litterarias, tem outras e valiosissimas.

A parte esthetica, por exemplo, deve a sua illumi-nura e enriquecimento ao primoroso lapis e ao excel-lente e compassivo coração do meu préstavel amigo o sr. Sebastião Sanhudo.

Na sua publicação cabe o logar de honra á fabrica de papel de Ruães, representada pelo meu nobilissimo amigo o sr. conde da Silva Monteiro, que muito espon-taneamente para elle forneceu todo o papel—esmola aliás de subido quilate e a que Deus permitta condigna recompensa, fazendo prosperar o utilissimo estabeleci-mento fabril que tanto engrandece o paiz.

Todas as demais despezas houveram de repartir-se por igual entre o author e os seus bons e velhos e muito prestimosos amigos, os srs. dr. José Pereira da Costa Cardoso e visconde de Alves Machado, que ambos se

disputavam o prazer de serem unicos a coadjuvar uma obra de tanta caridade.

D'esta fórma, pois, qualquer galardão que o livro merecesse devera ser perfeitamente dividido entre todos quantos para elle concorreram.

Acceitar para mim só o resultado de tantas forças colligadas, seria deslustre, que eu nunca me perdoára.

A Deus o que é de Deus; a Cesar o que é de Cesar.

As gralhas com as pennas do pavão tocam o ridiculo.

O renome do livro, o seu vivido realce, deu-lh'o ainda a imprensa periodica, prodigalizando-lhe multipulos e repetidos applausos; e d'ahi a sua grande acceitação publica; d'ahi o seu glorioso êxito, o seu triumpho—traduzido em continuos e valiosissimos donativos que lhe sobredouram o sêr.

Se fôra possivel, n'um só quadro, reunir os retratos de todas as pessoas que cooperaram para o seu apparecimento, cabendo o centro ás illustradas redacções de todos os jornaes que d'elle se occuparam, e a circular-as todos os benemeritos bemfeitores que em troca do mesmo têm enviado as suas esmolos (algumas e muito valiosas com tal delicadeza que, nem eu mesmo sei d'onde vêem, qual é a mão generosa que as envia e que eu d'aqui beijo, profundamente reconhecido, em nome dos innocentes da Creche), juntando ao grupo dos benemeritos os meus dignos collegas da direcção, que tanto aprêço dispensam ao livro e tantos beneficios prestam á Creche; se este quadro fôra realisavel, então sim, que eu teria orgulho de n'elle figurar como o ultimo dos protectores das creancinhas desvalidas.

Só, porém, isolado n'uma téla, usurpando alheias bizarras, não era favor que eu pudesse nem admittir, nem acceitar; e foi por isto que, agradecendo muito pehoradamente á illustre commissão encarregada de com-

municar-me a insigne fineza dos meus conspícuos collegas, contra a qual protestei, lhes pedi instantemente e aqui lhes renovo a minha supplica, para que o dinheiro que destinavam a um quadro sem utilidade nem cabimento, seja empregado na reproducção do livro—quasi esgotado—e o qual tem sido e confio que continuará a ser—pelos elementos que ditos ficam, um doce manancial de receita para a Creche de S. Vicente de Paulo.

A recompensa do livro está nas esmolas que tem produzido, esmolas que ora aqui agradeço com a maior effusão dos sentimentos de alma e os quaes melhor expressarei n'outro opusculo que trago entre mãos—*A Esmola*—em agradecimento aos protectores da santa empresa—a Creche.

Gloria, pois, se a merece o livro, pertence por igual a todos que n'elle collaboraram, a todos quantos para elle contribuíram, á imprensa, ao publico que o levanta, que o ennobrece, convertendo-o em chuva de ouro esparzida sobre os berços das creancinhas desprotegidas da sorte; bem ditosas esmolas, reflexo valioso da caridade portuense—o melhor anti-microbio que eu conheço, o melhor antidoto que podemos oppôr á invasão do inimigo que nos ameaça, prece efficaz no altar da Providencia para que ella se amerceie de todos nós.

E eu, assim desopprimido de uma distincção que me pesava, continuo na missão que me impuz—impedindo da caridade publica uma esmola para a Creche de S. Vicente de Paulo.—E sou, de v., etc., *Joaquim Ferreira Moutinho*.—Porto, 29 de julho de 1884.»

Em fevereiro de 1885, estando eu ausente d'esta cidade, elegeram-me presidente da direcção da Creche, com manifesta preterição dos direitos reaes de outros

collegas, e muito especialmente do decano dos seus singulares bemfeitores e directores, o meu velho, respeitavel e apreciabilissimo amigo, sr. capitão Duarte Lopes da Silva.

É certo, porém, que este benemerito da caridade se recusou a acceitar o encargo.

Como presidente procurei, quanto em mim coube, corresponder á espectativa do publico que tem levantado aquelle estabelecimento a um grau de prosperidade notavel.

Colloquei sempre a Creche muito acima das minhas paixões.

Permitta-se-me d'isto ligeiras provas.

Era vice-presidente da meza da assembleia geral o sr. Manoel Francisco Moreda, que não morre de amôres por mim e não deixa, sempre que pôde, de dar-me provas da pouca sympathia que me vota.

Acontece dar-se o triste passamento da virtuosa esposa d'este cavalheiro, que fazia parte da commissão de senhoras zeladoras da Creche.

Ordenei que se fechasse o estabelecimento em signal de luto e convoquei immediatamente a direcção, em sessão extraordinaria, onde lamentando o doloroso acontecimento, propuz:

«1.º Que na acta d'hoje se consigne um voto de profundo pezar pela sentidissima e prematura morte da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Candida de Souza Moreda, nossa illustre consocia que ás mais preclaras e eximias virtudes juntava a do seu acrisolado amôr e protecção a esta Creche.

2.º Que a direcção concorra ao funeral acompanhada da regente d'esta casa e de quatro crianças, conduzindo uma corôa de perpetuas, offerta do estabelecimento que tanta dedicação lhe deve, e das crianças que n'ella perdem a mais desvelada e a mais carinhosa das mães.

3.º Que attendendo a que a piedosa senhora, estremecida esposa do digno vice-presidente da assembleia geral, representava a administração d'esta Creche como parte da commissão zeladora auxiliar d'esta direcção, em signal do mais íntimo reconhecimento, se mande tirar o seu retrato a expensas da administração, e collocar em sala que d'ora ávante fique reservada para os retratos de todos quantos mereçam esta distincção como administradores da Creche.

4.º Que se convide o ex.^{mo} presidente da assembleia geral e seus dignos secretarios a tomarem parte n'esta manifestação de respeito e de saudade, e que dignando-se suas ex.^{as} aceitar este convite, seja esta acta assignada por elles, como meza presidencial d'esta especialissima sessão.

5.º Que se communique immediatamente á ex.^{ma} presidente da commissão de senhoras tudo quanto aqui hoje se delibere sobre tão momentoso assumpto.

6.º Que o estabelecimento se conserve fechado, em signal de luto, por espaço de tres dias.

7.º Que seja nomeada uma commissão para em nome d'esta direcção ir apresentar os pezames ao dorido esposo e filhos da illustre finada.

8.º Que ao mesmo dorido, findo o nojo, se envie uma copia da acta d'hoje.

9.º Que se encerre esta sessão sem que n'ella se possa tratar de assumpto estranho á commemoração das excelsas virtudes e merecimentos da illustre finada.»

Ficou assim reduzida a proposta, porque o sr. Eduardo Machado observou que seria conveniente eliminar-lhe tres outros artigos que tinha, com relação a missas, coróas, etc., etc., deixando-se á commissão de senhoras a deliberação e alvitre d'este ponto.

É sabida a attitude que tomei contra o regulamento apresentado á camara municipal do Porto pela Companhia das Aguas, por me parecer que alguns artigos eram menos convenientes e pouco harmonicos com os interesses dos muncipales.

Como pensava então, penso hoje.

Não obstante:

Esta companhia, a pedido do sr. dr. José Augusto Correia de Barros, dota a Creche com o grande beneficio da agua precisa para o seu consummo, e o proprio sr. dr. Correia de Barros offerece por sua parte o encanamento para a mesma agua. (1)

Communicados em direcção pelo sr. Eduardo Machado estes importantes e valiosos donativos, propuz um voto de reconhecimento por tão relevantes serviços, que foi approved por unanimidade, e no dia seguinte redigi e escrevi do meu proprio punho os officios seguintes:

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Á direcção da Associação das Creches de S. Vicente de Paulo, em sessão de hontem, foi communicado pelo sr. Eduardo da Silva Machado que v. ex.^a, no seu solícito e constante afan de beneficiar e engrandecer este pio estabelecimento, não só conseguira que a Companhia Geral das Aguas do Porto fornecesse gratuitamente a agua precisa para o seu uso diario, como ainda que v. ex.^a lhe offerecia tambem o respectivo encanamento, beneficios estes de tão palpitante interesse, quão reconhecido valor.

(1) Tinha-me sido vedada a publicação d'estes factos; vendo-os, porém, exarados no proprio relatorio da Creche, julgo por isso levantada a interdição e apraz-me dar d'elles pleno testemunho de reconhecimento.

Esta direcção, registrando com o maximo agrado e reconhecimento mais esta especial e nobilissima bene-merencia de v. ex.^a, em prol do doce abrigo da innocencia, que tanto auxilio lhe deve, deliberou por unanimidade significar por este modo a v. ex.^a a sua eterna gratidão, fazendo sinceros votos pela prosperidade de quem assim tão distincta e efficazmente grava nos fastos da caridade os seus nobilissimos affectos e os seus altos valimentos.

Pela minha parte, ex.^{mo} sr., é-me extremamente grato —prestando a devida homenagem ao merito de v. ex.^a— cumprir a honrosa missão de, em nome das creancinhas favorecidas, agradecer ao seu insigne bemfeitor.

Deus guarde a v. ex.^a—Porto, 28 de janeiro de 1887.
Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. dr. José Augusto Correia de Barros, dig-
nissimo presidente da assembleia geral da Associação
das Creches de S. Vicente de Paulo.—O presidente da
direcção, *Joaquim Ferreira Moutinho*.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Á direcção da Associação das Creches de S. Vicente de Paulo, foi communicado, em sessão de hontem, pelo seu digno membro, sr. Eduardo da Silva Machado, que v. ex.^a, na qualidade de inspector geral da Companhia das Aguas do Porto, offerecia gratuitamente a este estabelecimento a agua necessaria para o seu gasto diario, beneficio este que representa uma esmola da mais alta transcendencia, não só pelo seu valor intrinseco, como pelo melhoramento hygienico que imprime a esta colmêa d'amôr, onde se fortalecem, amparam e educam milhares de crianças, destinadas a serem representantes do nosso futuro.

Esta direcção, lamentando que v. ex.^a exija completo sigillo para um procedimento de tanta philantropia e que de tanta justiça fôra diffundir, pede a v. ex.^a a devida permissão para registrar ao menos o seu nome

illustre na lista dos seus benemeritos bemfeitores, tomando a liberdade de lhe enviar o diploma de socio honorario, como testemunho vivo e perpetuo do seu reconhecimento e gratidão por tão assignalado serviço prestado a um dos mais sympathicos e proficuos estabelecimentos de caridade, erectos na cidade do Porto.

Actos d'estes, ex.^{mo} sr., significam e attestam os mais nobres e humanitarios sentimentos d'essa empreza, que chamada a satisfazer uma das mais palpitantes necessidades publicas, começa por offerecer como garantia da sua cordura, uma prova inequivoca de dedicação e desinteresse, collocando-se bizarra e benemeritamente nas fileiras dos mais dehodados campeões do amor do proximo.

Bem haja pois quem assim se impõe á estima e consideração da sociedade.

E consinta v. ex.^a que eu, em nome das criancinhas agraciadas, faça sinceros votos pela prosperidade de v. ex.^a e da Companhia que tão dignamente representa.

Deus guarde a v. ex.^a — Porto, 28 de janeiro de 1887. — Ill.^{mo} ex.^{mo} sr. Maximilien Schmidt, dignissimo engenheiro inspector geral da Companhia das Aguas, no Porto. — O presidente da direcção da Associação das Creches de S. Vicente de Paulo, *Joaquim Ferreira Moutinho*.

Parece-me deixar bem justificado que não sei ou não uso sacrificar deveres a parcialidades.

*
* *

Ha bons 15 annos que de palavra e por escripto defendendo e advogo d'alma e coração os interesses da Creche.

Onde lhe presentia um bemfeitor, lá estava eu curvado pelo reconhecimento a manifestar gratidões, quer

fosse nos templos, quer nos theatros, na praça ou na imprensa, em publico e em particular, emfim, procurando sempre cumprir a missão que aceitei sem refflhos nem esquivas, sem encarecimentos nem repugnancias.

Deparou a sorte áquella dóce colmeia a mais acendrada das devoções nas pessoas dos seus inclitos e benemeritos bemfeitores os srs. Freitas & Azevedo.

É certo que para tão peregrina e proficua protecçãourgia merecimento condigno, que fosse capaz de corresponder á singularidade da graça; entretanto se boas intenções podem valer, ninguém me excederia em boa vontade e essa é manifesta na dedicatoria do meu livro *A Creche*, e ainda nas publicas manifestações que sempre dei e continuo a dar, do alto apreço em que tinha e tenho bizarrias de tão subido quilate e alto porte.

Quem lêr aquelle meu livro verá nas candidas e olorosas flôres da innocente Izaura uma consagração blandidona e consoladora, qual parabola de Christo; um hosanna singelo mas eloquente a esses dous vultos providenciaes que ali fecundam a sua magnanimidade em omnimoda e perenne diffusão de bens. (1)

E se todo o meu espirito se não desatou n'aquelle escripto em finas perolas de sentimento, se se não crystallizou em fulgidos diamantes de suavissima inspiração, é que o estro desdiz do imo peito; é que a penna se nega a espelhar os segredos d'alma.

Os defeitos que se lhe notem são provenientes de rudez e não de coração.

E devo acrescentar que as minhas relações com estes dous cavalheiros foram sempre pura e simplesmente restrictas e limitadas a actos que tivessem ligação com a Creche.

(1) *A Creche*, pag. 112 e seguintes.

..

Outra demonstração do meu affecto á Creche, e seja a ultima:

Em 15 de janeiro de 1887, reuni a direcção a que tinha a honra de presidir conjunctamente com a do Hospital Real de Crianças, para lhes communicar um grande triumpho que alcançara em beneficio dos dois institutos.

Prende-se e illucida o ponto que me proponho desenvolver á seguinte transcripção que faço, extrahida de uma serie de artigos publicados por mim no *Jornal do Porto*, sob o titulo. «A historia d'*Il Barbieri di Siviglia* no campo da caridade»:

O reconhecimento é a memoria do coração.

MASSIEU.

«A observação attenta dos esforços para o maximo esplendor do concerto Sabattini, por parte do sr. Antonio Julio Machado, animou-me, supplice, a exoral-o, impetrando-lhe a representação do *Barbeiro de Sevilla* — como fecho luminoso da sua gloriosa iniciativa em favor da Creche e do Hospital de Crianças.

Invoquei sempre no meu deprecar a magia de todos os enlevos da philantropia, vibrando a corda sensível d'aquelle espirito clementissimo que floreja de golpe todas as galhardias, conglobando n'um obsequio todo um cortejo de graças.

Nem eu tinha jus ás mais ligeiras attenções, em ponto tão delicado, nem ousara pedil-as em meu nome pela consciencia do desvalor.

Pela minha bocca fallaram milhares de crianças, que

são os anjos da terra, centenaes de mães que são as imagens da nossa fé.

Mãe, e mãe infortunada, é uma religião sublime.

Eu lêra bem fundo e transparentemente n'aquelle character são e nobre, correcto e compassivo. Presentira em Antonio Julio Machado a incarnação da providencia dos queridos do Nazareno.

Sinite parvulos ad me venire.

Prouvéra a Deus que outro tanto podesse eu dizer da administração da Santa Casa da Misericórdia, a quem cabe a immediata solução do grandioso problema das Creches e especialmente do Hospital de Crianças.

A criança é a crysalida da humanidade, é a alvorada da humanidade, a flôr da humanidade. Negar-lhe a communhão do beneficio social nos supremos momentos da doença e da agonia, é derruir pela base o edificio da beneficencia e as leis da natureza.

Pense n'estas verdades a illustrada administração do Real Hospital de Santo Antonio e fulmine de vez o anathema lançado pelo gigante absorvente da caridade publica aos dilectos da Providencia.

Redimam a criança; — a vontade gera a força.

«Quisquis unum ex hujusmodi pueris receperit in nomine meo me recipit.»

Antonio Julio Machado comprehendera tambem a contensão do meu animo ao rogar-lhe que semeasse boninas por entre as moitas de martyrios, que são os symbolos da tristeza, mas...

Mas... que de abrolhos no meu jardim!... que de miserias a escurentar os purpureados horisontes dos meus anhelos!...

É realmente eriçada de escabrosidades a trilha da virtude, enquanto que as estradas do vicio e do crime estão muitas das vezes tapisadas d'encantos e attractivos, varridas de urzes e espinhos!

Antonio Julio Machado foi sempre propheta, medindo com precisão mathematica um acervo de estorvos e embaraços e obstaculos...

— Pega-me tudo quanto quizer, menos isso; — concluia s. ex.^a toda a vez que eu o importunava firme no meu proposito.

E apezar d'isto, eu, contumaz e embebido na celeste visão que architectara nos arcanos das minhas esperanças e convicções, certo da longanimidade de tão inculto varão, continuava de interceder instantemente.

E tanto instei e tanto insisti que, ao cabo de quatro longas sessões consagradas ao assumpto, obtive a almejada benemerencia.

Estava abalado o colosso dos escrupulos, aliás justicadissimos. Tinha-se operado o milagre provando-se mais uma vez o acerto de Prévôt: — «Il y a toujours de la ressource avec les bons naturels.»

Deus é testemunha das purissimas intenções com que intervim e perseverei na santa cruzada da mais inclita e austera moralidade, no commum interesse da Creche e do Hospital de Crianças, absolutamente estranho e superior a todas as mesquinhezas e ambições.

Ao dar conta immediata do jubiloso facto ás duas direcções beneficiadas, reunidas a convite meu no edificio da Creche, manifestei o quanto me era grato vêr frutificar a colligação das duas entidades, cuja alliança o publico saudára e applaudira com verdadeiro enthusiasmo.

— Sempre que possivel seja, accrescentei então e repito hoje com o mais entranhado convencimento, sempre que qualquer das direcções tenha — *per se* — de promover espectaculos publicos, será de todo o ponto conveniente a confederação das duas entidades, assim d'este modo duplamente recommendaveis ao publico que lhes vae dispensando por igual a sua protecção; pois se a

Creche consegue levantar em curto prazo um edificio valioso á custa da esmola, o Hospital por sua parte com esmola identica e em prazo igual, funda-se, constitue-se, organisa-se, levanta-se e funciona — com geral admiração e louvor — sem ter um ceitil de fundo, fazendo face a uma despeza enorme; facil de calcular sabendo-se que nos poucos annos da sua existencia, (abriu-se em janeiro de 1885) tem recebido em suas enfermarias approximadamente 1:200 crianças! (1)

Quantas lagrimas estancadas! quantas dôres minoradas! quantas victimas poupadas!

Não levando primasia em prestigios nem em esforços uma á outra direcção; casando-se tão estreitamente os fins de ambos os institutos, distanciareem-se, isolarem-se, pretendendo cada um exceder o outro no brillantismo das suas festas, cujo luzimento é sempre um e unico — o mesmo publico; parece-me procedimento de pouca cordura, e cuja condemnação estará por sem duvida na consciencia de todos.

Deixemos aos bemfeitores a manifestação das suas predileções por um ou por outro estabelecimento, accetando sempre o beneficio consoante elle nos seja offerecido; mas no esforço proprio acheguemo-nos, confraternisemo-nos, protejamo-nos mutuamente, pois que a união faz a força.

E a semente d'este consorcio consagrado por Antonio Julio Machado germinou pujantemente; e a plantula ha-de vigorar, desenvolver-se, crescer, opulentar-se; e os seus ramos virentes, os seus rebentos viçosos assumindo proporções gigantescas, colossaes, formarão densas e cerradas florestas á sombra das quaes se aninhem as

(1) A despeza annual do Hospital orça por 4:000\$000 réis, e a da Creche por 1:200\$000 réis.

O Hospital, segundo me informam, já tem conseguido capitalisar cerca de réis 4:000\$000.

avesinhas implumes que, avoejando sobre mephiticos paúes, estão sujeitas a affundir-se na voracidade dos infectos tremedaes do pauperismo.»

Quando o sr. conselheiro Arnaldo Braga, ha muitos annos, me segredou a inspirada ideia que concebera e nutria de fundar na cidade do Porto um hospital para crianças, lembrei eu a s. ex^a a conveniencia de alliar o seu luminoso e humanitario pensamento á sympathica instituição da Creche.

Dizia então, disse depois e repito hoje:

«O Hospital é o complemento da Creche. A Creche e o Hospital são élos que concatenam, estreitam e confraternisam pela fé e pelo amôr os sagrados laços da familia social.

Sê a Creche é o viçoso canteiro das florinhas do futuro em quadras primaveraes; o Hospital é a providente estufa onde essas flôres acham abrigo durante os rigores das intempéries da vida.

E não se diga que existe antagonismo entre o leito do Hospital e o berço da Creche — não. N'esta recebe a criança o alimento que a robustece, n'aquelle encontra o allivio de amarissimas dôres, o balsamo salutar para os cruciamentos das enfermidades. A Creche vivifica; o Hospital purifica.

A Creche sem o Hospital fôra vida sem futuro, futuro sem esperança, esperança sem fé, fé sem amôr, amôr sem ventura, ventura sem gozo, gozo sem satisfação: — lampada apagada, flôr sem aroma, deserto sem oasis, filho sem mãe, mãe sem affecto, affecto sem carinho.

A Creche é o arrimo da necessidade nas veredas da saude. O Hospital é a taboa de salvação nos naufragios da doença.

A Creche é a aurora do amôr. O Hospital é o coronal da devotação.

A Creche aleita. O Hospital cura.

Ha toda a harmonia de interesses entre a mantilha da Creche e a enxerga do Hospital; porque a Creche previne e poupa a necessidade do Hospital, como este culmina o beneficio da Creche.

A Creche enfim é a mãe que acalenta e o Hospital é o pae que bafeja;—e um e outro, e ambos juntamente são antemuraes erguidos pela caridade contra os esphacelamentos do pauperismo.» (1)

Vê-se, pois, que o meu zelo pelo Hospital assenta as suas raizes no entranhado amor que consagro á Creche.

Nunca tive, não tenho, nem hei de ter a menor inge-rencia na administração d'aquella casa.

Quero ao Hospital, como quero a tudo quanto exprima e represente uma ideia grandiosa, humanitaria e sublime.

O publico applaudindo e protegendo tão manifestamente o concerto Sabattini em beneficio dos dois estabelecimentos, deu uma prova cabal de adhesão a estes principios, radicando no meu espirito o salutar convencimento.

Por isso que no seio das duas direcções lembrei o alvitre dos trabalhos em commum—sempre que houvessem os estabelecimentos, por iniciativa sua, de recorrer ao beneficio publico.

No longo periodo de 15 annos que administrei a Creche de S. Vicente de Paulo, não se deu um unico caso que estivesse dentro d'estas condições por mim limitadas!

Mas era preciso que se dêsse. Era de rigoroso dever que se dêsse.

A direcção do Hospital de Crianças já tinha apresen-

(1) *Jornal do Porto*, de 11 de maio de 1887.

tado brilhantes exemplos de iniciativa propria, coroados sempre do mais feliz resultado.

Na mesma occasião declarei mais que pensava promover um festival no Palacio de Crystal em beneficio dos dous estabelecimentos. E tinha para isto um plano que por certo me não falharia, porque o publico acompanha sempre, ampara e levanta sempre as intenções que se firmam em principios de honestidade e utilidade publica.

Já tive occasião de dizer que o sr. Delfim de Lima, digno presidente do Hospital de Crianças, comprehendendo bem o alcance do meu plano, se promptificava a auxiliá-lo com os immensos recursos que lhe proporcionam a elevada posição que occupa na sociedade e as muitas sympathias de que dispõe.

A inesperada benemerencia dos srs. Camillo Castello Branco e Francisco Martins de Moraes Sarmiento veio modificar em parte a minha primitiva intenção, da qual entretanto nunca prescindi, por que ella seria realisavel em qualquer época que se julgasse propicia.

As duas direcções approvaram unanimemente o meu alvitre; que como se vê não passou de simples enunciação, não se fazendo do incidente menção na acta do dia.

Ficou porém bem comprehendida por todos a boa fé da minha lembrança.

E o sr. Delfim de Lima e eu fômo-nos caminho da casa do sr. Antonio Julio Machado a cumprir o mandato das duas direcções, sendo por s. ex.^a recebidos com o seu proverbial cavalheirismo.

Como já fiz sentir, d'estes passos resultou uma esmola de 200 libras para cada um dos estabelecimentos.

Mezes depois a sr.^a Helder offerece um beneficio ao Hospital de Crianças, e ao Asylo de Mendicidade, beneficio que ambos acceitam e agradecem.

Depois d'isto annuciado péde a sr.^a Helder ao sr. Delfim de Lima para tratar da expedição dos bilhetes, e a isto responde s. ex.^a que, se a passagem do beneficio houvesse de ser feita pelo Hospital, n'este cazo não o accetteria sem que a Creche fosse tambem contemplada.

A sr.^a Helder resolve immediatamente interessar a Creche na terça parte do producto que se realisasse e é o sr. Delfim de Lima o encarregado de me transmittir esta deliberação, accrescendo que o beneficio deveria ter logar dois dias depois d'aquelle em que eu recebi aviso.

É evidente que nada podia resolver sem ouvir a direcção da Creche.

Urgia o tempo para qualquer resolução a tomar e por este motivo convoquei para o dia seguinte a reunião das tres direcções—Creche, Hospital e Asylo.

Abri esta sessão declarando a causa que a motivára e dei a palavra ao sr. Delfim de Lima para expôr os factos.

O sr. Delfim de Lima repete o que fica dito assegurando que no seu procedimento obedecêra ao accordo tomado pelas duas direcções da Creche e do Hospital, em janeiro.

Protesta o sr. Eduardo Machado declarando não ter conhecimento de tal accordo.

O sr. Eduardo Machado não assistira á sessão de janeiro.

Observa o sr. conselheiro Arnaldo Braga:—effectivamente não havia compromisso que obrigasse a direcção do Hospital a proceder d'aquelle modo, nem a Creche a acceital-o, mas que lhe parecera nobre e cavalheiresco interpretar e corresponsder assim ás palavras que eu proferira na referida sessão,—visto como o beneficio da sr.^a Helder obrigava a direcção do Hospital a recorrer ao favor publico por pedido directo.

E n'este sentido fez s. ex.^a varias considerações mais, evidenciando a conveniencia do accôrdo, no caso indicado, que evitava rivalidades e poupava continuados apellos á caridade publica, por demais onerada já com os continuados pedidos.

A sessão levantou-se depois de resolvido que a Creche accetava a parte do beneficio.

Se eu não tivesse visto no procedimento do sr. Delfim de Lima a observancia honrada de um preceito brioso, acabaria de convencer-me pela formalissima declaração que s. ex.^a se dignou fazer-me em presença do provedor do Asylo de Mendicidade, de que não imaginára nunca compartilhar com a Creche dos beneficios que a esta fossem offerecidos e realizados pelos offerentes, ou por entidades extranhas á direcção; e nem tão pouco repartir com ella os que, em igualdade de circumstancias, coubessem no hospital.

E isto fez sentir a todos os meus collegas e a algumas pessoas que se interessavam pela Creche.

Não obstante começa de rosnar a capciosa noticia de que eu me compromettera particularmente com a direcção do Hospital a dividir com este todos os beneficios offerecidos á Creche!...

Extraordinario e irrisorio!

Uma impiedade! uma crueza!

E nem admittiram nem concederam ao menos, que eu administrando a Creche desde tantos annos, propugnasse pela sua prosperidade como aquelles que a administram de ha tão pouco tempo!

E a par d'isto uns commentarios durissimos...

Como seria possivel um facto d'estes?

Que paridade tem os beneficios offerecidos á Creche com os beneficios promovidos pela Creche?

Os srs. Freitas & Azevedo teem conseguido desde muitos annos, continuados, esplendidos e rendosos be-

nefícios em favor da Creche, sem que a respectiva direcção tomasse em nenhum d'elles a menor parte na sua passagem.

Eu não me recordo mesmo de ter recorrido á caridade publica como director da Creche, para passar bilhetes de beneficio, a não ser ultimamente para o concerto Sabattini, em commum com o Hospital, que honra lhe seja, prestou para isto um concurso valiosissimo.

Testemunha: o digno secretario da Creche e meu bom amigo sr. Eduardo Ramos.

E a proposito do sr. Eduardo Ramos:

Um dos melhores serviços por mim prestados á Creche foi indubitavelmente o obter o concurso d'este dedicadissimo cavalheiro para a sua administração.

Devo-lhe esta fineza, que tenho em grande apreço pelo altissimo bem que d'ella resultou áquelle ameno remanso de paz.

O sr. Eduardo Ramos com quem sempre mantive a mais perfeita harmonia e em quem sempre deposei a mais inteira confiança, foi o primeiro collega a quem confidenciei a inabalavel resolução de depôr o meu mandato.

Levado de sentimentos que sobre modo aprecio e lhe agradeço—o sr. Eduardo Ramos declarou-me logo e muito categoricamente que se demittiria comigo.

Empreguei todo o meu esforço para o demover do seu firme proposito, até conseguir que s. ex.^a continuasse, em boa camaradagem com os collegas que me offenderam, a amparar e proteger aquelle doce e abençoado ninho, cinzelado pela caridade para os obreiros do futuro.

Cito este facto simplesmente para provar ainda uma vez mais que me retirei da Creche sem odios nem ressentimentos.

E desafio a que alguém, lealmente, me prove o contrario.

Revertendo ao ponto e por conclusão do meu proposito :

O zêlo de alguns collegas levou-os a officiarem-me requerendo uma sessão extraordinaria, afim de se tratar do qui-pró-quó com o Hospital.

Obedeci immediatamente, convocando a sessão de 18 de março de 1887.

Sustentei ali a verdade em todo o seu rigor sem me esquecer do lugar que occupava, e aqui a deixo consignada para que a julgue, como deve, a imparcialidade publica.

Não me queixo. Tão pouco censuro.

«Nous sommes le siecle des chefs-d'œuvre de l'irrespect — diz-nos Goncourt; e em tempos mais remótos disse-nos Emilio Souvestre :

«Cada um é o que faz, e não é outra coisa.»

Pela minha parte fecho estas considerações parodiando Nuno Marques Pereira. (1)

«Confesso-vos ingenuamente, amigo leitor, que pasmo e me admiro...»

Os dois officios seguintes concluem e completam a historia d'este deploravel acontecimento :

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Rogo a v. ex.^a o obsequio de comunicar á illustre direcção da Creche, na sessão que hoje se deve effectuar, que está por mim cumprido o dever de agradecer á empresa Helder & C.^a a parte do beneficio que hontem teve logar no theatro de S. João, em commum com o Aylo de Mendicidade e o Hospital de Crianças, embora por uma série de circumstancias lamentaveis, sejam completamente hypotheticos os lucros que a Creche possa d'ali auferir.

Rogo mais a v. ex.^a que, depois de lido o officio re-

(1) Compendio narrativo do peregrino na America.

cebido do sr. Delfim de Lima se digne fazer sobre elle as devidas considerações; porque elle se refere a um facto passado em presença de v. ex.^a

Diz o sr. Delfim de Lima que por lembrança minha ficára assentado que os espectaculos que a Creche e o Hospital tivessem de iniciar e realisar d'ali para o futuro, se fizêsem de harmonia com as duas direcções, e que este accordo—palavra do sr. Delfim de Lima—fôra tomado ou resolvido pelas duas direcções.

Temos pois á luz de toda a evidencia o que eu sempre sustentei e sustento.

Não ha o menor compromisso, *particularmente*, tomado por mim como ostensivamente se disse no sentido de dividir qualquer beneficio offerecido á Creche, nem mesmo o ha, *particularmente*, em qualquer outra condição.

O accordo a que se refere o sr. Delfim de Lima é o resultado do unanime acolhimento que tiveram as minhas palavras no seio das duas direcções:

—Que me era summamente agradável vêr as duas corporações, assim unidas e identificadas, cooperarem d'alma e coração em beneficio de dous estabelecimentos que se completavam, ambos tão sympathicos quanto humanitarios e civilisadores.

—Esta união, disse eu ainda, trará vantagens sociaes de immenso alcance e tanto que o publico a acolhe e applaude com iniquivocas demonstrações d'apreço; e o publico n'este caso é o grande juiz e o grande redemptor.

O sentido d'estas palavras é transparente. Nasciam-me do coração no momento em que elle me palpitava de reconhecimento pelo alto beneficio que obtivera por effeito da decantada união, conseguindo que o ex.^{mo} sr. Antonio Julio Machado tomasse a si a realisação do nobre commettimento da representação, por amadores, do

Barbeiro de Sevilha, sarau que deve deixar gratissima memoria nos cofres dos dous estabelecimentos; iniciando por minha parte um grande festival que espero vêr também traduzido em optimo proveito para a Creche e para o Hospital, fructo benefico da união para que madame Sabattini deu os primeiros passos, vai Paulo Lauret dar os segundos, e outros bemfeitores darão os demais. Lamento sinceramente que houvesse alguém que me não comprehendesse, accusando-me de erros nem commettidos, nem sonhados.

A discutida união—ou accôrdo como lhe queiram chamar—como muito bem a comprehenderam os srs. Delfim de Lima e os seus collegas, não havemos de ser nós que a havemos de acceitar ou regeitar; serão os bemfeitores dos dous estabelecimentos que á força de caridade e caridade bem entendida nos imponham o dever de acatál-a sempre que a razão a determine e as conveniencias mutuas a aconselhem e reclamem.

Deus guarde a v. ex.^a—Porto, 26 de março de 1887.
—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Eduardo Augusto Ramos, dignissimo secretario da direcção da Creche de S. Vicente de Paulo.
—*Joaquim Ferreira Moutinho*.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Accuso a recepção do officio de v. ex.^a datado de 19 do corrente em que v. ex.^a me participa que por proposta do... sr. Joaquim Ferreira Moutinho, unanimemente approvada, foi o meu nome inscripto entre os dos socios protectores honorarios da Creche de S. Vicente de Paulo.

Cabê-me a honra de agradecer tão immerecida fineza, que não posso attribuir senão a um requinte de extrema amabilidade do sr. Moutinho para commigo. (1)

(1) O sr. Delfim de Lima não me comprehendeu. Quando propuz que s. ex.^a fosse considerado socio protector honorario da Creche—leveí em vista uma respeitosa consideração da Creche para com o Hospital.

E permita-me v. ex.^a que, para justificar esta minha opinião, exponha em breves palavras quaes as razões que imperam no meu animo e no dos meus collegas para que fizesse todos os esforços afim de que a Creche compartilhasse do producto do espectáculo que pela empresa Helder & C.^a fora primitivamente offerecido só ao Asylo de Mendicidade e ao Hospital de Crianças.

Em janeiro do corrente anno, se bem me lembro, foram convocadas, a convite do ... sr. Joaquim Ferreira Moutinho, as direcções do Hospital de Crianças, e da Creche para resolverem ácerca d'um concerto que mad.^{me} Sabattini offerecera aos dois estabelecimentos de caridade, e cujo producto reverteria a favor d'ambos. A direcção do Hospital de Crianças apresentou-se na sua quasi totalidade, e a da Creche estava representada pelo seu presidente, por v. ex.^a, e por um ou dois directores, creio eu. (1) Resolvido o assumpto para que fomos convocados, o sr. Moutinho fallou com grande enthusiasmo d'uma recita com o Barbeiro de Sevilha, cujo producto seria para os dois estabelecimentos e, como v. ex.^a sabe, até se nomeou uma commissão para ir acto continuo fallar com o ex.^{mo} sr. Antonio Julio Machado.

Por essa occasião, estando ainda as duas direcções na sala, combinou-se, ou, para melhor dizer, conver-

Creio ser praxe que as distincções consagradas a qualquer corporação se reflectam nos respectivos presidentes.

Sei que a s. ex.^a chegaram noticias bastante desfiguradas, dos successos que se deram e percebi mesmo que era eu o alvo de seus melindres; entretanto deixei ao tempo — o grande mestre da vida — o desvendamento de todos os mysterios, certo de que justiça me seria feita.

Quem não deve não teme.

O auctor.

(1) Assistiram a esta sessão, por parte da Creche os srs. Anthero Ferreira de Araujo e Silva, João Ferreira dos Santos, José Marçal Brandão, José Carlos Marinho, Eduardo Augusto Ramos, e eu.

O auctor.

sou-sé a respeito dos inumeros beneficios que os dois estabelecimentos prestavam, que eram duas instituições que se completavam etc., e por ultimo chegou-se ao accordo, por lembrança do ... sr. Moutinho de que para futuro qualquer espectáculo ou divertimento iniciado por qualquer das direcções ou em que as mesmas direcções tomassem parte na passagem da totalidade ou parte dos bilhetes revertiriam a favor da Creche e do Hospital de Crianças. Inutil será dizer que não entraram n'este numero os divertimentos ou espectaculos offerecidos directamente a qualquer dos dois estabelecimentos e em que as respectivas direcções não tiverem de passar a totalidade ou mesmo parte dos bilhetes.

Em vista d'esta resolução quando mad.^{me} Helder me procurou por causa d'um espectáculo que tencionava offerecer ao Asylo de Mendicidade e ao Hospital de Crianças e me disse que a passagem da casa tinha de ser feita pela commissão de senhoras do Hospital Maria Pia, respondi terminantemente que não podia aceitar o seu amavel offerecimento por haver o compromisso que expuz, entre as duas direcções, a não ser ou que ella se encarregasse da passagem, ou, sendo esse trabalho feito por nós, que a Creche compartilhasse egualmente do producto do espectáculo, que ficaria sendo para a Creche, Asylo de Mendicidade e Hospital de Crianças. Mad.^{me} Helder accedeu promptamente e eu preveni acto continuo os meus collegas na direcção os ex.^{mos} srs. Arnaldo Braga e Carlos José da Silva que approvaram o meu procedimento dizendo que em virtude do accordo, embora verbal que havia entre as duas direcções, não se podia nem se devia proceder d'outra maneira.

Já vê v. ex.^a que tenho razão mais que sufficiente para escrever a v. ex.^a, que a distincção com que vv. ex.^{as} me honraram foi completamente immerecida, pois

da minha parte não houve iniciativa particular em beneficiar a Creche (embora a julgue digna das maiores protecções) mas sim a firme vontade de não quebrar um accordo que a meu vêr é de enorme vantagem para os dois estabelecimentos.

V. ex.^a bem comprehende que tendo eu a subida honra de presidir á direcção d'um instituto de caridade que tanto necessita da protecção do publico, não podia nem devia alienar a minima parcella d'uma esmola que lhe era offerecida e de que não podia prescindir porque, como v. ex.^a sabe, o Hospital de Crianças é pobre, e se até hoje tem angariado dia a dia o sufficiente para albergar um limitado numero de crianças, é isso devido á indiscutivel caridade dos filhos d'esta cidade.

Deus guarde a v. ex.^a — Porto, 21 de março de 1887.
— Ill.^{mo} ex.^{mo} sr. Eduardo Ramos, dignissimo secretario da Creche de S. Vicente de Paulo. — *Delfim de Lima*.

Fechemos com chave de ouro, cedendo a palavra ao sr. Carlos José da Silva, que, n'este tumultuar de paixões, representa a columna prudencial, a santa uncção da verdadeira caridade.

Nota das esmolas enviadas á commissão editora do livro «Obolo ás Crianças»: (1)

Sr. Domingos Manoel Rodrigues de Sá . . .	4\$500
Sr. Augusto Pinto Moreira da Costa . . .	4\$000
Réis. . .	8\$500

(1) A edição está quasi intacta. Expediram-se apenas os 100 exemplares numerados, os que se destinaram á imprensa, ás auctoridades, ao sequito da familia real, a alguns estabelecimentos, typographos, etc., etc., e

<i>Transporte.</i>	8\$500
Sr. Manoel Ribeiro Guimarães	1\$500
Sr. Augusto Coelho Messeder	4\$500
Sr. Joaquim Pinto da Fonseca	4\$500
Sr. Constantino Cabral.	4\$500
Sr. Joaquim Pinto da Fonseca Junior . . .	4\$500
Ex. ^{ma} comissão de senhoras que foram em 16 de outubro felicitar Sua Magestade a Rai- nha ao Bom Jesus do Monte	30\$000
Sr. José Antonio Mourão	2\$000
Sr. Miguel Augusto de Carvalho.	1\$500
Sr. Antonio José da Silva Teixeira	4\$920
Sr. Arthur da Costa Braga	5\$000
Sr. Francisco Antonio da Costa Braga. . .	5\$000
Sr. Irenêo Augusto Paes	2\$000
Sr. commendador Valentim de Souza Correia.	2\$250
Sr. dr. José de Souza Santos Moreira . . .	2\$000
Sr. José Teixeira da Silva Braga.	10\$000
Sr. Cruz Coutinho	3\$000
Sr. Francisco José Julio dos Santos . . .	1\$500
Sr. José Ferreira dos Santos Silva	4\$500
Sr. Julio Ferreira dos Santos Silva. . . .	4\$500
Sr. Domingos Alves Moreira.	10\$000
Sr. André Michon	4\$500
Sr. barão de Massarellos	4\$500
Sr. Izidoro da Fonseca Moura	4\$500
Sr. Ignacio Pinto da Fonseca	4\$500
Réis. . . .	134\$170

começava-se a remessa de exemplares por pessoas de mais intimas relações da sub-comissão, quando esta, em presença dos factos alarmantes, entendeu dever sustal-a.

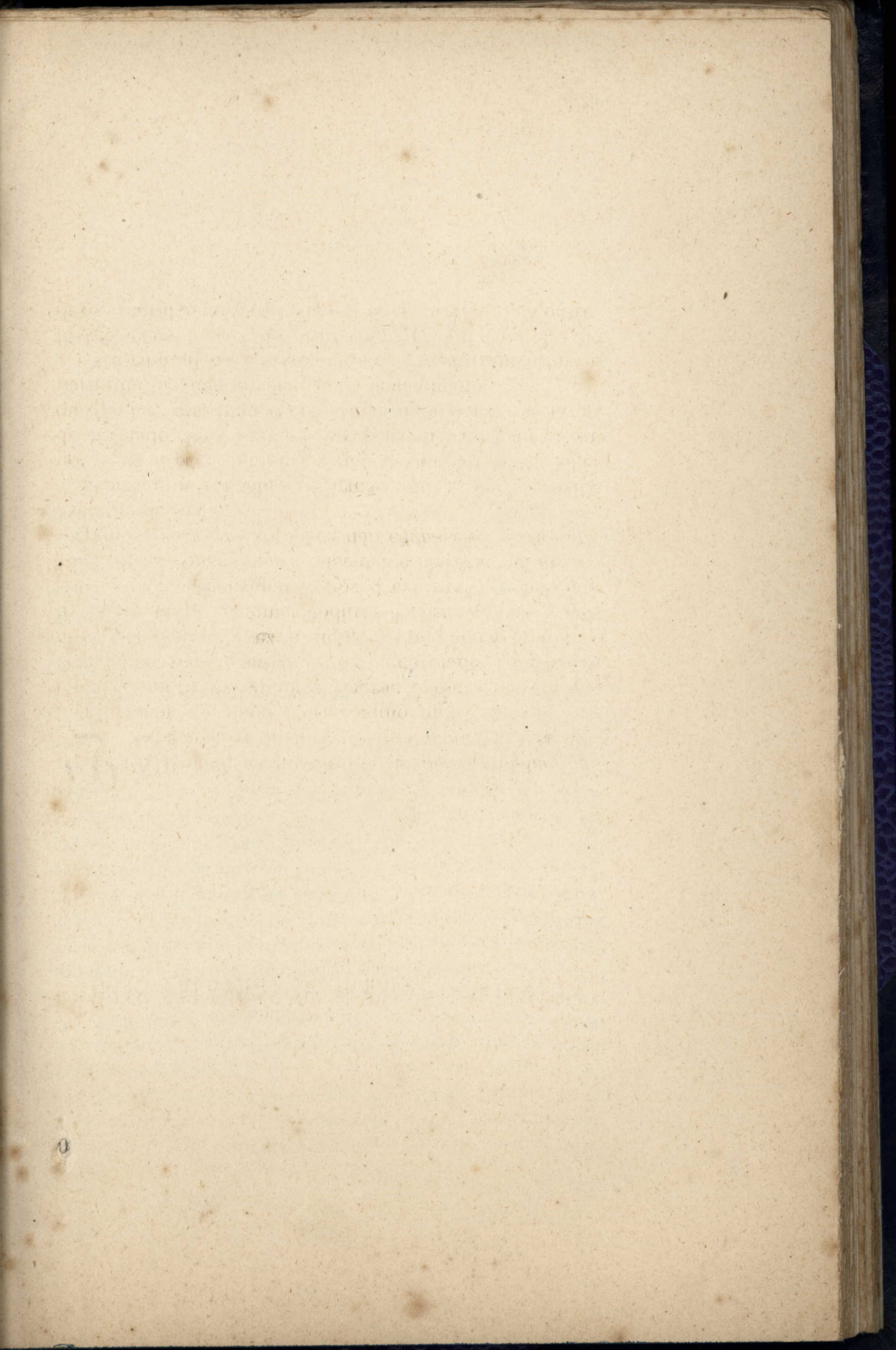
Entretanto pelo fructo colhido, vê-se distinctamente que não era infundado o calculo que deixo consignado a pag. 72 d'este opusculo, no tocante ao esperado producto do malfadado livro.

O auctor.

<i>Transporte.</i>	134\$170
Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa	4\$500
Srs. Lopes & C. ^a , successores de Clavel & C. ^a	18\$000
Sr. Francisco Antonio Pereira d'Oliveira . .	1\$500
Sr. Novaes Junior	1\$500
Do Atheneu Commercial	4\$500
Sr. Candido Elias Pereira.	1\$500
Sr. conde de Castro	4\$500
Da Fabrica d'Abelheira (saldo d'uma conta) .	590
Sr. José Ferreira Marquitos	5\$000
Sr. dr. José Moreira da Fonseca	2\$250
Sr. Manoel Teixeira de Carvalho	3\$750
Sr. Eduardo A. de Lima	7\$380
Sr. João Mendes Osorio	4\$500
Sr. Candido Calheiros	4\$500
Anonymo.	1\$860
Reís. . . .	200\$000

Porto, 2 de março de 1888.

Carlos José da Silva.



DUAS PALAVRAS DE IRMÃO PARA IRMÃO

TENHO lido as provas que me tem mandado da explicação e historia da malfadada Lenda. Lamento cada vez mais o tristissimo incidente que veio toldar e cobrir de sombras negras o horisonte em que despontava pura e serena a luz da caridade. Tenho para mim, pela sêgunda vez o digo, que não houve justo motivo para tanta celeuma; todavia é certo que os juizos antecipados, preoccupando-nos o espirito, nos não deixam ver as cousas com a placidez e clareza com que as veríamos, se as paixões nos não cegassem: sirva-lhe o exemplo de lição.

Agora um conselho de irmão mais velho: prosiga nos seus nobres intentos e não desampare a sua obra de caridade; faça aos dous estabelecimentos todo o bem que puder, mas não escreva nem diga o que vae fazer, para que lhe não envenenem o pensamento.

No tribunal da consciencia e da razão nunca foram justificações legaes do transviamento do caminho do dever moral nem as provações da sorte nem as contra-

1/2 simples e cartas
pieds

130

J.

riedades da vida e muito menos os fructos de ruins paixões. E' portanto injustificavel transgressão da lei não praticarmos o bem e menos admissivel e mais peccaminoso ainda substituil-o pelo exercicio do mal. A Justiça infinita, que tudo vê, dará um dia a cada um o premio ou o castigo que lhe competir.

Lisboa, 9 de março de 1888.

Antonio Ferreira Mouzinho.

